

Aline Ponciano dos Santos Silvestre

“*Ai, se eu te pego...*”

Aspectos prosódicos de estruturas  
desgarradas em língua portuguesa

EDITORA DA **ABRALIN**



Aline Ponciano dos Santos Silvestre

*“Ai, se eu te pego...”*

Aspectos prosódicos de estruturas  
desgarradas em língua portuguesa

EDITORA DA **ABRALIN**

Campinas, SP  
2021



À memória de meus avós – Marina Ponciano Silva e  
José Sebastião dos Santos: não sabiam ler nem escrever, mas  
nenhuma palavra aqui seria possível sem suas preciosas lições.



## Agradecimentos

Muitas foram as pessoas envolvidas para que o trabalho apresentado neste livro chegasse a este ponto e, correndo o risco de esquecer alguém, não é possível nomear a todos. Às informantes que emprestaram suas vozes, aos colegas da área que me apontaram caminhos, aos amigos que sempre me encorajaram, aos alunos que me incentivaram, à família que sempre me motivou (mesmo sem entender muito bem o que fazia): meu muito obrigada.

No âmbito acadêmico, porém, há duas pessoas que precisam ser nomeadas porque, sem elas, este trabalho não existiria: as professoras Carolina Ribeiro Serra e Violeta Virginia Rodrigues, ambas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde me formei.

Sem a ajuda, as aulas e o encorajamento de Carolina, não teria me aventurado pelos caminhos da Fonologia Prosódica e nem tido a oportunidade de fazer o doutorado sanduíche na Universidade de Lisboa, onde, sob a supervisão da professora Sónia Frota, pude desenvolver boa parte da pesquisa que este livro apresenta. Sem também as aulas, a orientação e o acolhimento de Violeta no doutorado, não teria descoberto tão cedo o que eram as orações desgarradas nem me aventurado em pensar sobre a prosódia destas estruturas. Às duas, meus maiores agradecimentos e minha enorme admiração.

À Priscila Francisca dos Santos, pelo carinho da revisão cuidadosa.

À Carmen, Ana Claudia, João e Marina, minha família Ponciano, os maiores agradecimentos revestidos de amor sem fim.

À Capes e ao CNPq, pelo financiamento em bolsas que recebi – de 2013 a 2017 – e que foi essencial para o desenvolvimento desta pesquisa. Sem as instituições funcionando normalmente, nada seria possível.





## Palavra dos editores

Esta publicação, digital e gratuita, compõe o catálogo de livros digitais da Editora da ABRALIN, uma editora *open access*, criada em 2020, que busca oferecer mecanismos efetivos de publicação e circulação de obras de Linguística no país. A ideia que norteia seu funcionamento encontra melhor expressão nas palavras de seu idealizador, Prof. Dr. Miguel Oliveira Jr., presidente da ABRALIN: “acreditamos que dar acesso livre à produção intelectual de excelência, que é fruto – na maioria das vezes – de investimento público, é o caminho mais democrático no contexto socioeconômico em que vivemos”. Sem dúvida, essas palavras foram definitivas para o nosso engajamento na criação da Editora da ABRALIN. Queremos contribuir para fazer da Editora da ABRALIN um canal permanente de apoio à divulgação da sólida pesquisa feita nas muitas áreas da Linguística no Brasil.

Como todos sabemos, a ABRALIN desempenha papel fundamental na consolidação dos estudos linguísticos no Brasil, contribuindo de maneira crucial para a criação e a preservação de espaços de acolhimento da diversidade de ideias linguísticas, algo que tem urgência ética e é – no nosso entendimento – atitude necessária para manter o indispensável diálogo entre a sociedade e a comunidade científica. A Editora da ABRALIN nasce dentro desse contexto e com esse desígnio maior.

A excelência do trabalho da Editora e das obras por ela publicadas será garantida – disso temos certeza – pela esperada contribuição dos associados da ABRALIN. Tal contribuição constantemente

vem em atendimento aos editais e aos critérios tornados públicos periodicamente, na forma de propostas de publicação, na colaboração junto ao Conselho Editorial e com as demais atividades envolvidas no funcionamento da Editora.

Nossa expectativa é que a Editora da ABRALIN possa fornecer obras de qualidade, acessíveis gratuitamente ao público-leitor interessado, fomentando, assim, a pesquisa em Linguística, contribuindo com o diálogo constante entre pesquisadores e sociedade.

Valdir do Nascimento Flores  
Gabriel de Ávila Othero

**EDITORES**

## Prefácio

Esta obra reúne o resultado da tese de Silvestre (2017) e de considerações de alguns estudos posteriores, sobre a prosódia de orações desgarradas, realizados pela autora. Nela, é apresentada uma descrição prosódica do *desgarramento*, termo cunhado pela sintaxe funcionalista, para descrever orações tradicionalmente consideradas “subordinadas”, mas que podem existir sozinhas, sem a oração núcleo. Decat (2011), no livro *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*, traz uma série de estudos sobre o fenômeno do *desgarramento* realizados através do olhar funcionalista e suscita questões relativas à entoação de tais estruturas para as quais este livro pretende fornecer algumas respostas.

A análise empreendida fundamenta-se na busca por pistas prosódicas que permitam o entendimento (e a existência!) das ditas orações *desgarradas* na língua falada, recorrendo brevemente à resenha de descrições funcionalistas para o estabelecimento do objeto de estudo e voltando seu olhar à Fonologia Prosódica, de modo a descrever o fenômeno do *desgarramento* a partir de um outro ponto de vista. As reflexões realizadas estão alicerçadas na premissa de que é a Fonologia (e não a Sintaxe) o componente da gramática essencial para a desambiguação e estruturação de orações. O fator primordial para a existência de orações sintaticamente *desgarradas* passa a ser, então, que elas constituam um sintagma entoacional (IP) bem formado. Além das análises sobre a relação entre prosódia e *desgarramento*, são trazidas breves reflexões acerca da formaliza-

ção do chamado “contorno continuativo” que, na literatura de base prosódica, tem sido descrito como predominantemente ascendente.

As descrições aqui apresentadas trazem contributos tanto para os estudos linguísticos - sobre a interface entre Fonologia e Sintaxe e sobre variação em língua portuguesa - quanto para estudos na área de Educação que lidam com a classificação de estruturas sintáticas.



# Sumário

- 17 PRA INÍCIO DE CONVERSA...
- 23 **CAPÍTULO 1**  
JÁ QUE ESSE É O TEMA DO LIVRO...  
OU O DESGARRAMENTO:  
REVISÃO DA LITERATURA
- 49 **CAPÍTULO 2**  
QUANDO SE OLHA POR OUTRO ÂNGULO...  
OU APORTE TEÓRICO:  
REDEFININDO O FENÔMENO
- 93 **CAPÍTULO 3**  
SE O OLHAR É OUTRO...  
OU PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA  
A ANÁLISE PROSÓDICA DO DESGARRAMENTO

**105** **CAPÍTULO 4**  
QUANDO A FALA É VISTA...  
OU ANÁLISE PROSÓDICA DE ORAÇÕES  
ADVERBIAIS ANEXADAS À ORAÇÃO NÚCLEO  
NO PB E NO PE

**151** **CAPÍTULO 5**  
*JÁ QUE VEMOS A FALA...*  
OU ANÁLISE PROSÓDICA DE ORAÇÕES  
ADVERBIAIS *DESGARRADAS TOTAIS* NO PB  
E NO PE

**201** **CAPÍTULO 6**  
*PRA IR TERMINANDO...*  
OU SISTEMATIZAÇÕES SOBRE O  
DESGARRAMENTO NA LÍNGUA FALADA  
NO PB E NO PE

**219** EMBORA MUITO SE TENHA DITO...

**223** REFERÊNCIAS

**235** SOBRE A AUTORA





## Pra início de conversa...

O tema deste livro é a caracterização prosódica de orações adverbiais *desgarradas*. Mais especificamente, numa comparação entre estruturas que ocorrem juntamente à oração núcleo e estruturas adverbiais que ocorrem sozinhas, almeja-se, aqui, descrever pistas prosódicas que permitem compreender uma oração que, sendo chamada *subordinada* na tradição gramatical, ao contrário do que tal tradição postula, existe na língua sem estar estruturalmente subordinada à denominada oração “principal”.

A existência das chamadas orações *desgarradas* foi defendida por Decat (1999, 2011), com base em uma análise funcional discursiva. Atendo-se primordialmente à análise de dados escritos, a autora percebe o *desgarramento* como uma estratégia a serviço da produção textual, através da qual o autor do texto produziria sequências como “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de Carnaval” (DECAT 2011, p. 33), em que há o uso de pontuação não canônica como estratégia de focalização, estando presente na sequência, todavia, a chamada oração “principal”. Além do *desgarramento* majoritariamente analisado por Decat em seus estudos, a autora menciona, em sua descrição do fenômeno, um tipo de oração *desgarrada* que denota a clara possibilidade de orações adverbiais ocorrerem totalmente sozinhas. Exemplos disso são as orações “Se eu ganhasse na Sena!”, exemplificada nos trabalhos de Decat, e tam-

bém a que dá título a esta obra, já bastante concretizada na voz de Michel Teló e por tantas outras pessoas - "Ai, se eu te pego..." São orações adverbiais que ocorrem sozinhas, soltas, *desgarradas*, mas que são completamente interpretáveis dentro de um determinado contexto comunicativo.

Decat (1999, 2011), portanto, trata como *desgarradas* duas estruturas que, neste livro, porque se procederá a uma descrição baseada em princípios da fonologia - são essencialmente diferentes. E é ao segundo tipo de estrutura *desgarrada* mencionada acima - estruturas semelhantes à de nosso título - a que se aterá, distinguindo-as das anteriores e batizando-as de *desgarradas totais*. Analogamente à tradição dos estudos prosódicos, que nomeiam como *questões totais* perguntas para as quais a resposta pode ser apenas "sim" ou "não", uma vez que contêm toda a informação desejada, serão chamadas de *desgarradas totais* as orações adverbiais em que a oração núcleo não é recuperável textualmente, pelo fato de serem adverbiais que possuem, sozinhas, toda a informação necessária à sua interpretação, tal qual as referidas *questões totais*. Sendo o *desgarramento* o tema deste livro, as orações formalmente anexadas à cláusula núcleo serão posteriormente chamadas de *não desgarradas*.

Assumindo como objeto de estudo, então, orações que foram primeiramente observadas pela sintaxe funcionalista, a meta aqui é descrever, com base numa teoria fonológica de base formal, o comportamento prosódico de orações *desgarradas totais*. Com isso, sustenta-se como primeira hipótese o fato de elas só poderem existir sozinhas porque há pistas prosódicas salientes que consentem tal existência. A aparente contradição entre funcionalismo *versus* formalismo que pode emergir da referida meta, não terá, contudo, lugar aqui.

Boff (1998, p.9) afirma que "cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam", até porque "todo pon-

to de vista é a vista de um ponto”. As interessantes reflexões de vida feitas pelo teólogo podem também servir a reflexões acerca das diferentes visões sobre os fenômenos linguísticos. Com isso, num olhar bastante simplista, é bom lembrar que, desde o século XX, duas grandes vertentes da linguística se destacam pelas formas antagônicas como veem a língua e a tratam em seus estudos: o gerativismo e o funcionalismo.

A linguística gerativa postula que o comportamento linguístico dos indivíduos é procedente “de um dispositivo inato, uma capacidade genética e, portanto, interna ao organismo humano, a qual é destinada a constituir a *competência linguística*<sup>1</sup> de um falante” (KENEDY 2009, p.129). O modelo gerativo, portanto, não tem interesse central no desempenho linguístico dos indivíduos e, uma vez que seu objeto prioritário de investigação é a competência que os falantes têm da língua, definida mais tarde em termos da “Gramática Universal”, os estudos clássicos do gerativismo não dão relevo à análise de dados reais, interessando-os, fundamentalmente,

o funcionamento da mente que permite a geração das estruturas linguísticas observadas nos dados de qualquer *corpus* de fala, mas não lhes interessam esses dados em si mesmos ou em função de qualquer fator extralinguístico, como o contexto comunicativo ou as variáveis sociais que influenciam o uso da linguagem. (KENEDY, 2009, p. 134).

A linguística funcionalista, por outro lado, é uma corrente teórica que tem interesse fundamental no estudo das relações entre a estrutura gramatical e contextos comunicativos. Deste modo, em

---

1 Entende-se por *competência linguística* o “conhecimento linguístico inconsciente que o falante possui sobre a sua língua e que lhe permite intuições / julgamentos sobre (a) gramaticalidade” (Kenedy, 2009, p.133). O *desempenho linguístico*, por sua vez, seria o uso concreto da língua.

comparação ao gerativismo, a abordagem funcionalista apresenta “diferentes concepções no que diz respeito aos objetivos da análise linguística, aos métodos nela utilizados e ao tipo de dados utilizados como evidência empírica” (FURTADO DA CUNHA 2009, p.157). Os funcionalistas percebem a língua como um instrumento de interação social, interessando-os as investigações linguísticas de dados reais e que vão além da estrutura gramatical, “buscando na situação comunicativa – que envolve os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo – a motivação para os fatos da língua” (FURTADO DA CUNHA, 2009, p. 174).

Muitos debates acerca das assunções de ambas as correntes teóricas têm sido suscitados ao longo dos anos e, na busca de preencher lacunas existentes pela não interface entre o formal e o funcional, alguns autores, como Newmeyer (2010), afirmam, com bastante propriedade, que Funcionalismo e Gerativismo não são completamente excludentes e que

uma observação próxima de fenômenos relevantes revela que os dois são complementares, mais do que estarem inequivocamente em oposição um ao outro. Pode-se ser um linguista formal e um linguista funcional ao mesmo tempo, sem haver nenhuma contradição.<sup>2</sup>  
(NEWMAYER, 2010, p.301)

Apesar de aqui se concordar com a existência de alguma complementariedade, tal propriedade não será vista nestas páginas, assim como aqui não se colocarão questões concernentes à primazia de uma ou outra teoria. Colocar-se-ão, neste livro, Funcionalismo e Formalismo em lados opostos, como normalmente se vê, na bus-

---

2 close examination of the relevant phenomena reveals that the two are complementary, rather than being irrevocably in opposition to each other. One can be a formal linguist and a functional linguist at the same time, without there being any contradiction

ca da descrição prosódica de um mesmo fenômeno linguístico – o *desgarramento*. Pés que pisam o mesmo lugar, porém com vistas de diferentes pontos e leituras com diferentes olhos.

O ponto de partida será a análise funcionalista, uma vez que o objeto de estudo sobre o qual este livro se debruça foi proposto com base nos alicerces de tal corrente teórica. Deste modo, o capítulo 1 e suas subseções abordarão tópicos relativos à revisão da literatura sobre o fenômeno, que vão desde a definição do *desgarramento* à breve e seletiva descrição de trabalhos, de base funcional, que abordam questões de interesse ao tópico estudado.

Feitas as basilares considerações funcionalistas, no capítulo 2, lançam-se os alicerces da análise prosódica do *desgarramento*, proveniente de uma visão gerativa, a fim de responder o primeiro questionamento que rodeia o fenômeno em estudo: o que permite, prosodicamente, que uma oração *desgarrada* seja compreendida sem a oração núcleo? A análise, portanto, permitirá a busca de respostas concernentes ao principal objetivo anteriormente exposto, tema deste livro: a descrição prosódica de estruturas *desgarradas totais* em português. Neste mesmo capítulo, serão elucidadas as hipóteses referentes à prosódia de tais cláusulas, as quais guiarão os processos de análise.

Estipulados os conceitos teóricos a serem seguidos, o capítulo 3 descreverá os procedimentos metodológicos adotados para a análise dos dados, análise essa pautada num *corpus* de leitura, montado com vistas a discussões de ordem prosódica, a fim de que seja descrito se as pistas caracterizadoras do fenômeno em estudo são variações fonéticas ou se constituem um padrão fonológico próprio. No capítulo 4, serão relacionados e discutidos nossos resultados para que no capítulo 5, por fim, sejam feitas as considerações finais a que a análise dos dados nos conduz.

Agarrem-se, então, ao tema.



## CAPÍTULO 1

Já que esse é o tema do livro...

ou

O desgarramento: revisão  
da literatura

Para que o fenômeno do *desgarramento* seja compreendido, é importante, antes de tudo, que se revise o que diz a Gramática Tradicional (doravante GT) que, ao tratar das relações sintáticas no período composto, descreve a possibilidade de apenas duas formas de articulação entre orações que o compõem: a coordenação e a subordinação. Por tal viés, a coordenação é vista como um processo de junção de orações em que estas são, teoricamente, independentes sintática e semanticamente, ao passo que, na subordinação, as orações envolvidas na composição do período são dependentes dos pontos de vista sintático e semântico.

No que tange particularmente à subordinação, são, na tradição gramatical, assim designadas orações de características bastante diferentes, o que tem fomentado, ao longo dos anos de estudos linguísticos, a concepção de diferentes propostas de classificação das orações no período composto, entre elas a proposta funcionalista (explicitada posteriormente na seção 1.1). Esta proposta, como salientou Neves (2003, p.125), tem privilegiado as orações tradicio-

nalmente chamadas adverbiais como objeto de pesquisa, “especialmente pelo fato de ser dificilmente sustentada a condição de ‘subordinadas’ que a tradição lhes atribui”, uma vez que a configuração das adverbiais difere sobremaneira da configuração observada nas substantivas e adjetivas restritivas.

Não só a proposta funcionalista menciona com clareza que há heterogeneidade sob o rótulo “adverbial” dado pela tradição. A “Gramática da Língua Portuguesa”, organizada por Mateus *et al.* (1989), de base formal, também já apontava para essas diferenças ao categorizar as “verdadeiras” adverbiais de um lado e, do outro, o que foi cunhado como “construções de graduação e comparação”. As autoras da referida obra propõem que as orações verdadeiramente adverbiais podem, em geral, ser destacadas por clivagem e ocupar diferentes posições na oração, o que não ocorre com orações comparativas, consecutivas, conformativas e proporcionais.

As considerações introdutórias relativas à heterogeneidade de configurações das adverbiais conduzem ao cerne das questões abordadas nesse livro: a existência de orações adverbiais tradicionalmente consideradas subordinadas e que, portanto, não poderiam subsistir sem a presença de uma oração “principal”, mas que, na empiria, podem ser facilmente observadas na produção dos falantes e compreendidas pelos ouvintes.

A existência de tais orações foi, para o português, descrita primeiramente por Decat (1999) e, por isso, as próximas seções são dedicadas às definições cunhadas pela autora, basilares para o entendimento do objeto de discussão deste trabalho.

### **1.1 OS TRABALHOS DE DECAT**

Divergindo do que é usualmente postulado pela tradição gramatical, Decat (1999, 2011), fundamentada numa análise funcional-discursiva, defende a necessidade de verificação do tipo de dependência



(forma, sentido, pragmática) considerado para a definição do *status* dependente ou não das cláusulas<sup>3</sup>. A autora afirma que

na caracterização da dependência de uma cláusula a outra, o parâmetro formal apresenta-se como o mais utilizado. Entretanto, conforme ressalta Thompson (1984), uma análise que fique presa exclusivamente a indicadores formais terá, forçosamente, de considerar a cláusula subordinada como dependente. (DECAT, 2011, p.24)

Decat (2011) aponta, então, a distinção entre dois grupos de subordinadas: 1) **encaixadas**: aquelas que são cláusulas dependentes, estruturalmente integradas, e que desempenham um papel gramatical em *constituência* com um item lexical, grupo no qual se encontram as tradicionalmente chamadas substantivas e adjetivas restritivas; e 2) **hipotáticas**: aquelas que são cláusulas dependentes e que representam opções organizacionais para os falantes, das quais emergem *proposições relacionais* (inferências), podendo constituir, elas mesmas, *unidades de informação* à parte, grupo no qual se encontram as tradicionais adjetivas explicativas e as adverbiais.

Ainda segundo considerações de Decat (2011), as estruturas de hipotaxe, cláusulas menos dependentes e que, portanto, podem formar uma *unidade de informação* por si, estariam propensas ao **desgarramento**, ou seja, teriam **a possibilidade de ocorrerem, sintaticamente, independentes na língua**:

---

3 O termo *cláusula* (e não *oração*) será majoritariamente citado nesta seção, uma vez que, de acordo com as análises funcionalistas, são assim definidas as estruturas que constituem unidades de informação e que podem conter ou não verbos, embora, normalmente, os termos sejam tomados como sinônimos. Nos próximos capítulos, entretanto, o termo *oração* será o mais utilizado.

(...) a noção de “unidade de informação” está correlacionada com a ocorrência isolada de cláusulas subordinadas. Caracterizando-se como opções do discurso, servindo a objetivos comunicativo-interacionais, tais cláusulas “desgarram-se” porque constituem **unidades de informação à parte**, o que as reveste de um menor grau de dependência, tanto formal quanto semântica, chegando mesmo a se identificarem como cláusulas tidas como independentes, à maneira de alguns tipos de coordenadas. A dependência que se estabelece, nesses casos, será pragmático-discursiva. (DECAT, 2011, p.42, grifo meu)

No decorrer de sua argumentação, a autora explica que a ocorrência de uma oração subordinada sem a oração núcleo já fora considerada por Góis (1955 *apud* DECAT, 2011, p.27), gramático tradicional, ainda que o autor a registrasse como uma ‘anomalia gramatical’ e que, na linguística moderna, Perini (1989) também já apontava o fato de cláusulas adverbiais constituírem, com frequência, um período separado por sinal de pontuação da cláusula núcleo. Tal explicação visa a sustentar a tese de que uma análise que considere a existência de orações adverbiais soltas não pode estar restrita ao nível sentencial, devendo, ao contrário, “ampliar seu campo, de modo a abranger um discurso maior que a sentença” (DECAT, 2011, p.27), visão claramente funcionalista.

Uma vez que a relativização do tipo de dependência, essencial ao *desgarramento*, está intrinsecamente relacionada à reiterada noção de *unidade de informação*, postulada por Chafe (1980), dedica-se espaço a esta noção a seguir.

## 1.2 A UNIDADE DE INFORMAÇÃO

Chafe (1980), em texto sobre o desenvolvimento da consciência na produção de narrativas, afirma que uma propriedade facilmente

observável da fala espontânea é o fato de ela ser produzida em séries de curtos jatos, jatos esses que, de acordo com o autor, Halliday (1967) nomeou como “information units”, Gremis (1975) chamou de “information blocks”, Crystal (1975) cunhou como “tone – units” e Kroll (1977) verbalizou como “idea-unit”, termo que Chafe (1980) adota a princípio, afirmando que há critérios óbvios na identificação das “idea units”:

um é a entoação – a maioria das *idea units* termina com um contorno que pode ser apropriadamente chamado de ‘clause-final’ (...).O segundo fator é a pausa: *idea units* são tipicamente marcadas por pelo menos uma pausa breve, frequentemente uma quebra leve no tempo. Sintaticamente, há a tendência de uma ‘*idea unit*’ consistir em uma única cláusula – um verbo, acompanhado de qualquer sintagma nominal associado a ele.<sup>4</sup>  
(CHAFE, 1980, p.14)

O autor faz a ressalva de que, ainda que as unidades informacionais tenham a tendência de serem destacadas pela entoação, pausa e sintaxe, não há, necessariamente, a exigência de que os três fatores estejam sempre presentes. Além disso, a presença de qualquer um deles não é sinalização categórica da fronteira de uma *idea unit*, uma vez que qualquer entidade cognitiva não é consistentemente manifesta em algum desses fenômenos linguísticos. Todavia, Chafe (1980) afirma ser, aparentemente, a subida ou a descida final (ou seja, a entoação) o parâmetro mais consistente daquilo que ele, intuitivamente, chama de *idea unit*, ao passo que a estrutura sintá-

---

4 one is intonation. Most *idea units* end with an intonation contour that might appropriately be called clause-final(...). A second factor is pausing: *idea units* are typically separated by at least a brief pause, often only the slight break in tempo (...). Syntactically there is a tendency for *idea units* to consist of a single clause: one verb with whatever accompanying noun phrases are associated with it.

tica de uma cláusula seria o critério menos necessário para a identificação de tal unidade (CHAFE, 1980, p.14).

Ainda sobre a naturalidade com que as *idea units* são percebidas, Chafe (1980) afirma que, mesmo ouvindo uma língua desconhecida, percebe-se que a referida unidade frequentemente termina com um tom descendente distintivo, o que é naturalmente associado ao fim da sentença e comunica, ao ouvinte, a impressão de completude. O estudioso explica também que essa entoação final de sentença geralmente é coincidente com um fechamento sintático e constitui o que 'gramáticos' identificariam como sentença completa (CHAFE,1980, p.15). É interessante que se ressalte o termo *geralmente*, reiterado por Chafe (1980) mais à frente em seu texto, lembrando que, embora seja importante a ideia de supor que os lugares sintáticos e entoacionais coincidem, análises de fala espontânea revelam uma não coincidência bastante frequente, sendo a entoação o primeiro indicador de que o falante encontrou um fechamento para um "centro de interesse" (CHAFE,1980, p.31).

É tendo em mente todas essas afirmações acerca da *idea unit* que Decat (2011) considera ser propícia uma abordagem por meio da noção de *unidade de informação*, por ser esse um viés mais adequado para a questão do significado "completo" ou "incompleto" de uma cláusula. A autora assegura sua argumentação afirmando que

o fato de a cláusula não poder constituir por si só um enunciado decorre do fato de ela não ser uma unidade de informação. Por outro lado, se uma cláusula – adverbial, por exemplo – constituir uma unidade de informação por si mesma, ela será uma construção hipotática (uma opção de organização do discurso) e, portanto, independente. Se mesmo uma cláusula adverbial estiver em constituência com um item lexical de outra cláusula, ela não será, provavelmente, uma unidade de informação à parte, estando, pois, encaixada, integrada estruturalmente em outra. Uma análise que leve em conta essa noção poderá explicar, assim, a

diferença entre um sintagma adverbial clausal que esteja dentro do sintagma verbal e uma sintagma adverbial clausal que esteja fora desse sintagma.  
(DECAT, 2011, p.30).

Tendo essas breves informações em mente, serão exemplificadas cláusulas *desgarradas* na seção a seguir, conforme Decat (2010), para que se clarifiquem as diferenças relativas à constituição ou não de um sintagma clausal e para que se entenda, com mais clareza, o tipo de fenômeno descrito pela linguista.

### 1.3 A MATERIALIZAÇÃO DAS *DESGARRADAS*

Em seu trabalho sobre “Estruturas *desgarradas* em língua portuguesa”, uma das afirmações mais esclarecedoras de Decat (2011) sobre o que é o *desgarramento*, a qual leva à exata percepção do fenômeno nas modalidades oral e escrita da língua, surge da verificação de orações *desgarradas* em estudos anteriores, afirmando a autora que

Dizer que uma cláusula subordinada não pode existir por si mesma  $\frac{3}{4}$  tendo uma função sintática na cláusula matriz  $\frac{3}{4}$  é negar a existência de um fenômeno frequente em muitas línguas e já admitido em 1937 por BRÖNDAL (apud LEHMANN, 1988), e também apontado por JESPERSEN (1971), para quem um enunciado como

Se eu ganhasse na Sena!

constitui uma frase completa, embora seja originalmente uma subordinada.  
(DECAT, 2011, p.25)

As análises feitas por Decat no decorrer de seus trabalhos, contudo, são baseadas primordialmente em dados de língua escrita. Considerando sempre porções maiores de textos, como preve-

em os pressupostos da corrente teórica a que a autora se afilia, o *desgarramento* é primeiramente definido a partir da verificação de sequências em que há, entre a oração núcleo e a adverbial, uma pontuação não canônica, pontuação essa não interpretada como erro, mas claramente identificada como um procedimento estilístico, sendo o *desgarramento* uma estratégia que se coloca a serviço da produção textual (DECAT, 2011, p.120).

Os exemplos a seguir, retirados de Decat (2011, p.33) ilustram o fenômeno:

(1) “Esse caso com a modelo Lilian Ramos realmente foi uma tragédia. **Apesar de Itamar ser um senhor solteiro e o ambiente ter sido de Carnaval.**” (Estados de Minas, 17/2/94)

(1) Na Câmara dos Deputados, a Comissão Externa sobre os Desaparecidos políticos, presidida pelo deputado Nilmário Miranda (PT-MG) estuda a proposta do governo de indenizar os familiares dos mortos e desaparecidos políticos. **Enquanto na Câmara Municipal de Belo Horizonte tramita o projeto para dar nomes de mortos e desaparecidos políticos mineiros a 42 ruas da capital.** (Jornal de Casa, BH-MG, 9 a 15/05/93)<sup>5</sup>  
(DECAT, 2011, p.33)

De acordo com a proposta de análise funcionalista, as porções de texto destacadas em negrito são, nos termos da autora, “opções de organização do discurso, não sendo, portanto, estruturalmente integradas em outra” (DECAT, 2011, p.34). Ainda segundo a pesquisadora, pode-se dizer que os exemplos constituem “unidade de informação à parte” e “é exatamente por isso possível o seu *desgarramento* de outra cláusula com a qual mantém, no caso das adverbiais, alguma relação semântica” (DECAT, 2011, p.34). Isto é, em termos

---

5 Em Decat (2011), os exemplos aqui numerados como (1) e (2) são os exemplos (3) e (4).

de constituição, afirma-se que as cláusulas *desgarradas* são um sintagma clausal fora do sintagma verbal anterior, não constituinte da oração núcleo.

Neves (2003), em trabalho que discute as adverbiais como elementos de estatuto extraoracional, afirma, em uma de suas considerações, que as relações adverbiais são tão independentes que chegam a ser expressas em enunciados paratáticos, como em “Fosse você passava ele para frente”, vindo geralmente em primeiro lugar, apresentando entoação ascendente no primeiro membro e “quebra entoacional” em seu final. Além disso, a autora assevera que há tamanha liberdade do falante no jogo discursivo com as adverbiais “a ponto de se prepararem molduras que ficam vazias, criando-se espaços mentais que obtêm efeitos particulares muito significativos” (NEVES, 2003, p.130). Exemplos desse fato são orações que Neves (2003) considera serem de “posição absoluta”, como “Ah, se eu voltasse” e ‘Ah, fosse sempre assim”, as quais, de acordo com a nomenclatura de Decat (2011), poderiam ser caracterizadas como *desgarradas*, por serem uma única “unidade de informação” e por permitirem a ativação de inferências.

Diferentemente do que ocorre com as cláusulas hipotáticas adverbiais, os exemplos de cláusulas encaixadas a seguir, também encontrados em Decat (2011), exibem a dificuldade de tais orações ocorrerem de forma independente/ *desgarrada*<sup>6</sup>, já que refletem uma grande integração semântica em consonância à oração núcleo, sendo um sintagma clausal dentro do verbo (ou do nome) anterior, o que faz perceber a existência de apenas uma “unidade de informação”, pois “o conteúdo semântico das cláusulas encaixadas é parte do conteúdo semântico da estrutura como um todo” (DECAT, 2011, p.35):

---

6 Há, entretanto, exemplos de *desgarramento* de cláusulas-complemento, o qual só ocorre quando tais cláusulas já aparecem como ‘encaixadas’ no discurso. (Decat, 2011, p. 36)

- (3) O dono da farmácia disse que o remédio está em falta.
  - (4) O livro que comprei custou caro.
  - (5) \*O dono da farmácia disse. Que o remédio está em falta.
  - (6) \*O livro custou caro. Que comprei.<sup>7</sup>
- (DECAT, 2011, p.35)

As questões relativas à constituição ou não de um sintagma clausal em outro são, portanto, primordiais à existência do fenômeno do *desgarramento*, o qual tem sua maior produtividade relacionada ao fato de uma oração não ser constituinte de outra. Além das questões sintáticas de constituição, é importante frisar o papel pragmático e discursivo das cláusulas *desgarradas*, ressaltando que, como pondera Decat (2011, p. 40), o *desgarramento* aponta para o equívoco dos gramáticos tradicionais que

tratando a cláusula subordinada como dependente, consideram-na de sentido 'secundário'. Ora, isso não mais se sustenta. Os dados examinados até o momento mostraram que a ocorrência isolada foi exatamente da cláusula subordinada, destacando, assim, a porção mais relevante do sentido do enunciado. No caso das adverbiais, por exemplo, que são adjuntos', não há por que falar em papel acessório ou secundário; pragmática e discursivamente elas são importantes, porque servem ao estabelecimento da interação.

(DECAT, 2011, p.40)

Desse modo, fica estabelecido que as cláusulas adverbiais isoladas, *desgarradas*, subsistem sem a oração núcleo por estarem subordinadas ao contexto pragmático - discursivo, o que revela ser o termo *desgarramento* intrinsecamente ligado à sintaxe, à não articulação entre duas cláusulas: a cláusula *desgarrada* existe porque não há dependência sintática, havendo isolamento em relação

---

7 Em Decat (2011), os exemplos aqui numerados de (3) a (6) são os exemplos de (7) a (10).



à cláusula núcleo, todavia, há dependência pragmático-discursiva, sendo impossível seu isolamento em relação ao contexto<sup>8</sup>.

Levando em consideração todo o exposto anteriormente e tendo sido pontuada a importância da relação entre cláusulas *desgarradas* e um comportamento prosódico específico, a próxima seção será dedicada a uma selecionada revisão da literatura funcional-discursiva que, de algum modo, debruçou-se sobre a análise prosódica/ entoacional de orações funcionalmente classificadas como hipotáticas<sup>9</sup>, a fim de que se percebam as prioridades do olhar funcionalista e para que, no que tange especificamente às cláusulas *desgarradas*, conheçam-se os resultados de análises prosódicas preliminares.

#### **1.4 SINTAXE E PROSÓDIA NA VISÃO FUNCIONALISTA: PRIMEIROS PASSOS**

No decorrer dos estudos funcionais-discursivos concernentes às cláusulas hipotáticas, algumas análises se debruçaram sobre a observação de parâmetros prosódicos, em busca de uma descrição mais acurada da função exercida por essas cláusulas em determinados contextos. Os trabalhos de Fox (1984), Ford (1988), Souza (2009, 2010), Garcia (2010), Decat (2011), Rodrigues e Silvestre (2014) e Gonçalves e Silvestre (2020) são alguns desses estudos que levam, de algum modo, aos caminhos que nortearão, sob outro olhar, a análise prosódica das cláusulas *desgarradas* aqui empreendida.

---

8 Em Rodrigues (2019, 2021), são encontradas mais reflexões acerca de orações *desgarradas* e de orações *insudordinadas* sob o olhar estritamente funcionalista.

9 Reiteramos que, no Funcionalismo, designam-se “hipotáticas” tanto cláusulas adjetivas quanto cláusulas adverbiais.

Fox (1984) mostra de que forma a visão da entoação como uma estrutura pode contribuir para a articulação discursiva, afirmando que o papel das características entoacionais no discurso não pode ser adequadamente avaliado se não for visto em seu contexto estrutural.

O trabalho do autor, então, trata os grupos tonais como uma sequência e não como entidades independentes, estabelecendo uma não refinada divisão binária entre os padrões que terminam com um tom baixo (L) e aqueles que terminam com um tom alto (H), sem que haja nenhuma significação teórica atrelada a essa divisão, e postulando as seguintes combinações: H+L; L+L, L+H, H+H.

Diante de tais combinações, Fox (1984) considera que a relação particular entre os grupos tonais a ser investigada é a de dependência, a qual é, na essência, uma relação de ocorrência: um grupo tonal é subordinado a outro se sua ocorrência depende da ocorrência do outro grupo tonal, não podendo ocorrer sozinho. Se as combinações antes postuladas forem examinadas segundo esse ponto de vista, poderá ser percebido que diferentes sequências parecem ter diferentes tipos de relações internas e que o tipo H+L parece ser interpretado como formador de uma sequência subordinada em que o tom H é dependente do tom L.

Ainda ao examinar as sequências de grupos tonais, o autor sustenta que a sequência L+L não traz a impressão de um grupo tonal dependente seguido por um independente, mas de dois grupos tonais independentes em uma relação de coordenação. Exemplo disso seria a sentença "Eu te darei um anel/ quando eu voltar" que, apesar de apresentar uma subordinação gramatical da segunda cláusula, não há prioridade entoacional e os dois grupos tonais parecem ser entidades equivalentes.

A sequência L+H é considerada mais complexa e é tratada, pelo estudioso, como uma formação de dois grupos tonais na qual o se-

gundo é subordinado. Contudo, Fox (1984) afirma que essa interpretação não é única, podendo a estrutura tonal L+H também ser parte de uma estrutura coordenada, uma vez que a identidade de padrões e dois grupos tonais não é essencial para as estruturas coordenadas.

Resumindo os achados em relação às sequências tonais, Fox (1984) alega que grupos tonais em sequência podem ser vistos como decrescentes em dois tipos básicos de relação: uma relação subordinada, em que um grupo tonal é dependente de outro, e uma relação de coordenação, em que os grupos tonais são ligados, mas independentes. Não há, todavia, vínculo absoluto e consistente entre o padrão usado e o *status* do grupo tonal que nele ocorre, uma vez que estruturas entoacionais não se assemelham em complexidade com a sintaxe.

Ao considerar o papel da estrutura entoacional na articulação do discurso, o pesquisador afirma que isto não significa perguntar que tons particulares podem ser ditos para significar, pois o padrão entoacional de um grupo tonal não é um guia suficiente para seu papel estrutural. São as estruturas entoacionais como um todo que devem se projetar no discurso e que podem ser ditas como tendo significância dentro dele. Deste modo, percebe-se que alguns tipos de sentenças são passíveis de explorar funções gerais da entoação de formas específicas e que outros tipos de sentenças tendem a ser regularmente associadas a certas estruturas entoacionais, porém isso não implica uma relação biunívoca entre estrutura entoacional e tipo de sentença, apenas reafirma que ambas – estrutura sentencial e estrutura entoacional – carregam significados no discurso e podem convergir.

O trabalho de Fox (1984), que permeia discussões sobre a relevância do estudo da entoação em grupos tonais, a relação entre grupos de tons e subordinação/coordenação, além de considerações sobre estrutura entoacional e discurso, traz passos concretos sobre

a profícua discussão concernente à relação entre estruturas sintáticas específicas, sua caracterização prosódica e seu papel contextual.

Ford (1988) analisa a fronteira de cláusulas hipotáticas temporais (introduzidas por *when*, *before*, *after*, *while*, *since* e *as*), causais (introduzidas por *because* and *cause*) e condicionais (introduzidas por *if*), observando a variação na entoação e pontuação, a fim de perceber como estas cláusulas são representadas nos dados de escrita e fala.

No que tange particularmente aos dados de fala, a autora afirma que há variação nos padrões de fronteiras entoacionais que diferentes tipos de cláusulas adverbiais exibem em relação à sua cláusula nuclear. Considerando a diferenciação entre cláusulas que seguem um contorno continuativo (*bound*) e cláusulas que seguem um contorno de entoação final (*separated*), Ford (1988) constata que as cláusulas temporais são as que mais frequentemente seguem um contorno continuativo e postula a evidência de uma gradiência no grau de terminalidade, o qual começa com as temporais, vai em direção às condicionais e termina com as causais, sendo estas as que mais seguem uma entoação final.

Em relação aos dados de escrita, a autora, com o objetivo de determinar se os escreventes variam sua pontuação de acordo com o mesmo *continuum* que os falantes no *corpus* oral, inventariou os artifícios ortográficos utilizados para sinalizar a separação ou a falta de fronteira entoacional, constatando que as cláusulas adverbiais foram conectadas às cláusulas núcleo através de quatro diferentes tipos de pontuação: zero, vírgula, ponto e travessão, sendo os dois primeiros mais comuns. Os resultados de Ford (1988) revelaram que casos de cláusulas pontuadas como sentenças separadas ou fragmentos ocorreram somente com causais e condicionais, o que dá suporte à ideia de um *continuum* de fronteiras entoacionais que prediz serem as causais e as condicionais as mais provavelmente

separadas de sua cláusula principal do que as temporais, sendo os pontos melhores sinais de separação do que vírgulas.

Por fim, a pesquisadora conclui que, mesmo não sendo possível alegar nenhuma predição direta considerando a entoação ou pontuação de diferentes tipos de cláusulas adverbiais, de fato parece haver uma associação entre o tipo de conexão adverbial sendo feita e a probabilidade de a cláusula adverbial ser separada ou não entoacionalmente de sua cláusula principal. O trabalho de Ford (1988), portanto, apresenta interessante discussão inicial no que tange à relação entre pontuação, estrutura entoacional e sua identificação em cláusulas adverbiais.

Souza (2009), em tese de doutoramento intitulada “A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional”, realizou pesquisa sobre a modalidade oral da língua e, analisando-a acusticamente, concluiu que aparecem aspectos prosódicos na diferenciação entre cláusulas relativas restritivas e não restritivas, aspectos esses relativos, especialmente, à entoação e à pausa.

De acordo com os resultados encontrados pela pesquisadora, as restritivas pospostas caracterizam-se pela ausência de marcas prosódicas, enquanto as não restritivas são marcadas por uma segmentação em relação à cláusula matriz, cuja principal manifestação é o tom de fronteira, sendo a pausa um fator secundário. Assim sendo, a autora chega à consideração de que a distinção de cláusulas relativas se faz a partir da inter-relação entre a prosódia e a sintaxe.

Continuando os estudos sobre as relativas, Souza (2010), em artigo intitulado “Cláusulas relativas - um caso de interface entre sintaxe e prosódia”, parte do pressuposto de que os níveis sintático e prosódico são complementares, pesquisando o papel da pausa e da frequência fundamental (F0), com valores obtidos através do Programa *Praat*, na distinção entre orações relativas restritivas e não restritivas. A autora se utilizou de um *corpus* de fala semies-

pontânea e de testes de percepção que conferiram maior confiabilidade aos resultados encontrados, os quais, contrariando o que tradicionalmente se postula, reafirmaram não ser a pausa o fator decisivo para a distinção dos dois tipos de relativas, e sim a entoação. As figuras a seguir, retiradas de Souza (2010), exemplificam os resultados da autora:

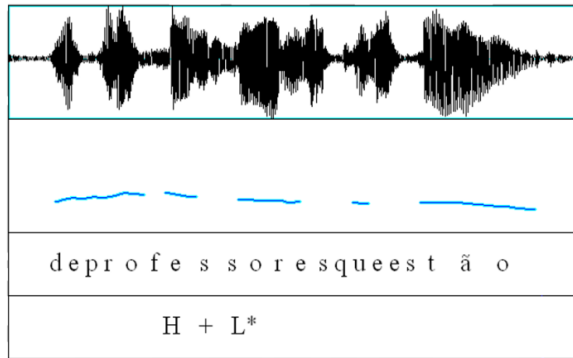


Fig. 3: Contorno entoacional anterior à relativa restritiva. Fonte: Souza (2010, p.122)

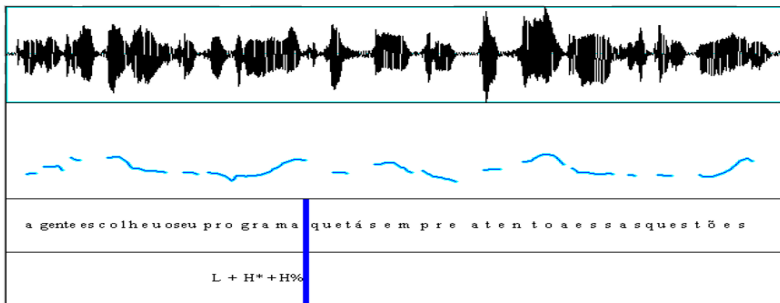


Fig. 4: Contorno entoacional anterior à relativa não restritiva. Fonte: Souza (2010, p. 122)

Os exemplos das figuras 3 e 4 reafirmam a hipótese da pesquisadora de que a pausa normalmente funciona “como um índice redundante na distinção entre as relativas, e não como um traço prototípico” (SOUZA, 2010, p.126), sendo o tom de juntura alto o mais importante caracterizador da relativa não restritiva. Os resultados de Souza (2009, 2010) corroboram, assim, que apenas uma real análise de fatores prosódicos é capaz de afirmar ou infirmar as hipóteses intuitivas sobre estruturas que, claramente, podem ser diferenciadas por tais fatores.

Garcia (2010) investiga as relações de concessão, oracionais ou não, no português falado no noroeste do Estado de São Paulo, sob o ponto de vista específico da Gramática Discursivo-Funcional (GDF), proposta por Hengeveld e Mackenzie (2008). O objetivo da autora consistiu em observar se há distinções semântico-pragmáticas entre as conjunções que veiculam a relação concessiva, postulando que tais distinções poderiam estar relacionadas aos níveis e camadas propostos pela GDF.

Os resultados de Garcia (2010) revelaram que, independentemente da forma - oracional ou sintagmática - existem três tipos de relação concessiva em português, os quais podem ser distinguidos pela posição que a relação adverbial ocupa na sentença: 1) Relação de *Proposição*, observada em orações concessivas antepostas à oração que tomam como escopo; 2) Relação de *Atos de Fala*, representada por estruturas pospostas ao seu escopo, constituindo unidades do comportamento comunicativo; e 3) Relação de *Interação*, expressa por orações que se apresentam independentemente, funcionando como um parêntesis no discurso.

Do trabalho da pesquisadora, aqui interessam particularmente as conclusões concernentes ao terceiro tipo de relação concessiva postulado por ela, o qual abriga cláusulas denominadas como

“concessivas independentes”, equivalentes às *desgarradas* de Decat (1999). Sobre tais estruturas, a autora comenta:

Decat (1999) ressalta que o uso dessas orações pelo falante está relacionado ao interlocutor, quando serve como “guia” para estabelecer coesão no texto, ou ao próprio falante, quando esse pretende enfatizar algo. Assim, constituem unidades de informação e podem ser identificadas pela entonação, pois apresentam um contorno entonacional de final de oração e pela pausa ou hesitação (ainda que breve) que as separa de outra unidade (CHAFE, 1980 *apud* DECAT, 2001).

É exatamente isso que observamos nas orações independentes encontradas no cópuz: apresentam-se entre breves pausas e contorno entonacional próprio, o que as distingue das orações anteriores ou posteriores. Pode-se observar também mudança na tessitura dessas orações com relação ao que vinha sendo dito. (GARCIA, 2010, p.153)

Os casos a seguir, retirados de Garcia (2010, p. 127 e p.137), exemplificam as estruturas por ela chamadas de “independentes”:

(7) e aconteceu com a gente (ininteligível) e:... foi um sofrimento muito grande pra NÓS todos né?... família toda... e:: ele era muito assim... cala::do né? então acho que ele sofreu mais ainda por ser... calado ele num reclamava mu::ito... ele só tinha muita esperança em Deus né? que ele fosse curado... **embora a gente sabia que era uma:: uma doença muito grave né?...** e que dificilmente poderia... acontecer... um milagre né?... (AC-94-NE,27 *apud* GARCIA, 2010 p.127)

(8) então depende da universida::de... se toda a universidade tiver i::sso... **mesmo que o aluno vem de uma escola estadual...** que... infelizmente ho::je nós sabemos que a escola estadual é bem inferior do que a particula::r... com esses cursos que a faculdade oferece dentro da faculda::de ele pode.. ajunta::r... ficar junto de



alunos de escolas particulares e conseguir ter o mesmo ensino e:... e:: conseguir aproveitar o ensino totalmente que a:: faculda-  
de oferece pra eles...

(AC-55-RO-199 *apud* GARCIA, 2010 p.137)<sup>10</sup>

Apesar de a autora somente tecer considerações e não apresentar, de fato, uma análise prosódica das orações “independentes”, é interessante a afirmação de que mais da metade dos casos de orações introduzidas por *embora* (59%) representam casos desse tipo de relação concessiva, o que “pode ser considerado um indício de que *embora* esteja se especializando, na fala, em introduzir orações independentes” (GARCIA, 2010, p. 127).

Em texto sobre a materialização da hipotaxe adverbial como estruturas *desgarradas* e sobre a função focalizadora de tais estruturas no português brasileiro, Decat (2011, p. 106) inicia suas considerações sobre o *desgarramento* na língua oral. Primeiramente intentando estabelecer uma comparação com os estudos de Neves (1999a, 1999b, 2000, 2002) sobre as orações adverbiais e priorizando o estudo de cláusulas concessivas e causais por serem, segundo ela, essas as estruturas que mais ocorrem *desgarradas* na língua escrita, a autora exemplifica o *desgarramento* na língua oral em dados como:

(9) os sindicatos são entidades portanto...que são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda...**porque são entidades sem fins lucrativos** (NEVES, 1999b *apud* DECAT 2011, p.106)

(10) você já imaginou que para fazer a peça Hair quanta gente que não foi...éh éh:: não foi éh:: preparada ali...**porque o grupo que trabalha em Hair é enorme, né?** (NEVES, 1999b *apud* DECAT, 2011, p.106)

---

10 Em Garcia (2010), os exemplos aqui numerados como (7) e (8) são os exemplos (20) e (40).

(11) eles fazem um molho com pimenta muito gostoso... **se bem que é muito...que é muito forte...**né... a gente sente assim aquele gosto muito picante... (NEVES, 1999b *apud* DECAT, 2011, p.107<sup>11</sup>)

De acordo com a análise feita por Decat (2011), o fator posição é básico para o entendimento da ocorrência de uma oração *desgarrada* na língua falada, uma vez que sua realização majoritariamente posposta está interligada ao caráter “remático” de concessivas e causais, as quais funcionam como *afterthought* ou “adendo”. A autora salienta as afirmações de Neves (1999a, p.566) que diz ser esse tipo de estrutura a materialização de que “o falante volta ao que acaba de dizer, pesando a *posteriori* objeções à sua proposição”, sendo caracterizada a referida função de rema, *afterthought* e/ou adendo por “aportar conteúdos ou argumentos novos após aparentemente concluída uma primeira porção do enunciado, e após uma quebra marcada no andamento da fala” (NEVES, 1999a, p.566), o que reveste tais estruturas de grande força argumentativa.

No que se refere à “quebra no andamento da fala”, Decat (2011) considera ser essa uma das características das *desgarradas* na língua oral, uma vez que a estudiosa afirma que a ocorrência posposta da cláusula adverbial é equivalente a um final de enunciado que, precedido por pausa, “a exemplo do que ocorre na língua escrita, em que a oração também vem depois de uma pausa marcada pelo ponto final” (DECAT, 2011, p.107), caracteriza o *desgarramento*. Tal fenômeno na língua falada é, deste modo, definido pela pausa que antecede a oração adverbial e pelo “contorno final” da cláusula. Nas palavras da autora, “será considerada um caso de ‘desgarramento’ uma estrutura que seja precedida, no português brasileiro, por uma pausa (mas não necessariamente) e que tenha um contorno entona-

---

11 Em Decat (2011), os exemplos aqui numerados como (9), (10) e (11) são os exemplos (6), (8) e (10) da autora.

cional de princípio e de fim de unidade” (DECAT, 2011, p.127), constituindo um único “jato de linguagem”, uma “unidade informacional”, nos termos de Chafe (1980). A seguir, outros exemplos de *desgarramento* na oralidade, encontrados em Decat (2011, p.128):

(12) e tinha o parto...que era outro risco...**porque eu tenho uma queda de pressão::violentíssima né?**

(13) mas realmente então está encerrado...mas gostaríamos demais de mais filhos...**embora eu fique quase biruta...**<sup>12</sup>

Apesar das repetidas colocações referentes à pausa e ao “contorno final de enunciado” como norteadores para o estabelecimento do fenômeno estudado na língua oral, Decat (2011) afirma que sua análise da língua falada considera somente o reconhecimento auditivo e que a análise dos dados submetidos às ferramentas do Praat confirmaria muito do que já se percebeu auditivamente, o que é de nosso interesse aferir neste livro.

O trabalho de Rodrigues e Silvestre (2014) é precursor de uma análise prosódica mais consistente sobre o *desgarramento*. As autoras analisam a prosódia de cláusulas hipotáticas comparativas *desgarradas* introduzidas por *que nem*, com base em dados do *corpus Roteiro de Cinema*, verificando o comportamento da F0 e da duração em cláusulas adverbiais anexadas formalmente à cláusula núcleo e em cláusulas adverbiais *desgarradas*, a fim de proceder a uma comparação que pudesse indicar as características salientes do *desgarramento*.

Os resultados revelaram que, quanto à F0, as cláusulas *desgarradas* e *não desgarradas* tiveram comportamento entoacional se-

---

12 Em Decat (2011), os exemplos aqui numerados como (12) e (13) são os exemplos (38) e (40) da autora.

melhante, representado pelo contorno melódico H L\* L% no fim dos enunciados, o que configura o padrão mais comum da asserção neutra no Brasil (CUNHA, 2000; MORAES, 2008; SILVESTRE, 2012; SILVESTRE E CUNHA, 2013; Carta ALiB F07 P1 – CARDOSO *et al.*, 2014) e que confirma, de certa forma, a afirmação de Decat (2011) sobre o fato de as cláusulas *desgarradas* possuírem contorno final. Contudo, a análise realizada pelas pesquisadoras demonstrou que o *desgarramento* pode ser diferenciado pelo comportamento característico do material que o precedeu, uma vez que, anteriormente às cláusulas *não desgarradas*, foi observado um tom ascendente no fim da cláusula núcleo, ao passo que, precedendo as cláusulas *desgarradas*, foi notado um tom descendente.

As figuras a seguir, das cláusulas “Amolece **que nem** músculo de bife borguinhone” e “Formiga. **Que nem** essas que tem por aí”, demonstram as diferenças observadas pelas autoras:

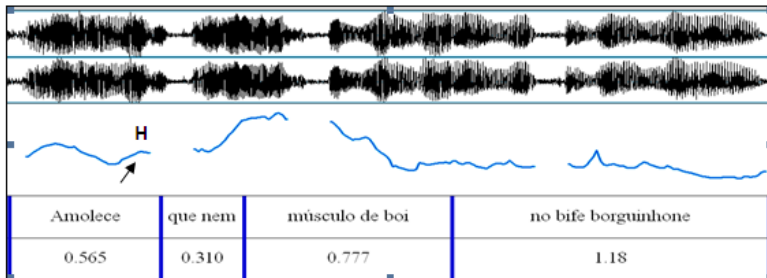


Fig. 5: Cláusula núcleo “Amolece” e cláusula *não desgarrada* “**que nem** músculo de bife borguinhone”, produzido pelo personagem Nonato do filme *Estômago*. Fonte: RODRIGUES E SILVESTRE (2014, p.8).

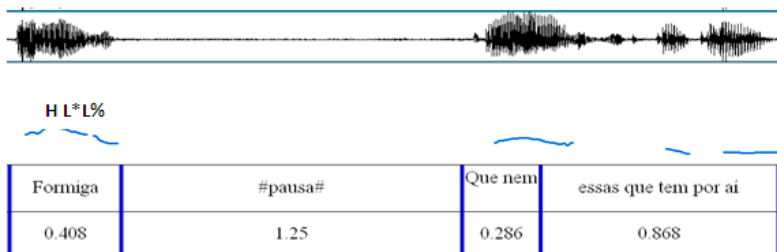


Fig. 6: Cláusula núcleo “Formiga” e Cláusula comparativa *desgarrada* “**Que nem** essas que tem por ai”, produzidas pelo personagem Magrão do filme *Estômago*. Fonte: RODRIGUES E SILVESTRE (2014, p.8).

Além da diferença em relação ao tom que antecede as cláusulas *desgarradas*, as autoras verificaram ser categórica a existência de pausa entre a cláusula núcleo e a cláusula *desgarrada*, fato não observado nos dados em que não há *desgarramento*. Ainda no que tange à pausa, foi identificado pelas pesquisadoras que a duração do silêncio verificado nas cláusulas separadas por ponto nos roteiros foi, pelo menos, quatro vezes maior do que a percebida nas cláusulas separadas por vírgula, relacionando esse resultado à consensual afirmação de Ford (1988) sobre pontos serem melhores sinais de separação do que as vírgulas.

Os resultados permitiram a postulação de que o comportamento diferenciado da F0 ocorreu na conexão núcleo-hipotática e não nas cláusulas adverbiais em si, uma vez que os dados de *desgarramento* abordados pelas autoras eram semelhantes aos de Decat (2011). Em tais dados, não há caráter inferencial e o *desgarramento* se dá, de forma primária, por uma pontuação não canônica que se

traduz em pausa na fala, já que a cláusula núcleo, ainda que separada, estava presente em todos os dados.

Mais recentemente, Gonçalves e Silvestre (2020) realizam estudo sobre a materialização prosódica de estruturas *desgarradas* comparada a de tópicos e clivadas. Com base em um *corpus* de leitura montado a partir de cláusulas encontradas em textos de Decat (1999, 2009, 2011) em sua defesa sobre o *desgarramento* sintático, as autoras verificaram os parâmetros acústicos de frequência fundamental, pausa e duração em estruturas *desgarradas* e em estruturas anexadas formalmente à oração matriz, a fim de que se pudesse proceder à comparação dos dados. Os resultados revelaram que o “contorno final” e a presença de pausa, descritos por Decat (2011) como possivelmente caracterizadores de cláusulas *desgarradas*, é traço comum em todas as estruturas analisadas e, assim, não evidenciaria, fonologicamente, o fenômeno em estudo. Gonçalves e Silvestre (2020), assim como Rodrigues e Silvestre (2014) indicam, porém, que uma maior duração das pausas antes das *desgarradas* pode ser indício de uma estrutura sintaticamente diversa.

Com base no exposto, é interessante que se volte, rapidamente, aos exemplos de Decat (2011, p. 106 e p. 128), aqui anteriormente renumerados como (9) e (13):

(9) os sindicatos são entidades portanto...que são obrigadas... a pagar o chamado imposto sobre a renda...**porque são entidades sem fins lucrativos** (NEVES, 1999b *apud* DECAT, 2011, p.106)

(13) e tinha o parto...**que era outro risco...porque eu tenho uma queda de pressão::violentíssima né?**

Melhor observando esses exemplos, se se considera a pausa e o contorno final como parâmetros norteadores para a definição da oração causal como característica do *desgarramento* na língua fala-

da, muito provavelmente há de se considerar a completiva nominal e a relativa (sublinhadas) também como exemplos de cláusulas *desgarradas*, uma vez que são antecedidas pela mesma pontuação (indicando pausa) e, de acordo com o conhecimento já obtido sobre a entoação do português brasileiro (TENANI, 2002; SILVESTRE, 2012; SERRA, 2009, 2016; entre outros), também possuem a possibilidade de serem enunciadas com contorno final descendente.

Tendo em mente, porém, estudos sobre o fraseamento prosódico do português, vê-se que a pausa e o alongamento são estratégias recorrentes para a delimitação de constituintes prosódicos, o que se comprova também nos resultados de Gonçalves e Silvestre (2020). Desse modo, falar em *desgarramento* na língua falada com base nos dados majoritariamente analisados por Decat (1999, 2009, 2011) parece prematuro e, talvez, inconsistente, quando se leva em conta, de fato, estudos sobre a estrutura prosódica do português. Tal inconsistência nos leva a uma especificação sobre o tipo de estrutura analisada neste livro, mas este já é um assunto para o próximo capítulo...





## CAPÍTULO 2

Quando se olha por outro ângulo...

ou

Aporte teórico: redefinindo  
o fenômeno

Como explicitado introdutoriamente, o objetivo deste livro é analisar o comportamento prosódico de orações *desgarradas*, ou seja, tem-se por meta uma caracterização do *desgarramento* na língua falada, contudo, a análise não tem como fonte dados similares aos de Decat (2011) exemplificados no capítulo anterior. Isso porque, diferentemente da autora, que se baseia numa análise fortemente relacionada às questões discursivas<sup>13</sup>, o objetivo, aqui, é responder a perguntas fonológicas e, assim, interessam dados de estruturas completamente soltas, chamadas *desgarradas totais*, nas quais o *desgarramento* não

---

13 Para a autora, o *desgarramento* funciona também como um mecanismo sintático a serviço da estratégia de focalização, ao lado da topicalização e da clivagem, que provém da necessidade de ressaltar o rema, destacando a relação semântica mais frouxa entre os enunciados e permitindo considerar a estrutura *desgarrada* como um ato de fala por si.

se dá pela pausa que separa a oração adverbial da oração nuclear, já que não há, a não ser por inferência, oração nuclear.

É bom reiterar que as orações aqui analisadas serão semelhantes às que dão título a este livro e semelhantes à cláusula primeiramente explicitada na seção anterior, utilizada como exemplo por Decat (2011, p. 25) ao apresentar o fenômeno - "Se eu ganhasse na Sena!", orações adverbiais isoladas, *desgarradas totais*. Além disso, o tipo de oração analisada neste trabalho difere sobremaneira das priorizadas no estudo Decat (2011) por não ter, como define a autora, caráter de "informação suplementar" (DECAT, 2011, p.131), por força de objetivos argumentativos que se materializam na focalização, no realce. As orações aqui analisadas não são informações suplementares, são a única informação. Suplementares, neste caso, são as orações nucleares que, por serem inferíveis, sequer se superficializam.

Mediante o exposto no capítulo 1, não há dúvidas quanto à consistência do status pragmático-discursivo que dá vida às orações desgarradas, como bem preveem e descrevem as análises funcionalistas. Do ponto de vista da análise funcional-discursiva das desgarradas feita por Decat (1999, 2011), parte-se da ideia sintático-pragmática de que as adverbiais são cláusulas hipotáticas, menos subordinadas formalmente, mas dependentes do contexto, para, depois, iniciar-se a discussão sobre a unidade de informação e, indiretamente, perceber-se a relevância de cláusulas desgarradas como um constituinte fonológico, através da observação de comportamentos prosódicos como pausa e entoação. Agora, entretanto, um outro ponto de vista se coloca, o qual tem como partida uma assunção fonológica: a oração desgarrada total é um sintagma entoacional (IP) e um enunciado fonológico (U). Uma vez que IP e U são, respectivamente, domínios de um contorno melódico e de uma unidade de sentido, a oração desgarrada total traz consigo, neces-

sariamente, uma caracterização prosódica própria que necessita ser descrita. A relação com a sintaxe passa, então, a ser secundária, limitada à necessidade de construção dos constituintes prosódicos, como será esclarecido na seção seguinte.

Estabelecido o ponto de vista aqui seguido, as próximas seções serão dedicadas às definições teóricas de ordem fonológica e à descrição de trabalhos nos quais se baseiam as hipóteses (expostas ao fim deste capítulo) que guiam os procedimentos de análise (explicitados no capítulo 3).

## 2.1 A FONOLOGIA PROSÓDICA

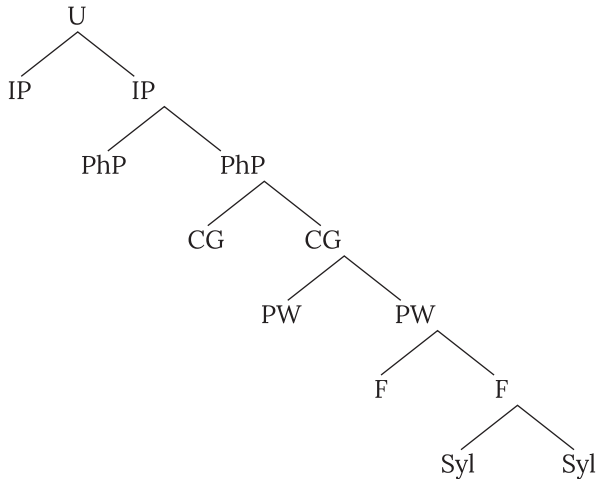
A teoria proposta por Nespor e Vogel (2007) questiona a adequação da teoria gerativa clássica que limitou a interação da fonologia com o restante da gramática a uma inter-relação com a sintaxe. As autoras argumentam que o componente fonológico da gramática não deve ser visto de forma homogênea e sim como “um subconjunto de subsistemas em interconexão, cada um governado com princípios próprios” (NESPOR E VOGEL, 2007, p.13).

Desse modo, segundo os postulados da teoria prosódica, a corrente fônica está dividida em fragmentos hierarquicamente organizados - os constituintes prosódicos - os quais estão delimitados por diferentes indícios, que abrangem desde modificações segmentais em si até mudanças fonéticas mais sutis. De acordo com a teoria, então, os constituintes prosódicos<sup>14</sup>, distribuídos de forma decrescente na hierarquia, são o *enunciado fonológico* (U - Utterance), o *sintagma entoacional* (IP - Intonational Phrase), o *sintagma*

---

14 Além dos trabalhos aqui citados que tratam da hierarquia prosódica, resumo interessante sobre a história dos constituintes prosódicos pode ser atualmente visto em Gayer (2015).

fonológico (PhP – *Phonological Phrase*)<sup>15</sup>, o grupo clítico (CG – *Clitical Group*), a palavra fonológica (PW – *Prosodic word*), o pé (F – *Foot*) e a sílaba (Syl – *syllable*). Tal hierarquia pode ser assim representada:



Uma das importantes asserções da Fonologia Prosódica reside em admitir que, não sendo homogênea, a fonologia está em interface com outras áreas da gramática e que os diversos constituintes prosódicos são definidos por regras que se utilizam de diferentes tipos de noções gramaticais para cada nível da hierarquia. Sendo

---

15 Muitos autores utilizam a abreviação I para indicar o sintagma entoacional e o símbolo f para indicar o sintagma fonológico, o que poderá ser visto na revisão de alguns trabalhos, feita no capítulo 2.

assim, assume-se que a fonologia não é autônoma e que está em interface com a estrutura sintática, todavia, nos níveis mais altos da hierarquia, a relação entre fonologia e sintaxe é fortemente restrin-gida. A preocupação em salientar que não há isomorfismo entre os constituintes prosódicos e os constituintes sintáticos é evidente na descrição teórica:

Isto é, cada constituinte da hierarquia prosódica baseia-se em diferentes tipos de informação fonológica e nenhuma informação fonológica na definição de seus domínios. Ainda que os princípios que definem os vários constituintes prosódicos façam referência a noções não fonológicas, é de importância crucial que os constituintes prosódicos resultantes não sejam necessariamente isomórficos a quaisquer constituintes encontrados em outra parte da gramática. Especificamente, os constituintes prosódicos construídos com base nas informações contidas nos componentes morfológico e sintático não estão necessariamente em uma relação um-para-um com qualquer um dos constituintes da morfologia ou sintaxe.

(NESPOR E VOGEL, 2007, p. 2)<sup>16</sup>

A referida restrição entre fonologia e sintaxe nos domínios mais altos da hierarquia prosódica é relacionada ao fato de os constituintes mais acima dependerem de noções incorporadas aos constituintes mais superiores da árvore sintática, constituintes esses que fazem referência também a noções semânticas. Assim, o

---

16 “That is, each constituent of the prosodic hierarchy draws on diferente types of phonological and nonphonological information in the definition of its domain. While the principles that define the various prosodic constituents make reference to nonphonological notions, it is of crucial importance that the resulting prosodic constituents are not necessarily isomorphic to any constituents found elsewhere in the grammar. Specifically, the prosodic constituents built on the basis of information contained in the morphological and syntactic components are not necessarily in a one-to-one relation with any of constituents of the morphology or syntax.” (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 2)

caráter geral do tipo de noções não fonológicas utilizadas nas regras de projeção aumenta de acordo com o avanço até domínios prosódicos maiores. Logo, cada domínio prosódico tem um grau de variabilidade de uma língua a outra que é inversamente proporcional ao seu nível na hierarquia. As duas últimas categorias (IP e U) são, portanto, as que manifestam uma natureza mais universal. No decorrer dos estudos alicerçados em postulados da Fonologia Prosódica, a existência de processos fonológicos que podem ser aplicados ou impedidos devido à relação com os limites dos domínios prosódicos, sejam processos segmentais (como o sândi e a elisão) ou suprasegmentais (como a retração do acento e a entoação), tem sido utilizada como prova da distribuição hierárquica dos constituintes (HAYES E LAHIRI, 1991; TRUCKENBRODT, 1995; FROTA, 2000; FROTA & VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002).

Para além dos processos estritamente fonológicos que licenciam a distribuição hierárquica dos constituintes, Nespor e Vogel (2007) afirmam que os constituintes da hierarquia prosódica proporcionam estruturas relevantes para o primeiro nível de processamento da percepção da fala, o *parsing* inicial, fornecendo ao ouvinte a base para a reconstrução da estrutura sintática e para a compreensão da mensagem transmitida por uma dada sequência (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 287). Baseando-se nas sugestões de Selkirk (1978) e nas afirmações de Nespor e Vogel (1983a, 1983b), que se utilizaram de dados perceptivos em seus estudos, as autoras salientam que

não são os constituintes sintáticos, mas os constituintes prosódicos os que proporcionam a informação relevante na primeira etapa de processamento de uma sequência de fala. Isso não quer dizer que a estrutura sintática seja irrelevante, mas que só é relevante indiretamente, uma vez que só se faz referência à formação sintática na construção dos constituintes prosódicos que se situam acima da palavra prosódica. Da afirmação de que são os constituintes prosódicos, e não os sintáticos, os que proporcio-

nam as unidades relevantes para o nível inicial de processamento se segue que toda distinção sintática não refletida na estrutura prosódica não pode ser captada nesse nível de percepção. (NESPOR E VOGEL 2007, p. 288)<sup>17</sup>

Ao desenvolver uma proposta prosódica para explicar casos de desambiguação – e tal fato é aqui particularmente interessante porque as adverbiais *desgarradas totais* têm interpretação diversa, mas possuem exatamente a mesma estrutura sintática das adverbiais anexadas à oração núcleo – Nespor e Vogel (2007) declaram que os casos de maior possibilidade de desambiguação são aqueles em que há estruturas prosódicas diferentes no nível do IP, asseverando que

as únicas sentenças ambíguas que podem ser desambiguizadas linguisticamente (ou seja, prosodicamente) são aquelas em que existem diferentes estruturas prosódicas correspondentes aos diferentes significados. (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 258)<sup>18</sup>

Tendo por base tais informações, neste livro, assim como em Tenani (2002), a análise será pautada na observação dos três níveis

---

17 “it is not the syntactic constituents but rather prosodic constituents that provide the relevant information in the first stage of processing of a given string of speech. This is not to say that syntactic structure is irrelevant, but rather that it is relevant only indirectly, since syntactic information is referred to in the construction of the various prosodic constituents above the word level. It follows from the claim that prosodic, rather than syntactic, constituents provide the relevant units for the initial level of processing that any syntactic distinctions that are not reflected in the prosodic structure cannot be perceived at this stage of perception” (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 250)

18 “the only ambiguous sentences that can be disambiguated linguistically (i.e. prosodically) are those in which there are different prosodic structures corresponding to the different meanings.” (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 258).

mais altos da hierarquia prosódica - U, IP e PhP - uma vez que são esses os níveis largamente descritos como responsáveis pela percepção e diferenciação de estruturas, como poderá ser visto na seção 2.3, dedicada à breve resenha de trabalhos desenvolvidos sob o mesmo olhar teórico aqui seguido. Por esta razão, supõe-se serem também esses níveis os mais importantes para que se possam verificar as marcas prosódicas caracterizadoras do *desgarramento* e, nas próximas páginas, será feita a descrição dos algoritmos de formação dos constituintes aqui analisados.

Antes disso, importa mencionar que a adoção das abordagens postuladas pela Fonologia Prosódica é justificada por se almejar uma comparação da estrutura entoacional associada aos domínios prosódicos em estruturas *desgarradas* e não *desgarradas* no PB e no PE. Como não há outros estudos prosódicos sobre o *desgarramento*, é a abordagem teórica utilizada que permitirá uma comparação coerente entre as variedades, a fim de que, com base em trabalhos que tratam da estrutura prosódica do português (para o PE: FROTA E VIGÁRIO, 2000, 2001; VIGÁRIO, 2003; FERNANDES, 2007; SEVERINO, 2011; BARROS, 2014. Para o PB: FROTA E VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; FONSECA, 2010; SERRA, 2009, 2016), seja observado se as pistas prosódicas caracterizadoras do fenômeno em estudo são variações fonéticas ou se constituem um padrão fonológico diverso.

Considerando o objetivo de comparar a estrutura entoacional associada aos domínios do PhP e do IP nas duas variedades do português, adotam-se os algoritmos de formação destes constituintes postulados por Frota (2000) para o PE também para o PB, semelhantemente ao que fizeram Tenani (2002) e Fernandes (2007) em trabalhos brevemente discutidos nas seções 2.3 e 2.3.1 posteriores. Esta adaptação de Frota já fora utilizada em outros estudos que fazem referência à estrutura prosódica do português brasileiro (FRO-



TA E VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; SERRA, 2009; FONSECA, 2010; SILVESTRE, 2012, entre outros) e é descrita a seguir:

**Formação do sintagma fonológico (PhP):**

a. **Domínio de PhP:** O domínio de formação de PhP é definido pela configuração [... Lex XP...]Lexmax (onde *Lex* representa a cabeça de uma categoria lexical, e *Lexmax* representa a projeção máxima de uma categoria lexical).

b. **Construção de PhP:** Elementos em torno de *Lex* são organizados dentro de PhPs de forma que

i. todos os elementos do lado não-recursivo de *Lex* que ainda esteja dentro de *Lexmax* estejam contidos no mesmo PhP com *Lex*;

ii. um PhP pode opcionalmente conter (i) e o sintagma seguinte que é um complemento de *Lex*.

Condição de ramificação (ou de peso) dos PhPs (PE): um PhP deve conter mais material do que uma palavra prosódica.

**Formação do Sintagma Entoacional (IP):**

a. **Domínio de IP:** o domínio de formação de I pode consistir de i. todos os PhPs em uma sequência que não esteja incorporada estruturalmente à árvore da oração,

ou

ii. toda sequência de PhPs adjacentes pertencentes a uma oração raiz.

b. **Construção de IP:** os constituintes incluídos em um I têm de apresentar uma relação cabeça/complemento.

Condições de peso dos Is (EP): sintagmas longos tendem a ser divididos; sintagmas equilibrados, ou sintagmas mais longos ocupando a posição mais à direita, são preferíveis.

(FROTA, 2000, p. 365)<sup>19</sup>

Apoiadas pelos referidos algoritmos, serão então formadas nossas unidades de análise, explicitadas no capítulo 3, relativo à metodologia que guiou a análise prosódica das estruturas *desgarradas totais*.

---

19 Phonological Phrase (f) Formation (EP)

**f-domain:** The domain of f-formation is defined by the configuration [... Lex XP ...] Lex<sub>max</sub>

(where Lex stands for the head of a lexical category, and Lex<sub>max</sub> for the maximal projection of a lexical category).

b. **f-construction:** Elements around Lex are organized into fs so that

i. all elements on the non-recursive side of Lex which are still within Lex<sub>max</sub> are contained

in the same f with Lex;

ii. a f may optionally contain (i) and a following phrase that is a complement of Lex.

Branchingness (or weight) condition on fs (EP): a f should contain more material than one prosodic word.

Intonational Phrase (I) Formation (EP)

a. **I-domain:** the domain of I-formation may consist of

i. all the fs in a string that is not structurally attached to the sentence tree, or

ii. any remaining sequence of adjacent fs in a root sentence.

b. **I-construction:** the constituents included in an I must bear a head/complement relation.

Weight conditions on Is (EP): long phrases tend to be divided; balanced phrases,

or the longest phrase in the rightmost position, are preferred.

## 2.2 A FONOLOGIA ENTOACIONAL

Além da teoria da Hierarquia Prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986), as abordagens feitas pelo Modelo Autossegmental e Métrico (AM) da Fonologia Entoacional, postuladas por Pierrehumbert (1980), Ladd (2008), entre outros, também serão importantes para a análise prosódica do *desgarramento*

O modelo AM prevê uma organização fonológica própria para a entoação, interpretando-a como uma sequência de eventos tonais localizados, diretamente relacionados com a acentuação e com fronteiras de domínios prosódicos. Portanto, pode-se presumir que a estrutura prosódica, explicitada na seção anterior, condiciona, de algum modo, a estrutura entoacional. O modelo assume que a constituição das melodias se dá por sequências de dois tipos de tons, apenas (altos [H] e baixos [L]), e são também dois os tipos de eventos tonais suficientes para descrevê-las: os acentos tonais (*pitch accents* e os tons de fronteira (*boundary tones*).

Os acentos tonais afetam necessariamente sílabas acentuadas do ponto de vista lexical e sua indicação se dá por meio de um asterisco (ex: H\*). Quando formados por apenas um tom, são chamados monotonais ou simples e, quando formados por dois tons, bitonais ou complexos. A proposta inicial de Pierrehumbert (1980) estabelece, a princípio, sete acentos tonais para o inglês: H\*, L\*, H\*+L, H+L\*, L\*+H, L+H\*, H\*+H. A configuração tonal H\*+H foi retirada em análise posterior de Beckman e Pierrehumbert (1986) e, segundo Ladd (1996, p. 274), permanece em desuso por várias razões. A mais óbvia, entretanto, é violar o *Princípio do Contorno Obrigatório* (OCP), o qual proíbe a adjacência de elementos idênticos na representação fonológica.

Os tons de fronteira, como sugere a própria nomenclatura, são ligados a fronteiras de constituintes e caracterizam a modulação

melódica no fim de um domínio prosódico. Esse tipo de evento tonal pode ser alto (H) ou baixo (L) e é indicado convencionalmente pela presença de % (ex: **H%** ou **L%**). Contudo, como se poderá ver em algumas exemplificações, alguns autores utilizam a presença de **i** para demarcação de fronteira, sendo sua representação **Hi** ou **Li**.

Além de acentos tonais e de tons de fronteira, suficientes para a descrição fonológica da maioria das línguas, há a possibilidade de existir um acento intermediário (*intermediate phrase*), chamado acento frasal. Para o português, o trabalho de Tenani e Fernandes-Svartman (2008) dá indícios da possibilidade de ser alocado um tom de fronteira ao PhP em sentenças focalizadas, o que indica a existência de um acento frasal no PB.

A conjugação do modelo hierárquico e do modelo AM é feita, para o Português, em trabalhos como os de Frota (2000, 2002, 2003), Frota & Vigário (2000), Tenani (2002), Viana & Frota (2007), Fernandes (2007), Serra (2009), Fonseca (2010), Severino (2011), Cruz e Frota (2011), Silvestre (2012), Barros (2014), Frota *et al.* (2015), Castelo (2016), entre muitos outros, que recobrem diversas variedades do PB e do PE. Entretanto, importa salientar que, apesar de serem utilizados apenas dois tons ( H e L) para as inúmeras descrições já existentes, isso não significa que

uma anotação fonológica utilizada para dar conta de um contorno específico de uma dada língua ou dialecto tenha sempre a mesma realização fonética noutra língua ou dialecto. Os acentos tonais devem ser entendidos como unidades fonológicas abstractas e, como tal, sujeitas a variabilidade contextual e a diferentes tipos de implementação em línguas distintas. O mesmo se aplica aos tons de fronteira.

(CRUZ E FROTA, 2009, p.166)

Dentro do quadro do modelo AM da Fonologia Autossegmental, foi desenvolvido, também inicialmente para o inglês (BECKMAN,

HISCHBERG E SHATTUCK HUFNAGEL, 2005), um sistema de notação prosódica conhecido como ToBI (**T**One and **B**reak Indices). Tal sistema propõe o alinhamento do contorno de F0 a camadas específicas: uma para transcrição ortográfica, uma para a anotação de eventos tonais, uma para a anotação de fronteiras e uma para comentários. Frota (2014) adaptou o sistema para o português europeu (P\_TOBI), testando-o em diversas variedades do PE, e a adaptação feita pela autora, que comporta os dois principais tipos de eventos tonais – acentos tonais alinhados a sílabas tônicas e tons de fronteira alinhados a fronteira de IP, será aqui utilizada e mais bem detalhada no capítulo 3.

Descritas as bases teóricas que sustentam a análise prosódica empreendida neste livro, a seguir será feita descrição, em ordem cronológica, de alguns dos muitos trabalhos que, sob o mesmo olhar teórico, realizam análise comparativa da estrutura fonológica de sentenças declarativas no PB e no PE, a fim de que, com eles, comparem-se os resultados concernentes às estruturas *desgarradas totais* – uma vez que elas também são declarações. De modo mais específico, também serão descritas pesquisas que trataram de questões específicas relativas ao fraseamento e à desambiguação de estruturas em português, as quais trazem resultados importantes para o embasamento das hipóteses suscitadas pelas perguntas que incentivam esta análise prosódica.

### **2.3 A ESTRUTURA FONOLÓGICA DO PB E DO PE NA VISÃO INTEGRADA DAS FONOLOGIAS DE BASE PROSÓDICA: TRABALHOS COMPARATIVOS**

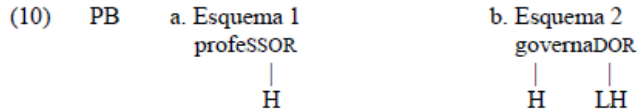
Frota & Vigário (2000), em texto sobre entoação e ritmo no PB e no PE, foram as primeiras a realizar estudo prosódico comparativo entre as duas variedades do português, uma vez que, apesar da existência de estudos anteriores sobre aspectos rítmicos e entoacionais (SCARPA, 1976; CAGLIARI, 1981; MORAES, 1993; VIANA, 1987; FROTA, 1993; FALÉ, 1995; VIGÁRIO, 1998; entre outros), as diferentes abordagens utilizadas não permitiam um confronto concreto dos resultados. Além de sua importância comparativa, o estudo das autoras é relevante aqui por ter sido realizado sob a ótica integrada das fonologias prosódica e entoacional.

O *corpus* da pesquisa feita pelas estudiosas foi composto por 20 frases, repetidas três vezes por duas falantes brasileiras e duas falantes portuguesas, em um total de 240 unidades analisadas, controladas quanto ao número de sílabas e à estrutura acentual das palavras. Os resultados relativos ao ritmo, descritos agora muito brevemente por não serem as questões rítmicas parte da análise empreendida neste livro, demonstram que são diferentes os padrões no PB e no PE, uma vez que os testes perceptivos e as análises de produção revelaram a existência de uma alternância rítmica binária para o PB - que acentua cada sílaba par à esquerda do acento primário - ao passo que, no PE, foram percebidos os acentos em início de palavra fonológica, os quais ocorreram majoritariamente na primeira palavra fonológica do sintagma entoacional.

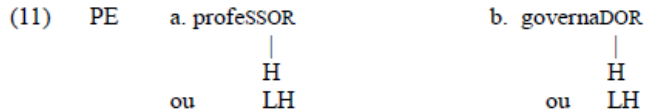
No que tange particularmente à entoação, Frota e Vigário (2000) observaram, após a análise de 160 dados, a ocorrência expressiva de eventos tonais que não se encontram ligados a sílabas acentuadas no PB, ocorrência esta que depende do número de síla-

bas nas palavras anteriores ao acento principal, diferentemente do que ocorre no PE. Segundo as autoras:

Este facto, que caracteriza a palavra inicial de PhP, é particularmente visível se esta é também a primeira palavra de IP, agrupando-se os dados em dois esquemas de atribuição tonal: o esquema 1 para as palavras com até duas sílabas pré-tónicas, em que apenas a sílaba acentuada é portadora de um evento tonal (ver (10a)); e o esquema 2 para as restantes palavras, em que um evento tonal adicional (H) surge com pelo menos duas sílabas de intervalo em relação à sílaba acentuada (ver 10b).



No PE, pelo contrário, é rara a presença de eventos tonais não ligados a sílabas acentuadas e, mais importante ainda, a sua presença ou ausência não depende do número de sílabas, como ilustrado em (11)



(FROTA E VIGÁRIO 2000, p.11)

Relativamente à associação dos tons à estrutura prosódica, as pesquisadoras salientam um outro resultado concernente às propriedades entoacionais do sintagma fonológico: há assinalamento, em 94% dos PhPs do PB, de ao menos um evento tonal associado a uma sílaba tônica. No PE, apenas 79% dos PhPs analisados recebem um acento tonal. Além disso, as autoras descrevem que, excluídos os PhPs em posição inicial e em posição final, porque portam acento tonal por razões independentes, nos PhPs em posição não inicial e não final de IP, “os resultados de presença de acento tonal são de 80% para o PB contra apenas 27% para o PE” (FROTA E VIGÁRIO, 2000, p.12).

As figuras seguintes, exemplos do *corpus* de Frota e Vigário (2000), revelam as diferentes propriedades entoacionais do PB e do PE, representativas de uma frase com 4 PhPs (fs):

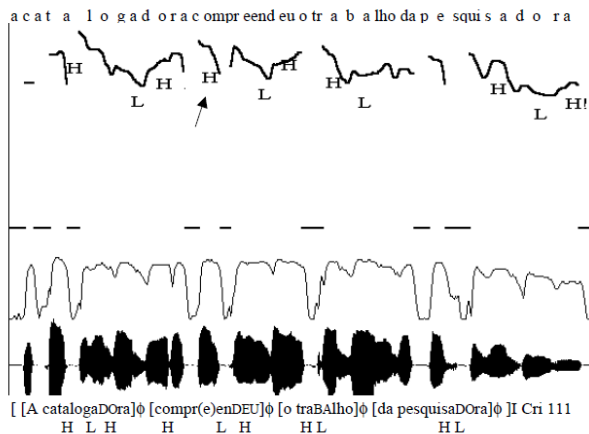


Figura 7: Entoação comparada: uma frase com quatro PhPs no PB.  
Fonte: FROTA E VIGÁRIO (2000, p.14)



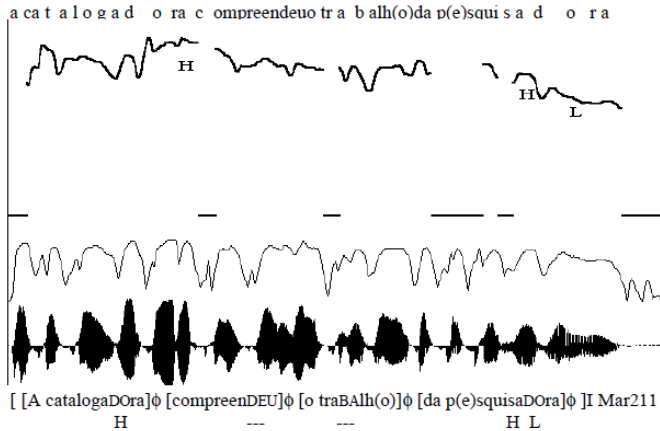


Figura 8: Entoação comparada: uma frase com quatro PhPs no PE.  
 Fonte: FROTA E VIGÁRIO (2000, p. 14)

Frota e Vigário (2000) apontam, ainda, que as diferentes propriedades entoacionais do PhP nas duas variedades do Português não estão restritas à presença ou à ausência de acentos tonais, pois se verificam, frequentemente, outros eventos tonais nos dados do PB, os quais não são obrigatórios e não são observados nos dados do PE: um tom H localizado na fronteira esquerda do PhP e um tom L ligado à fronteira direita deste domínio prosódico, ambos os eventos exemplificados abaixo:

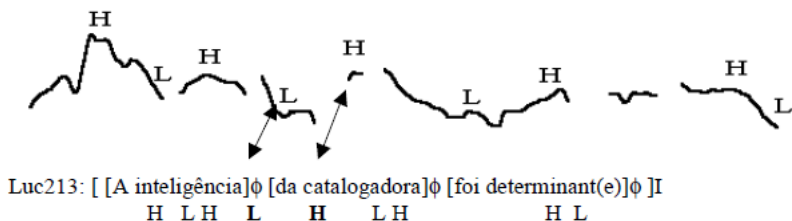


Figura 9: Eventos tonais de fronteira numa frase do PB.

Fonte: FROTA E VIGÁRIO (2000, p.15)

Em síntese, o estudo comparativo das pesquisadoras conclui que o PhP é um domínio entoacionalmente “robusto” no PB, mas não no PE e que, além da importância dos domínios do IP e do PhP para a organização entoacional do PB, há influência do tamanho do enunciado para a atribuição de tons.

Fernandes (2007) também realiza a comparação de estruturas nas variedades brasileira e lusitana do português. A autora explica que sua análise privilegia a palavra prosódica, o sintagma fonológico e o sintagma entoacional pelo fato de o mapeamento sintaxe-fonologia ser estabelecido de forma clara a partir do nível da palavra prosódica e porque, em PE, o sintagma entoacional é o domínio relevante para a associação de tons ao contorno entoacional, ao passo que, em PB, o domínio privilegiado para a associação de tons é o sintagma fonológico<sup>20</sup> e, no trabalho de Fernandes (2007), também a palavra prosódica.

---

20 Além dos resultados de Frota e Vigário (2000) que indicam ser o PhP o domínio relevante para o PB, o trabalho de Tenani (2002) é o que fornece análise detalhada sobre a importância deste domínio e sobre a configuração prosódica da declaração neutra no PB. Não o resenhamos nesta seção por termos escolhido privilegiar trabalhos que, como o nosso, são comparativos das duas variedades do português. Contudo, o trabalho da autora é referência primeira para quem deseja iniciar os estudos sobre a estrutura prosódica e entoacional do português brasileiro.

No que tange às sentenças neutras produzidas por falantes do PB, Fernandes (2007) observou a associação opcional de acentos tonais a todas as PWs do IP. Apesar dessa opção, contudo, a autora afirma que a obrigatoriedade de associação de acento tonal à PW se dá quando essa é a cabeça de PhP, como demonstram as figuras seguintes:

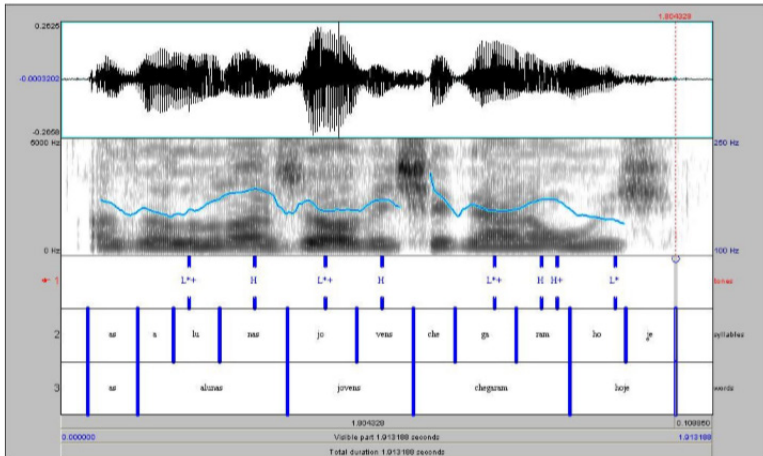


Fig. 10: Associação tonal, no PB, a todas as PWs do IP.  
 Fonte: FERNANDES (2007, p.197)<sup>21</sup>

21 Tal associação é representada por:

[[[as aLUNas]PW (JOvens) PW]PhP [(cheGArAm) PW(HOje) PW]PhP]IP  
 L\*+H L\*+H L\*+H H+L\*

"AI, SE EU TE PEGO..."

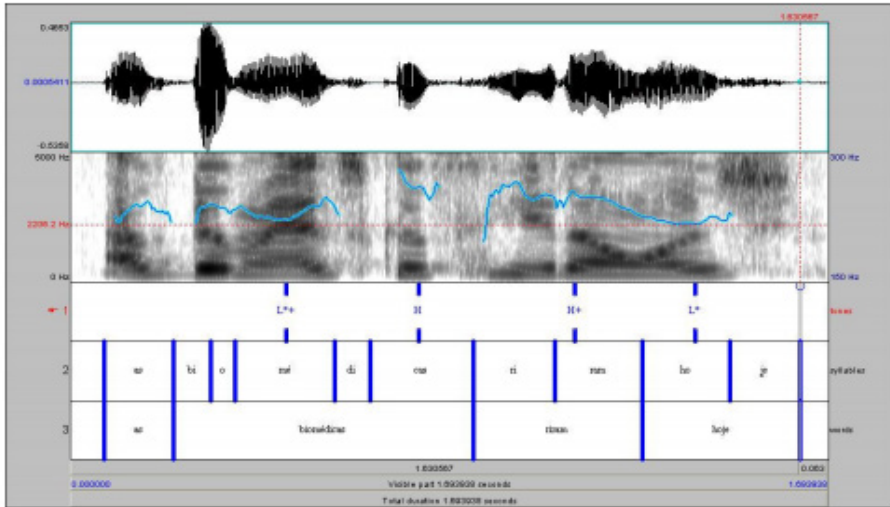


Fig. 11: Associação tonal, no PB, apenas às PWs cabeça dos PhPs.  
 Fonte: FERNANDES (2007, p.197)<sup>22</sup>

Além da produtiva associação de tons a PWs, fato anteriormente não observado em outros trabalhos sobre a estrutura prosódica e entoacional do PB, Fernandes (2007) destaca que os tipos de tons associados às PWs variam de acordo com a posição ocupada por elas no IP e de acordo com o número de sílabas pretônicas existentes em tais palavras.

No que concerne especificamente à configuração inicial das sentenças neutras no PB, a autora verifica que há, predominantemente, um acento tonal L\*+H associado à sílaba tônica da PW ca-

22 Tal associação é representada por:

[[[as BloMÉdicas) PW]PhP[(R)ram) PW (HO)je) PW] PhP]IP  
 L\*+H H+L\*

beça do primeiro PhP do IP. A pesquisadora aponta também que, quando há ramificação no primeiro PhP do IP – quando o PhP é formado por duas PWs –, o que predomina é a associação de um acento tonal a cada PW do PhP ramificado.

No que se refere ao contorno final, os resultados de Fernandes (2007), fazendo referência à palavra prosódica, ratificam as descrições de outros autores para sentenças neutras no PB, salientando, entretanto, que há, categoricamente, um acento tonal H+L\* associado à sílaba tônica da PW cabeça do último PhP do IP e um tom L% associado à fronteira direita do IP. De forma semelhante ao identificado quando há ramificação do primeiro PhP, a estudiosa também destaca que, quando há ramificação do último PhP do IP, pode ser encontrado um acento tonal associado a cada PW de tal PhP ou somente o tom H+L\* associado à sílaba tônica da PW cabeça do PhP final.

Os resultados de Fernandes (2007), portanto, confirmam os de trabalhos anteriores (CUNHA, 2000; FROTA E VIGÁRIO, 2000; TENANI, 2002) sobre a estrutura entoacional do PB e sobre a atribuição, praticamente obrigatória, de acentos tonais a cabeças de PhPs, como anteriormente demonstraram Frota e Vigário (2000) e Tenani (2002). A análise feita pela autora, entretanto, revela a existência de uma densidade tonal ainda maior em sentenças produzidas por falantes brasileiros, uma vez que constatou, de forma produtiva, a existência de tons associados a todas as PWs do IP.

Em sua análise sobre a estrutura entoacional de sentenças neutras produzidas por falantes portugueses, Fernandes (2007) afirma ter sido categórica a existência do mesmo contorno já descrito por outros trabalhos (cf. DELGADO MARTINS E LACERDA, 1977; VIANA, 1987; FROTA, 1991, 1997, 2000, 2002a, 2002b, 2003; FALÉ, 1995; VIGÁRIO, 1998; GRØNNUM E VIANA, 1999; FROTA E VIGÁRIO, 2000, entre outros), contorno esse caracterizado por “uma subida inicial,

um *plateau* intermediário e uma descida final pronunciada” (Fernandes, 2007, p.202). A pesquisadora também diz ter sido igualmente categórica a marcação da descida final através da associação de um acento tonal H+L\* à PW cabeça do último PhP do IP e da associação L% ao final do IP.

No que concerne, especificamente, à configuração inicial das sentenças neutras no PE, são encontrados os acentos tonais dos tipos L\*+H ou H\* e, ainda, o tom H – em sílabas não acentuadas – relacionado à fronteira inicial da PW ou do IP. De acordo com Fernandes (2007), há a preferência pela associação do tom H à segunda ou terceira sílaba do IP, sejam elas tônicas ou não (o tom preferencial, portanto, pode ser H ou H\*). As figuras a seguir exemplificam a variação dos contornos encontrados na fronteira esquerda dos IPs em PE (FERNANDES, 2007, p.203):

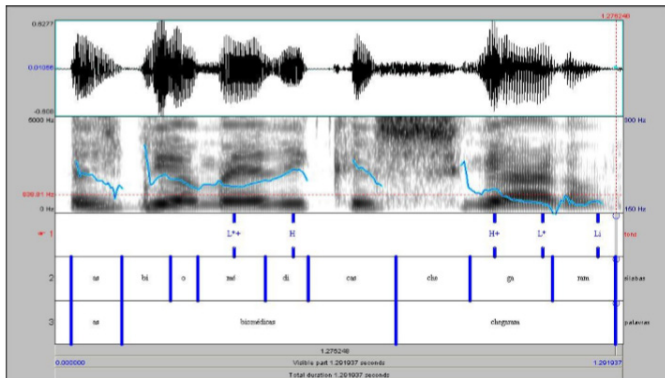


Fig. 12: Associação tonal, no PE, do tom L\*+H ao início do IP.  
 Fonte: Fernandes (2007, p.202)<sup>23</sup>.

23 Tal associação é representada por:

[[[as bioMÉdicas]<sub>PW</sub>] PhP[[cheGAm]<sub>PW</sub>]PhP]IP  
 L\*+H H+L\* L%

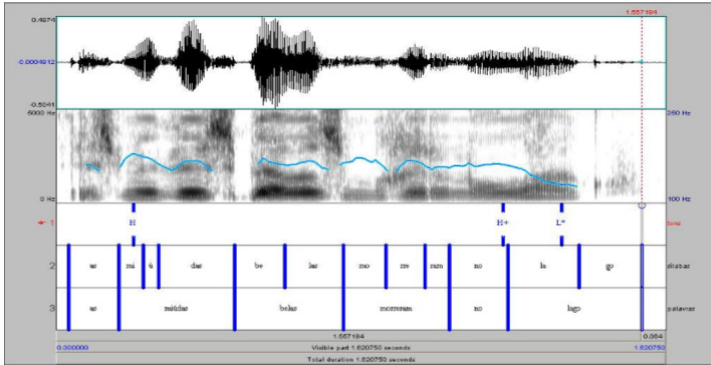


Fig. 13: Associação tonal, no PE, do tom H ao início do IP.  
 Fonte: FERNANDES (2007, p.202)<sup>24</sup> .

Os resultados de Fernandes (2007) também confirmam os de trabalhos anteriores sobre o PE e, além disso, reiteram a afirmação encontrada em Frota (2003, p.150) de que há dois subsistemas de periferia esquerda no sistema entoacional do PE: um caracterizado pela escolha de um acento tonal inicial – consistentemente alinhado a uma sílaba acentuada – e o outro caracterizado pela escolha de um tom relacionado à fronteira – associado ao início do IP, podendo estar alinhado a uma sílaba acentuada ou não.

Mais recentemente, os trabalhos de Frota *et al.* (2015) e Frota e Moraes (2016) reúnem e resumem resultados de outras pesquisas referentes à comparação entre as variedades brasileira e europeia do português. Frota *et al.* (2015), em estudo sobre a variação entoacional do português, procedem a uma comparação sistemática entre o português brasileiro e o português europeu, postulando

24 Tal associação é representada por:

$$[[[as\ mi\ ú\ das]_{PhP}(BE)las]_{PhP} [(mo)RRERam]_{PW}\phi[(no\ LA)go]_{PhP}]I$$

HH+L\*

claras dimensões de variação entre PB e PE: o inventário de acentos nucleares (ver tabela 1), o fraseamento prosódico (possibilidade de fronteira marcada no PhP de sentenças focalizadas no PB – cf. TENANI E FERNANDES-SVARTMAN, 2008) e a distribuição dos acentos tonais (um por PW no PB e não no PE). Frota e Moraes (2016) também investigaram características entoacionais do PB e do PE, com base em dados de leitura, e concluem que as variedades diferem, consistentemente, em relação ao nível prosódico privilegiado para a associação de eventos tonais, uma vez que há a possibilidade de todas as palavras prosódicas receberem acento tonal no PB ao passo que, no PE, é o sintagma entoacional o domínio de alocação dos eventos tonais.

Em resumo, todos os trabalhos mencionados até o momento ratificam, como configuração final da asserção neutra no PB e no PE, o acento tonal H+L\* associado à sílaba tônica da cabeça do último PhP do IP, seguido pelo tom de fronteira L% associado à fronteira direita do sintagma entoacional. Além disso, explicitam que as duas variedades do português diferem quanto ao nível prosódico privilegiado para a associação tonal – PhP no PB e IP no PE.

Os resultados referentes ao contorno final dos IPs, tanto em PB quanto em PE, interessam de maneira particular para a análise empreendida neste livro por se acreditar, com por base na vasta literatura sobre a estrutura prosódica do português, que a fronteira direita do IP é o *locus* para a inserção de fatores prosódicos capazes de caracterizar o *desgarramento*. Tais resultados, portanto, servem como pauta de comparação para que se possa interpretar, de maneira consistente, a configuração prosódica das orações *desgarradas totais*.



## 2.4 A RELAÇÃO ENTRE PROSÓDIA E INTERPRETAÇÃO DE ESTRUTURAS: ESTUDOS SOBRE DESAMBIGUAÇÃO E FRASEAMENTO EM PORTUGUÊS

Frota e Vigário (2001) analisam estruturas em que o peso fonológico desempenha papel relevante no PE, a saber: a ordenação de complementos verbais, a topicalização e a inserção de parentéticas. As análises das duas últimas estruturas envolvem a relação entre IPs distintos, uma vez que tópicos (14a) e parentéticas (14b) tendem a formar IPs à parte:

(14)

[Esse livro]IP, [o João] PhP [leu] PhP[ no 9º ano]PhP]IP

[O João comprou]IP [segundo me disseram]IP [livros caros]IP

Os resultados das autoras revelam que as questões de peso fonológico são essenciais na reordenação de tópicos e parentéticas, questões essas, contudo, ligadas ao elemento mais à direita na sentença e não exatamente ao tópico ou ao parêntese. A aceitação das estruturas 14a e 14b é questionada se o último IP não for constituído por um PhP ramificado ou focalizado. Todavia, interessam sobremaneira, nesse momento, os resultados de Frota e Vigário (2001) referentes à influência da fonologia na ordenação dos complementos verbais pelo fato de esses casos, assim como as orações analisadas neste livro, constituírem um único sintagma entoacional.

Tendo em mente que, em português, a configuração canônica de ordenação dos constituintes sintáticos que são complementos do SV é SN+ SPrep, as linguistas propõem que a mudança na ordenação dos constituintes não é legitimada por fatores sintáticos, mas sim por uma condição prosódica de peso, que postula a neces-

sidade de o elemento reordenado na sentença ser fonologicamente pesado, como demonstra (15):

(15)<sup>25</sup> A Ana [comprou [o quadro do vencedor do concurso]SN [ao Pedro]Sprep]SV

a. [A Ana comprou [ao Pedro]PhP [o quadro]PhP [do vencedor]PhP [do concurso]PhP]IP

b. ??/\* [A Ana comprou [o quadro]PhP [do vencedor]PhP [do concurso]PhP [ao Pedro]PhP]IP

Para a sentença em (15), a reordenação do constituinte à configuração SPrep+SN, como em (15a) é a ordem aceitável, uma vez que o SN é pesado (possui mais material fonológico – três PhPs) e o SPrep é leve (possui apenas um PhP). As autoras salientam que, nesse caso, a ordenação canônica só é possível se ao SPrep for atribuída “a interpretação e, crucialmente, a prosódia de um elemento focalizado” (FROTA E VIGÁRIO 2001, p. 319), como em (16):

(16) A Ana comprou [AO PEDRO] [o quadro]PhP [do vencedor]PhP [do concurso]PhP [ao Pedro]PhP]IP

As pesquisadoras também demonstram que, quando ambos os complementos - SPrep e SN - são igualmente simples e curtos, é necessário atribuir peso fonológico (por meio de atribuição de foco, por exemplo) ao constituinte mais à direita para que a sentença seja aceitável:

---

25 Exemplo de Mateus *et al.* (1989) adaptado por Frota e Vigário (2001, p.319).

(17) a. ??/\*[A Ana comprou [ao Pedro]PhP [o quadro] PhP]IP

b. [A Ana comprou [ao Pedro]PhP [O QUADRO] PhP]IP

Feitas estas e outras considerações, Frota e Vigário (2001) de-  
finem, então, o que é o peso fonológico, definição expressa em (18):

(18) Um constituinte é pesado se:

fonologicamente ramificado (i.e. constituído por mais material  
do que o constituinte fonológico do tipo relevante), ou

portador de *propriedades de proeminência* que o distingam dos  
restantes (e.g acento de foco prosódico).

(FROTA E VIGÁRIO, 2001, p. 320).

Tal definição será aqui seguida e os resultados concernentes à  
necessidade de se atribuir peso fonológico a determinadas estru-  
turas são de especial interesse por se acreditar que, como explici-  
tarão as hipóteses na seção subsequente, são exatamente as estra-  
tégias de atribuição de peso utilizadas na fronteira final dos IPs que  
permitem a existência de orações *desgarradas totais*.

Tenani (2002) é pioneira em estudos específicos para o PB con-  
cernentes à relação entre as estruturas entoacional e prosódica. O  
importante trabalho da autora traz, além de análises detalhadas  
relativas à aplicação de processos fonológicos e sua relação com  
os domínios prosódicos, descrição relevante sobre a declaração  
neutra no PB, descrição essa que tem tido seus resultados corro-  
borados em inúmeras pesquisas (FERNANDES, 2007; SERRA, 2009;  
SILVESTRE, 2012; CASTELO, 2016; entre outros). Neste momento,  
contudo, interessam especificamente os resultados obtidos pela

autora na identificação de algumas estruturas, como as exemplificadas a seguir, uma vez que, como se pode perceber em 20.1, 20.3, 20.5, 20.7 e 20.9<sup>26</sup>, a autora acabou por verificar o comportamento prosódico de orações adverbiais anexadas à nuclear, as quais configuram o primeiro IP de U e que, com vistas à descrição do *desgarramento*, têm papel importante neste livro:

(20)

[[Se você se atrasar,]I [a Marina vai embora.]]I]U

[[A Marina não acredita,]I [mas eu vi um disco voador.]]I]U

[[Antes de você partir,]I [assine o contrato da casa.]]I]U

[[Em Campinas,]I [o presidente inaugurou uma escola.]]I]U

[[Quando você vier,]I [alimente os animais.]]I]U

[[Alimente os animais,]I [ quando você vier.]]I]U

[[Assim que te viu chegar,]I[Alice parou de chorar.]]I]U

[[Alice parou de chorar,]I [assim que te viu chegar.]]I]U

[[Apesar de haver riscos,]I [a Alice vai para Souzas.]]I]U

[[A Alice vai para Souzas,]I [apesar de haver riscos.]]I]U

(TENANI, 2002, p. 53)

---

26 Em Tenani (2002, p. 53), os exemplos de número (20) são os de número (8).

Os resultados de Tenani (2002), no que tange à configuração do primeiro IP (I) de U, revelaram que pode haver tanto um tom HL\* quanto um tom LH\* associado à última sílaba tônica do constituinte, mas que, preferencialmente, ocorre o tom LH\* seguido de um tom de fronteira alto (H% ou Hi). Esta configuração é conhecida, na literatura de base prosódica, como caracterizadora de um tom suspensivo (CAGLIARI, 1992) ou de um “padrão continuativo” (GONÇALVES, 1997; CUNHA, 2000) e, segundo a autora, em termos de organização de constituintes,

a presença de Hi não apenas delimita um constituinte entoacional, como também parece traduzir a relação hierárquica entre as sentenças. Em outras palavras, embora linearmente possa ser identificada a sequência de dois Is, a relação entre eles é assimétrica, ou seja, os constituintes irmãos não têm o mesmo valor, uma vez que um dos constituintes está incompleto em relação ao outro que se segue. Essa relação é assegurada juntamente com o acento tonal, que preferencialmente se realiza como LH\*, associado à última sílaba tônica do I não final.

(TENANI; 2002, p. 77)

A configuração melódica LH\*H% foi, portanto, majoritária nos IPs iniciais analisados por Tenani (2002), ainda que eles tenham configurações sintáticas diversas – sejam sintagmas oracionais ou não, como mostrado em (20). É importante mencionar, ainda, que não foi encontrada relação entre a variação na estrutura prosódica e a ordenação sintática dos constituintes, sendo os contornos entoacionais encontrados praticamente os mesmos, como se exemplifica a seguir<sup>27</sup>:

---

27 Em Tenani (2002, p. 81), os exemplos de número (21) são os de número (27).

(21)

1 [[A Alice vai para Souza, ]I [apesar de haver riscos.]]U  
LH\* L\* LH\* L\* HL\* Li

2 [[Apesar de haver riscos,]I [a Alice vai para Souza.]]U  
LH\* L\* LH\* L\* L\* HL\* Li

(TENANI, 2002, p. 81)

Os resultados de Tenani (2002) vão, deste modo, ao encontro dos postulados da Fonologia Prosódica no que se refere ao não isomorfismo entre as estruturas sintática e prosódica. Além disso, são aqui de especial interesse por mostrarem que, independentemente da ordenação sintática ou da semântica veiculada pelas orações, o que importa, para a associação dos acentos tonais e para a consequente significação trazida pela prosódia, é que sejam sintagmas entoacionais (IP ou I) bem formados.

Vigário (2003) realiza, para o PE, estudo com estruturas que permitem mais de uma possibilidade de interpretação, a fim de averiguar pistas prosódicas capazes de favorecer determinadas interpretações ou desfazer ambiguidades. Dentre as estruturas analisadas pela autora, estão as exemplificadas abaixo<sup>28</sup>:

(22)

- a. As garotas apenas emprestaram filmes às amigas.
- b. A Joana observou o rapaz com o binóculos.
- c. Deslocaram-se as populações do interior para o litoral.

---

28 Exemplos encontrados nas páginas 254 e 259 de Vigário (2003).



permite, inclusive, nenhuma outra interpretação que não seja a de associação do SPrep ao SV. Nesse caso, portanto, como exemplifica a figura 15, a ambiguidade é totalmente desfeita:

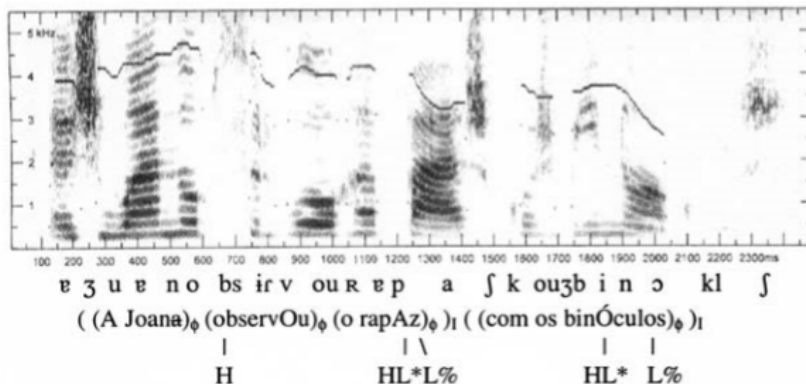


Fig. 15: Representação melódica de "A Joana observou o rapaz com os binóculos" fraseada em dois IPs distintos. Fonte: VIGÁRIO (2003, p. 261).

Os resultados de Vigário (2003) para o PE aqui interessam de modo particular por tratar de estruturas que possibilitam mais de uma interpretação, possibilidade que, como dito previamente, também recobre o caso das de nossas *desgarradas totais*, uma vez que o default é que orações adverbiais não sejam interpretadas sem a oração núcleo. Quando há essa possibilidade, portanto, acredita-se que pistas prosódicas serão utilizadas para a interpretação das *desgarradas totais* como estruturas completas.

Serra (2009) estuda a relação entre estrutura prosódica, estrutura entoacional e realização e percepção de fronteiras prosódicas no PB em dados de leitura e de fala espontânea. A autora salienta a importância da verificação de pistas prosódicas como alongamento



silábico pré-fronteira, a variação da frequência fundamental e a pausa para seu estudo, de acordo com outras pesquisas que tratam de questões relativas ao fraseamento.

As descrições de Serra (2009) corroboram as asserções de trabalhos anteriores sobre a fronteira de IP, em português e em outras línguas, demonstrando que a pausa é o principal indicador de fronteira deste constituinte, realizada em 93% dos dados de leitura e 65% dos dados de fala espontânea por ela investigados. Importa mencionar, entretanto, que o alongamento silábico e a gama de variação de F0 pré-fronteira também se mostraram relevantes para percepção da fronteira de IP na fala de algumas informantes da autora, ainda que não produzidos de forma sistemática, o que a fez concluir que

nos dois estilos de fala, a pausa se mostrou determinante para a percepção de uma fronteira de IP, já que um IP percebido quase sempre é acompanhado de uma pausa, ao passo que IPs não percebidos normalmente não são assinalados, ou são assinalados de forma menos consistente, por essa pista duracional.  
(SERRA, 2009, p.107)

Serra (2009) observa, ainda, que o número de sílabas ou o número de palavras prosódicas que formam o IP condiciona a percepção da fronteira do constituinte. De acordo com a pesquisadora, quanto maior o número de sílabas (oito ou mais) ou o número de PWs (quatro ou mais) no IP, maior a possibilidade de percepção das fronteiras do constituinte.

Os resultados de Serra (2009) para o PB desempenham, desse modo, papel de grande relevância para a análise dos dados que será feita para o *desgarramento*, uma vez que a fronteira de IP e os correlatos fonético-fonológicos cuidadosamente observados pela autora – pausa, alongamento e gama de variação de F0 – também são

relevantes neste estudo e serão consistentemente considerados neste livro, como clarificarão as hipóteses (cf. o fim deste capítulo) e os procedimentos metodológicos adotados (cf. capítulo 3).

Fonseca (2010), em trabalho sobre o papel da prosódia na desambiguação de relativas reduzidas (SN1-V-SN2-Atributo) no PB, sob o enfoque teórico da Fonologia Prosódica, amplia o estudo de Fonseca (2008) que, ao analisar as mesmas estruturas com base nos pressupostos teóricos da psicolinguística, concluiu que há interferência da prosódia para o processamento de sentenças nas quais há aposição não local do atributo.

Ao considerar a importância dos pressupostos fonológicos de Selkirk (1984) e Nespor e Vogel (1986) em seu estudo sobre desambiguação, Fonseca (2010) assume, assim como Vigário (2003), que o fraseamento prosódico pode direcionar a estruturação sintática de sentenças e servir como guia da interpretação, apesar de nem todas essas estratégias prosódicas serem suficientes, por questões de peso fonológico, para que a divisão dos constituintes seja bem formada e direcione a uma interpretação natural por parte do ouvinte (FONSECA, 2010, p.243).

Ainda que as estruturas estudadas por Fonseca (2010) sejam sintaticamente ambíguas (uma vez que, por exemplo, o atributo *suado* possa ser interpretado com referência à *amigo* ou *rapaz* em uma frase como *O rapaz abraçou o amigo suado*), a autora afirma que há uma interpretação *default* ao SN2 (*amigo*, no exemplo) que ocorre por razões de economia e de proximidade, sendo guiada por princípios psicolinguísticos. Com base nisso, Fonseca (2010) considera, também, os postulados da *The rational speaker hypothesis*, proposta por Clifton, Carlson e Frazier (2002), assumindo que

os falantes empregam a entoação de maneira consistente com a intenção da mensagem que pretendem transmitir e os ouvintes interpretam a entoação assumindo tal intenção, ou seja, que os

falantes não fazem suas escolhas prosódicas sem razão (e que essas razões são escolhas racionais, ou seja, são planejadas para o efeito pretendido). No caso de sentenças ambíguas, em que são possíveis duas estruturas sintáticas diferentes para uma mesma sequência de palavras, a prosódia serve como caminho desambiguidor e pode até contrariar uma interpretação que é tida como *default* para a estrutura.

(FONSECA, 2010, p. 243)

Considerando pesquisas de Frota (2000), Frota e Vigário (2001) e Vigário (2003), feitas para PE, as quais demonstram a influência do tamanho dos constituintes e questões de foco no peso prosódico dentro da estrutura, não possibilitando liberdade total de ordenação, Fonseca (2010) indica que as estruturas em foco no seu estudo são formadas, na sua ramificação ideal, por um IP e três PhPs. As sentenças analisadas pela autora, como exemplifica (23), seguem os princípios de balanceamento e proeminência, que determinam ser necessário que o constituinte mais pesado fique na posição de cabeça do IP:

(23) [[O repórter]PhP [entrevistou]PhP [o político sozinho]]IP<sup>29</sup>

Os resultados de Fonseca (2010) demonstram que, através da aplicação de testes perceptivos com frases manipuladas quanto à saliência dos parâmetros prosódicos de pausa, duração e modulação de F0, a marcação prosódica inserida mudou o fraseamento das sentenças e foi capaz de direcionar as escolhas de interpretação. Os exemplos a seguir, encontrados em Fonseca (2010), demonstram a divisão dos constituintes prosódicos esquematizada a partir da inserção das pistas prosódicas feita pela autora:

---

29 Em Fonseca (2010, p.253), o exemplo (23) antes usado é o de número (13).

(23a) ? [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP // (sozinho)]  
IP

(23b) ?? [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP ] IP // [(so-  
zinho)]IP

(23c) [[O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP [soZInho]]IP

(23d) [(O repórter]PhP [entrevistou o político]PhP [soziinho]]IP <sup>30</sup>

FONSECA (2010, p.253)

Em (23a), exemplifica-se a inserção da pausa (//) entre o SN2 (político) e o atributo (sozinho) que, por conter apenas uma PW não focalizada, não possui peso suficiente para estar na posição de cabeça de IP, por isso, o questionamento de sua gramaticalidade quando a intenção é a interpretação do atributo ao SN1. O exemplo (23b), também por razões de ordem fonológica, não permite a interpretação não *default* do atributo, uma vez que, por questões de tamanho e hierarquia, um IP deve ser formado, preferencialmente, por mais material do que um PhP. A focalização com picos de F0 no SN1 e no atributo (em 23c) e a inserção de um alongamento no atributo em (23d) são estratégias que conferiram peso ao PhP, permitindo-o ocupar a posição mais proeminente do IP sem causar estranhamento. A estratégia presente em (23c), entretanto, foi a preferida pelos ouvintes (71,88% dos casos) e Fonseca (2010) acredita que “só o incremento na duração do segmento tônico, sem a mudança da natureza acentual, não é fator suficientemente forte para a focalização, o que pode ter gerado algum estranhamento pelos ouvintes”. Além disso, a autora conclui em sua análise que

---

30 Em Fonseca (2010, p.253), os exemplos (23a, 23b, 23c e 23d) antes usados são os de número (13a, 13b, 13c e 13d).

a focalização do atributo gera uma fronteira bem formada entre ele e o SN2, e uma correta eurritmia da cadeia prosódica, já a focalização do SN1 gera uma espécie de co-indexação dos acentos tonais e consequentemente uma ligação semântica dos constituintes focalizados. A focalização de dois elementos em um mesmo IP não fere as regras de boa formação dos IPs pois, como descrito por Fernandes (2007), o PB pode ter um acento tonal por PhP e em alguns casos alternativos um acento tonal por palavra prosódica. (FONSECA, 2010, p. 253)

Fonseca (2010) corrobora, ainda, a *the rational speaker hypothesis*, proposta por Clifton, Carlson e Frazier (2002), ao concluir também que “os ouvintes são capazes de perceber a intencionalidade da marcação prosódica e levam tal fato em consideração para a interpretação de sentenças” (FONSECA, 2010, p.254). Os resultados da pesquisadora merecem destaque por tratarem da interpretação não *default* de estruturas no PB e permitirem intuir a necessidade de uma focalização melódica (e não somente um alongamento silábico) para que as orações *desgarradas totais*, estruturas também interpretadas em sentido não *default*, sejam compreendidas de forma clara pelos falantes/ouvintes brasileiros.

Severino (2011), em trabalho sobre o português europeu, também analisa o papel da prosódia para a desambiguação ao verificar, particularmente, a fronteira de constituintes atestados em outros estudos sobre o PE: palavra prosódica (PW), grupo de palavra prosódica (PWG), sintagma fonológico (PhP) e sintagma entoacional (IP). Tal análise é feita sob a observação de resultados obtidos através de dois diferentes testes de percepção.

A fim de testar suas hipóteses relativas ao papel perceptual das fronteiras prosódicas na desambiguação das estruturas analisadas, o *corpus* de Severino (2011) foi constituído por pares de frases totalmente dependentes da estrutura prosódica para desambiguação morfossintática e semântica. A autora elaborou uma lista com as

seguintes categorias: (a) palavras que pudessem ocorrer como uma ou duas palavras prosódicas sem qualquer alteração fonética; (b) palavras compostas por justaposição foneticamente semelhantes a sequências de palavras independentes; (v) siglas foneticamente semelhantes a sequências de palavras independentes; e (d) palavras homônimas pertencentes a diferentes classes morfossintáticas. As categorias expressas em (i), (ii), (iii) e (iv) são encontrados em Severino (2011, p. 24) exemplificadas em (24)<sup>31</sup>:

(24)

a. pintaN delaPron vs pintadelaN > Sem fronteira prosódica vs PW

b. fita-colaN vs fitaN colaV > PW vs PWG

c. PSDN vs PSN dê > PW vs PhP

d. LargaAdj vs largaV > PWG vs PhP

(SEVERINO, 2011, p. 24)

Além das categorias expressas acima, que permitiram a verificação da estrutura ambígua em constituintes prosódicos mais baixos na hierarquia, através da manipulação lexical, foi necessária a postulação de uma quinta categoria, com estruturas divergentes quanto às organizações sintática e prosódica, para a observação da ambiguidade ao nível de IP:

---

31 Em Severino (2011, p. 24), os exemplos em (24) são os de número (10) a (13).

Ex: [Um jogador da equipa suplementarAdj]IP[acompanha sempre os treinos extras] IP

[Um jogador da equipa] IP [suplementarAdj ao plantel principal] IP [foi operado] IP

Os resultados da autora demonstram que há, claramente, um efeito perceptivo apenas nas fronteiras de IP e que a percepção está correlacionada ao tamanho do constituinte, uma vez que ele é percebido com mais vigor nos sintagmas em que o número de sílabas até a fronteira é igual ou superior a seis sílabas. Tais resultados são semelhantes aos encontrados por Serra (2009) para o PB.

Essas breves considerações acerca do trabalho de Severino (2011) interessam de modo particular, pois, como já dito, a observação do comportamento prosódico na fronteira de IP é essencial na análise comparativa da prosódia de orações *não desgarradas* e de orações *desgarradas totais*. Desse modo, o fato de os resultados da pesquisadora revelarem que a fronteira do sintagma entoacional é, perceptivamente, a mais importante para a desambiguação de estruturas no PE salienta a hipótese de que a fronteira de IP é, precisamente, o lugar propício para a realização de pistas prosódicas caracterizadoras do *desgarramento*.

Barros (2014) estuda o fraseamento de enunciados parentéticos e tópicos em duas variedades do português europeu. As considerações feitas pela autora para a descrição prosódica de tais estruturas instigam pelo fato de elas serem descritas - sintática e fonologicamente - como independentes da frase núcleo (NESPOR E VOGEL, 2007), de forma comparável às orações *desgarradas totais*, caracterizando casos importantes para o estudo do fraseamento prosódico.

Baseada na afirmação de Nespor e Vogel (2007) de que as parentéticas formam domínios entoacionais próprios e, mais especificamente, nos trabalhos de Frota (2000, 2014), Frota e Vigário (2007)

e Cruz (2013) para variedades do PE, Barros (2014) parte da consideração de que, em termos prosódicos, parentéticas e tópicos constituem IPs independentes, os quais têm suas fronteiras marcadas por fenômenos segmentais, temporais e entoacionais que caracterizam o constituinte. A autora, então, com objetivo de verificar se há variação quanto ao fraseamento prosódico em variedades do português europeu, realiza análise que leva em conta a observação dos contornos utilizados pelos falantes, o controle da extensão dos constituintes e a gama de variação de F0 na fronteira do IP.

Os resultados da investigação demonstraram que não há variação prosódica quanto ao fraseamento de parentéticas e tópicos nas variedades do português, já que tais estruturas formam IPs próprios, independentemente do tamanho dos constituintes. Quanto à gama de variação de F0, entretanto, as análises da pesquisadora sugerem que alguma diferença fonética pode ser identificada, uma vez que as fronteiras internas de IP (que correspondem às parentéticas) apresentaram valores de gama de variação mais baixos ao passo que, nas fronteiras em que a concentração de pausas é maior, tal pista acústica apresentou valores também maiores (BARROS, 2014, p.31).

As brevíssimas considerações sobre o trabalho de Barros (2014), por uma possível comparação estrutural que pode ser postulada entre parentéticas, tópicos e *desgarradas*, são feitas, particularmente, em razão dos resultados relativos à gama de variação de F0 - já descrita por Serra (2009), em seu trabalho específico sobre fraseamento no PB, como caracterizadora da fronteira de IP. Assim sendo, tais resultados levam a idealizar que, uma vez que a fronteira das orações *desgarradas* é, categórica e necessariamente, portadora de pausa, a gama de variação local de F0 em fronteira de IP poderia também caracterizar o fenômeno em estudo neste livro.



## 2.5 HIPÓTESES

Com base nas considerações anteriormente elencadas, pautadas pelos trabalhos expostos nas seções 2.3 e 2.3.1, delineiam-se algumas perguntas e as hipóteses a serem respondidas no decorrer das análises empreendidas neste livro:

- 1) Vigário (2003), Severino (2011) e Fonseca (2010), em trabalhos sobre a desambiguação de constituintes, apontam a importância do IP para que a ambiguidade seja desfeita. Mais especificamente, Vigário (2003) e Fonseca (2010) apontam o uso de pistas prosódicas de duração (de segmentos e de pausas) e de modulações de F0 como marcadores de fronteiras que permitem a interpretação de sentenças no sentido não *default*. Considerando-se que as orações *desgarradas totais* são também constituintes interpretados no sentido não *default*, são também as pistas prosódicas licenciadoras de tal interpretação?

**Hipótese 1:** A interpretação de orações *desgarradas totais* como orações completas só se dá através da utilização diferenciada de pistas prosódicas, como as modulações de F0 e duração, tal qual demonstram estudos para outras estruturas.

- 2) Tenani (2002) aponta a utilização majoritária do contorno nuclear L+H\* H%, conhecido como caracterizador de um tom suspensivo (Cagliari 1992) ou de um “padrão continuativo” (GONÇALVES, 1997; CUNHA, 2000), em constituintes (oracionais ou não) que necessitam ser completados por outros. O contorno L+H\*H% seria, portanto, o mais utilizado

em orações *não desgarradas*? E haveria um contorno diferente para as *orações desgarradas totais* ou, pelo fato de haver uma complementação inferível, o mesmo contorno seria o mais utilizado?

**Hipótese 2:** Uma vez que orações *desgarradas totais* não exigem a complementação por outra oração, o contorno L+H\*H%, quando presente em sua configuração, é acompanhado de outra pista prosódica que caracteriza o *desgarramento*.

- 3) Serra (2009) aponta que, apesar de a pausa ser determinante para a percepção de uma fronteira de IP, o alongamento silábico e a gama de variação de F0 pré-fronteira também podem ser estratégias relevantes para a referida percepção. Barros (2014), em análise de cláusulas parentéticas em variedades do PE, verificou que as fronteiras internas de IP (que correspondem às parentéticas) apresentaram valores de gama de variação mais baixos e que há a tendência de a gama de variação de F0 apresentar valores maiores nas fronteiras em que a concentração de pausas é também maior. Tendo por base esses achados, a gama de variação local de F0 em fronteira de IP poderia também caracterizar *desgarramento*?

**Hipótese 3:** Uma vez que a pausa das *desgarradas* é a fronteira também de um Enunciado (U), há nelas uma gama de variação de F0 maior do que a observada em cláusulas anexadas à oração núcleo.

- 4) Frota e Vigário (2001) argumentam que a estrutura prosódica condiciona construções sintáticas no PE a partir de uma

restrição prosódica que se dá, primordialmente, pela necessidade de ser pesado o constituinte mais à direita na sequência segmental. Fonseca (2010) atesta essa mesma necessidade para a interpretação não *default* de relativas reduzidas ambíguas no PB. Serra (2009), para o PB, e Severino (2011), para o PE, confirmam a influência do tamanho em número de sílabas para a percepção da fronteira de IP, sendo tal fronteira proporcionalmente mais percebida em IPs com maior número de sílabas. Deste modo, considerando a existência de IPs maiores, haveria neles necessidade de pistas prosódicas menos salientes para a percepção de suas fronteiras e, consequentemente, para a caracterização do *desgarramento*? Havendo ramificação no último PhP de IPs maiores, haveria atribuição de peso suficiente à estrutura para que ela seja compreendida sem a mesma estratégia observada em IPs menores?

**Hipótese 4:** A estrutura prosódica influencia o modo de implementação do *desgarramento*, portanto, em IPs maiores, constituídos com ramificação no último PhP, as pistas prosódicas caracterizadoras do fenômeno em estudo se apresentam de forma menos saliente.

Definidas as hipóteses que regem a análise, o próximo capítulo versará sobre os procedimentos metodológicos que permitem descrever se a fronteira de IP é, de fato, o lugar *default* para a inserção de pistas prosódicas caracterizadoras das *desgarradas totais*, quais são essas pistas e se o número de sílabas das sentenças ou a ramificação dos constituintes prosódicos condicionam a utilização de pistas mais ou menos salientes.



## CAPÍTULO 3

Se o olhar é outro...

ou

Procedimentos metodológicos  
para a análise prosódica do  
desgarramento

### 3.1 O CORPUS

O *corpus* analisado neste livro foi montado a fim de que se pudesse proceder a uma análise comparativa de orações adverbiais *não desgarradas* e *desgarradas totais*, em busca da descrição prosódica do fenômeno que motiva este estudo - o *desgarramento*. Deste modo, as orações analisadas foram obtidas através de gravações de um *corpus* de leitura, no qual foram descritas situações em que o uso de orações adverbiais *desgarradas* ou *não desgarradas* é possível, o que permitiu a comparação de trechos lexicalmente idênticos.

Todas as situações foram apresentadas em *slides*, metodologia semelhante à do Projeto InAPoP - *Interactive Atlas of Prosody the of Portuguese*, e foi solicitado às informantes que, após pensados os contextos, somente as orações-alvo fossem lidas<sup>32</sup>. A pesquisa

---

32 Explicitaremos um exemplo de contexto nos próximos parágrafos. Todos os outros, entretanto, podem ser identificados nos anexos desta tese.

contou com dez informantes do sexo feminino, com idades entre 23 e 36 anos, cinco oriundas da região do Grande Rio – alunas de pós-graduação em Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e cinco oriundas da região de Lisboa – alunas de pós-graduação em Letras na Universidade de Lisboa.

O *corpus*, como um todo, foi composto de 30 orações adverbiais base: 15 que fazem parte de estruturas complexas, com orações adverbiais anexadas à oração núcleo - *não desgarradas*, e outras 15, correspondentes, *desgarradas totais*. Também de acordo com a metodologia utilizada pelo projeto InAPoP, cada oração foi lida três vezes por todas as informantes, a fim de que se pudesse confirmar a regularidade das características prosódicas observadas.

Sendo o sintagma entoacional a unidade básica de análise, há, nos dados, orações adverbiais *desgarradas totais* e *não desgarradas* de estruturas diferentes: orações menores, de nove sílabas, sem ramificação no último PhP; e orações maiores, com treze sílabas, em que o último PhP é ramificado. Tais estruturas foram pensadas a fim de que se pudessem testar as hipóteses concernentes à influência do tamanho do IP ou do peso fonológico na inserção das pistas prosódicas que caracterizam o *desgarramento*.

Foram analisadas 900 orações adverbiais para cada variedade do português aqui estudada: 225 *não desgarradas* sem ramificação no último PhP (15 frases x 5 informantes x 3 repetições), 225 *não desgarradas* com último PhP ramificado (15 frases x 5 informantes x 3 repetições), 225 *desgarradas totais* sem ramificação no último PhP (15 frases x 5 informantes x 3 repetições) e 225 *desgarradas totais* com último PhP ramificado (15 frases x 5 informantes x 3 repetições).

A seguir, é exemplificado como se deu o processo de obtenção das orações, sendo solicitada às informantes a imaginação dos contextos (indicados por [C: ]) com posterior leitura das sentenças em destaque. O mesmo contexto foi apresentado quatro vezes, de for-

ma aleatória, para que fosse feita a leitura das orações *desgarradas* e não *desgarradas*, com ramificação ou não no último PhP:

[C: O Ricardo é um excelente profissional e não deseja mudar de emprego porque se sente bem onde está. Você, porém, adoraria que ele trabalhasse na sua empresa para que tivessem um grupo mais forte. Conversando com um amigo, você comenta: ]

**Se o Ricardo desejasse, o grupo seria maravilhoso.** (Não *desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

**Se o Ricardo desejasse...** (*Desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

**Se o Ricardo desejasse o emprego, o grupo seria maravilhoso.** (Não *desgarrada*, com ramificação no último PhP)

**Se o Ricardo desejasse o emprego...** (*Desgarrada*, com ramificação no último PhP)

[C: Há, na empresa em que trabalha, uma vaga para um novo funcionário, que nem todos acham necessário, mas Leandro, que é o chefe, procura e pediu. Pensando nisso, você comenta:]

**Já que Leandro o procura, faremos o que foi pedido.** (Não *desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

**Já que Leandro o procura...** (*Desgarrada*, sem ramificação no último PhP)

**Já que Leandro procura o empregado, faremos o que foi pedido.** (Não *desgarrada*, com ramificação no último PhP)

**Já que Leandro procura o empregado...** (*Desgarrada*, com ramificação no último PhP)

De acordo com a mesma configuração dos exemplos anteriores, todas as orações destacadas para a leitura, aqui apresentadas com o mapeamento ideal de seus constituintes, foram as seguintes:

**Estruturas com nove sílabas – sem ramificação no último PhP:**

[[Se a Joelma]PhP [a ganhou]PhP]IP

[[Se o Ricardo]PhP [desejasse]PhP]IP

[[Se o Diogo]PhP [conseguisse]PhP]IP

[[Quando o Fábio]PhP [me chamou]PhP]IP

[[Quando a Ana]PhP [apontasse]PhP]IP

[[Quando a Carla]PhP [imagina]PhP]IP

[[Já que o Lázaro] PhP [desejava] PhP]IP

[[Já que o Leandro] PhP [o procura] PhP]IP

[[Já que a Marina] PhP [gostaria] PhP]IP

[[Pra aprovar] PhP [os alunos] PhP]IP

[[Pra conquistar] PhP [a garota] PhP]IP

[[Pra enviar] PhP [os pedidos] PhP]IP

[[Embora a Vera] PhP [suplicasse] PhP]IP

[[Embora a Lúcia] PhP [o tentasse] PhP]IP

[[Embora a Carmen] PhP [a quisesse] PhP]IP



**Estruturas com treze sílabas – com ramificação no último PhP:**

- [[Se a Joelma]PhP [ganhasse na loteria]PhP]IP<sup>33</sup>  
[[Se o Ricardo]PhP [desejasse o emprego]PhP]IP  
[[Se o Diogo]PhP [conseguisse o trabalho]PhP]IP  
[[Quando o Fábio]PhP [chamasse ao escritório]PhP]IP  
[[Quando a Ana] PhP [apontasse a janela] PhP]IP  
[[Quando a Carla] PhP [imagina as tragédias] PhP]IP  
[[Já que Lázaro] PhP [desejava o perigo] PhP]IP  
[[Já que Leandro] PhP [procura o emprego] PhP]IP  
[[Já que Marina] PhP [gostaria dos enfeites] PhP]IP  
[[Pra aprovar] PhP [os alunos esforçados] PhP]IP  
[[Pra conquistar] PhP [a garota desejada] PhP]IP  
[[Pra enviar] PhP [os pedidos requeridos] PhP]IP  
[[Embora Vera] PhP [suplicasse aos juízes] PhP]IP  
[[Embora Lúcia] PhP [tentasse o resultado] PhP]IP  
[[Embora Carmen] PhP [quisesse a recompensa] PhP]IP

Importa observar que, considerando a hipótese sobre a diferença de gama de variação de F0, as orações *desgarradas totais*, além de serem um IP, são também um enunciado (U) e, por isso, é esta indicação é acrescentada na representação dos constituintes sempre que se refere aos dados de *desgarramento*, conforme exemplo a seguir:

---

33 Sabemos que, de acordo com os algoritmos de formação do PhP, o sintagma adverbial [na loteria] é usualmente estruturado como um PhP à parte. Entretanto, consideramos ser transitivo direto o verbo que precede tal sintagma e, de forma paralela aos outros IPs aqui analisados, em que o último PhP é composto por duas PWs, decidimos considerá-lo, juntamente com o verbo, como parte de um único PhP.

[[[Embora Carmen] PhP [quisesse a recompensa] PhP]IP]U

No momento da constituição da amostra, não nos demos conta de que há, em quatro dos quinze IPs idealizados, palavras oxítonas (*enviar, conquistar, ajudar*) no fim do PhP inicial e, além disso, há primeiros PhPs com duas PWs (iniciados por palavras portadoras de acento - *Já, Quando* e *Embora*) e PhPs com apenas uma PW (iniciados por *Se* e *Pra*). Tal inconsistência poderia ser um problema, uma vez que há PhPs iniciais com apenas uma palavra portadora de acento (na última sílaba e sem espaço segmental para modulação postônica) e outros PhPs com duas palavras portadoras de acento. Entretanto, salienta-se que a literatura da área descreve consistentemente o fim dos IPs como o *locus* de informações prosódicas mais relevantes na diferenciação de tipos oracionais. Desse modo, a referida inconsistência é apontada devido às convicções acerca da honestidade do trabalho científico que ora se apresenta, mas, como se verá nos resultados, a fronteira de IP foi, de fato, a relevante para concretização prosódica do fenômeno em estudo e, assim, a descrição prosódica de orações *desgarradas totais* não foi prejudicada e se deu de forma coerente. Caso houvesse resultados de variação consistente entre *desgarradas* e *não desgarradas* no que tange à configuração do PhP inicial, dados com diferentes configurações iniciais de PhP teriam de ser analisados separadamente.

### 3.2 PROCESSO DE ANÁLISE DO CORPUS

Para a efetiva notação prosódica dos dados, será utilizado o sistema P\_TOBI, proposto por VIANNA E FROTA (2007), por FROTA (2014) e por FROTA ET AL. (2015) para o português, sistema esse baseado no ToBI inglês (TO para Tones e BI para *Break Indices*), o qual foi desenvolvido dentro da teoria AM (SILVERMAN ET AL., 1992) e propõe o alinhamento do contorno de F0 a uma série de camadas.

O sistema de notação P\_TOBI é feito com o auxílio do programa PRAAT (BOERSMA E WEENICK, 2015) de análise acústica e inclui as camadas para a associação tonal, para a transcrição ortográfica e para a anotação de fronteiras prosódicas, detalhadas a seguir<sup>34</sup>:

Camada de associação tonal: nela, há a transcrição do contorno entoacional, dos tons associados às sílabas proeminentes (marcados por ‘\*’) e dos tons associados às fronteiras (marcados por ‘%’ para o IP e ‘p’ para o PhP), que refletem a organização fonológica.

Camada ortográfica: nela, de fato, há a transcrição ortográfica de cada palavra dicionarizada que compõe a sentença.

Camada para a anotação de fronteiras prosódicas: nela, há a transcrição do fraseamento obtido de acordo com a relação entre fonologia e morfossintaxe. De acordo com a tradição do Sistema P-TOBI, são usados índices numéricos para indicar o grau de juntura: 0 = Clítico (CI); 1= Palavra prosódica (PW); 2 = Palavra prosódica composta (PWG); 3 = Sintagma fonológico (PhP); 4 = Sintagma entoacional (IP).

Frota (2014) salienta que as fronteiras prosódicas são anotadas independentemente de haver marcas de fronteiras tonais associadas a elas e que os três símbolos obrigatórios relativos às marcas

---

34 Tal detalhamento, feito ainda de forma mais específica, pode ser encontrado em [http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI\\_cv.html](http://labfon.lettras.ulisboa.pt/InAPoP/P-ToBI/ToBI/ToBI_cv.html)

tonais (\*, %, p) só podem ser utilizados como referência a eventos fonológicos, ainda que, dependendo dos propósitos da transcrição, anotações fonéticas possam ser incluídas na camada de associação tonal, como a indicação de alinhamento tardio (<) ou adiantado (>) do pico de F0, por exemplo.

Nos dados analisados neste livro, além da anotação feita nas três camadas postuladas pelo P\_TOBI, utiliza-se uma quarta camada para a anotação da duração das sílabas na palavra nuclear (medida em milissegundos) e dos valores mínimo e máximo de F0, para averiguar a gama de variação na mesma palavra. Os valores da gama de variação foram descritos, na quarta camada, sob a legenda "VF0 = X ~ Y", na qual X significa o valor mínimo da F0 e Y representa o valor máximo da mesma pista prosódica.

Abaixo, um exemplo da notação aqui adotada, feita com base no P\_TOBI:

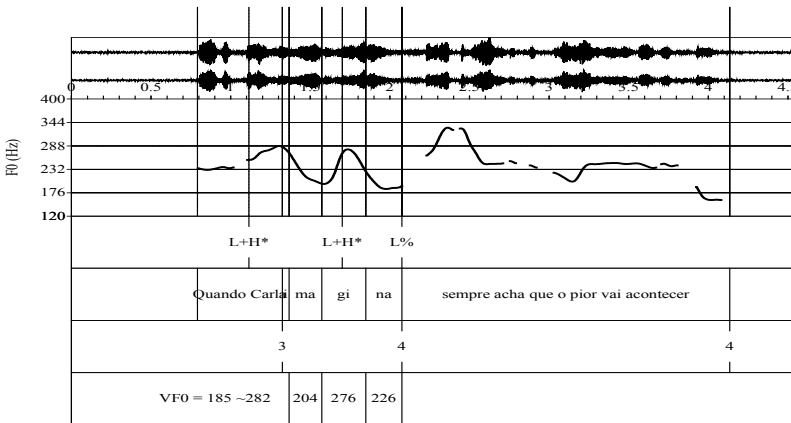


Fig.16: Exemplo de notação com base no P\_TOBI

A fim de aferir o comportamento dos parâmetros que sustentam as hipóteses levantadas para a caracterização prosódica do *desgarramento*, foram considerados, portanto, parâmetros acústicos de natureza duracional – pausa e alongamento silábico – e parâmetros acústicos de natureza melódica – a modulação da frequência fundamental e a gama de variação de F0.

Além da descrição do contorno melódico presente no primeiro PhP de todos os IPs, o restante das aferições concentrou-se na palavra nuclear (pré-fronteira direita) dos IPs constituídos por orações adverbiais, *desgarradas* e *não desgarradas*. Isso porque, como demonstram trabalhos construídos sob a mesma base teórica (TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; SERRA, 2009; FONSECA, 2010 – para o PB; e FROTA, 2000; FROTA E VIGÁRIO, 2001; SEVERINO, 2011; BARROS, 2014 – para o PE) é ela – a fronteira final – o principal *locus* para a inserção de características prosódicas capazes de diferenciar estruturas em português.

No que concerne especificamente ao alongamento final, a análise se alinha ao que descreve Serra (2009) em sua análise sobre o fraseamento do PB, e espera-se que o alongamento se manifeste de forma mais expressiva nas sílabas tônica e postônica finais do que na sílaba pretônica, já que esta se encontra mais distante da fronteira. Seguindo os passos de análise da autora, assume-se que

para se observar se houve ou não alongamento, deve-se contrastar a sílaba “suspeita” de alongamento, de preferência com outra “não suspeita”, pois se as duas alongam juntas, não se consegue evidenciar, em termos relativos, se houve ou não o referido alongamento. A rigor, qualquer sílaba que não alongue poderia ser escolhida para servir de referência, isto é, para contrastar com a postônica. A pretônica 1 é uma boa candidata, pois, (i) além de não alongar (razão principal), (ii) é conhecida a relação “ideal” de sua duração com as demais (tônica e postônica) fora do contexto fronteira (cf Moraes 1995), e (iii) é ela, como a postônica, uma sí-

laba átona, ou seja, têm elas durações em princípio mais próximas entre si (do que entre a postônica e a tônica, por exemplo), o que faz com mais frequência ser positivo o índice do alongamento, evidenciando-o melhor. Assim, é mais elegante dizer que a postônica alonga de X% em relação à pretônica, do que dizer que a postônica “desalonga” menos do que o esperado em relação à tônica, por exemplo.  
(SERRA, 2009, p.74)

Uma vez que é feita a análise de estruturas lexicalmente idênticas para a comparação de orações *desgarradas* e *não desgarradas*, a observação da existência de alongamento se deu em duas etapas: 1) através da comparação intersilábica, em que medimos a duração das três sílabas finais da palavra nuclear e descrevemos, separadamente para cada tipo oracional, o percentual de aumento ou descenso das sílabas pretônica e postônica em relação à tônica; 2) através da comparação interoracional, em que realizamos a comparação da duração média das sílabas da palavra nuclear em orações *desgarradas* e *não desgarradas*.

No que se refere à pausa, a análise priorizou a relação entre a existência ou não de pausa e o tipo de contorno associado a ela na fronteira da adverbial com oração núcleo em estruturas *não desgarradas*. A anotação das modulações de F0 foi feita no programa PRAAT (BOERSMA E WEENICK, 2015), e todos os contornos observados – nas fronteiras inicial e final do IP – foram descritos em planilhas do Excel para que, posteriormente, fosse feita a contagem percentual dos contornos predominantemente encontrados. De igual forma, os valores máximo e mínimo da frequência fundamental na palavra nuclear – para que se verificasse a gama de variação de F0 – foram lançados em planilhas para que se obtivesse a média de tais valores e os percentuais da variação.

Os cálculos percentuais de todas as pistas prosódicas estudadas – pausa, alongamento silábico, modulação de F0 e gama de

variação de F0 – foi feita com o auxílio do programa Excel, no qual foram criadas planilhas para a organização e para o cálculo dos parâmetros analisados, os quais foram traduzidos em tabelas e gráficos que auxiliarão na descrição dos resultados.





## CAPÍTULO 4

Quando a fala é vista...

ou

Análise prosódica de orações  
adverbiais anexadas à oração  
núcleo no PB e no PE

### 4.1 AS ORAÇÕES NÃO DESGARRADAS NO PB E NO PE

A partir de agora, será efetuada uma descrição detalhada das pistas prosódicas identificadas nas orações adverbiais acompanhadas da oração núcleo, aqui denominadas *não desgarradas*. Serão feitas, primeiramente, a análise dos dados do PB e, posteriormente, a análise dos dados do PE. Para ambas as variedades, serão descritos o comportamento da frequência fundamental (F0), da duração e da gama de variação de F0, nesta ordem, separadamente para as orações em que não há ramificação no último PhP e para as orações em que o último PhP é ramificado. Deste modo, as tabelas que apresentarão as análises designam um total de 225 dados, 45 por cada uma das 5 informantes (15 orações x 3 repetições). Ao fim, será apresentado um resumo dos resultados, com o objetivo de sistematizar a caracterização prosódica dos dados.

## 4.2 AS ORAÇÕES NÃO DESGARRADAS NO PB

### 4.2.1 A F0

O início dos IPs menores (sem ramificação no último PhP não) que são orações *não desgarradas* foi marcado, majoritariamente, pela presença do acento bitonal L+H\* (49%) no elemento proeminente (cabeça) do primeiro PhP, estando, portanto, a porção alta do acento bitonal alinhada à sílaba tônica na maior parte das vezes, ainda que, em alguns casos, esse alinhamento tenha se dado na porção baixa (L\*+H).

Além de L+H\*, foram também observados o acento bitonal H+L\*(39%) e os acentos monotonais H\* (6%) e L\*(6%). Há, portanto, preferência por um acento bitonal associado à última sílaba tônica do primeiro PhP em 88% dos dados. Como pode ser notado na tabela 2 a seguir, o acento L+H\* foi preferido por quatro das cinco informantes, não sendo o mais produzido apenas pela informante 4, que preferiu o tom H+L\*.

| Contornos PhP inicial - IPs menores, com PhP não ramificado | L+H*        |            | H*         |           | H+L*       |            | L*         |           |
|---|-------------|------------|------------|-----------|------------|------------|------------|-----------|
|   | Oco./total. | %          | Oco./total | %         | Oco./total | %          | Oco./total | %         |
| Inf.1   | 26          | 58%        | 0          | 0%        | 14         | 31%        | 5          | 11%       |
| Inf.2   | 19          | 42%        | 8          | 18%       | 18         | 40%        | 0          | 0%        |
| Inf.3   | 23          | 51%        | 1          | 2%        | 18         | 40%        | 3          | 7%        |
| Inf.4   | 7           | 16%        | 2          | 4%        | 32         | 71%        | 4          | 9%        |
| Inf.5   | 36          | 80%        | 3          | 7%        | 5          | 11%        | 1          | 2%        |
| TOTAL   | <b>111</b>  | <b>49%</b> | <b>14</b>  | <b>6%</b> | <b>87</b>  | <b>39%</b> | <b>13</b>  | <b>6%</b> |

Tabela 2: Contornos melódicos observados no primeiro PhP dos IPs *não desgarrados* com PhP não ramificado no PB.

As figuras a seguir exemplificam os acentos tonais observados no PhP inicial das orações *não desgarradas* produzidas por falantes brasileiros:

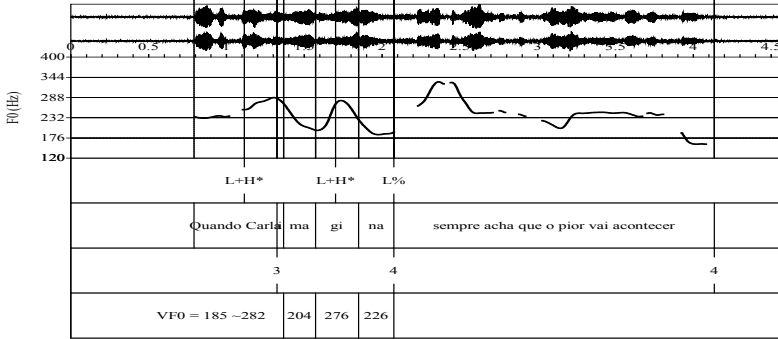


Fig. 17: Contorno L+H\* no PhP1 da oração *não desgarrada* [Quando Carla imagina]IP-R1Inf.2PB.

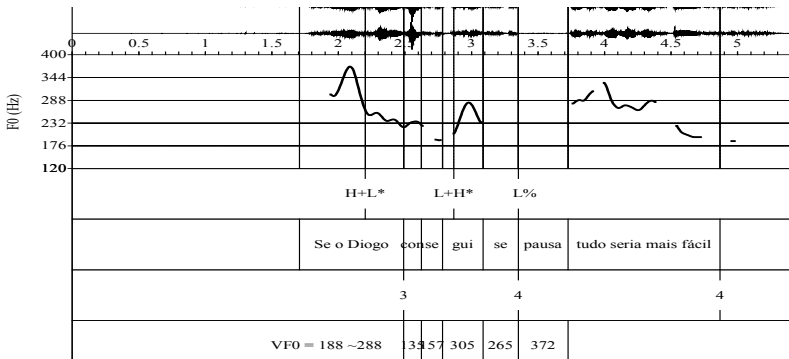


Fig. 18: Contorno H+L\* no PhP1 da oração *não desgarrada* [Se o Diogo conseguisse] IP-R1Inf.4PB.

"AI, SE EU TE PEGO..."

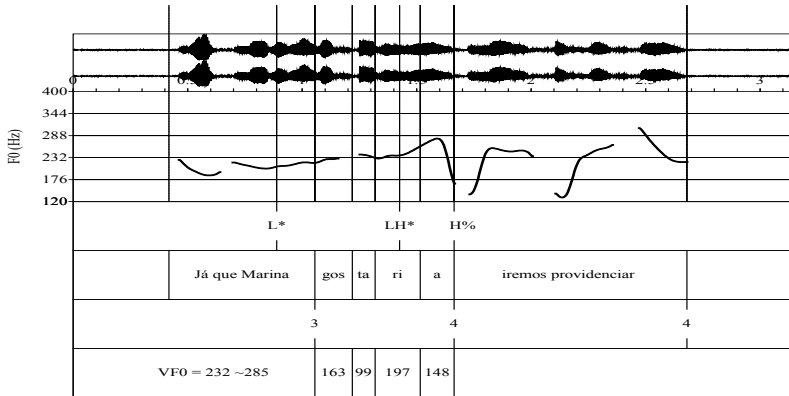


Fig. 19: Contorno L\* no Php1 da oração *não desgarrada* [Já que a Marina gostaria]IP-R1Inf.1PB.

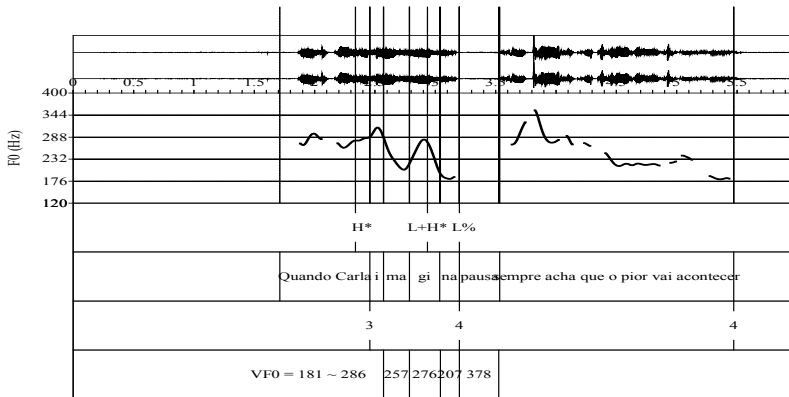


Fig. 20: Contorno H\* no Php1 da oração *não desgarrada* [Quando Carla imagina]IP-R3Inf.4PB.

Nos IPs com PhP ramificado, a configuração melódica inicial manifestou-se de forma semelhante à dos IPs menores, o que era esperado, uma vez que a ramificação existente nos dados se deu apenas no último PhP, sendo, portanto, idênticas as porções iniciais de todas as orações. Novamente, apenas a informante 4 apresentou comportamento diferenciado, preferindo a utilização do acento bitonal H+L\* em 71% dos 45 dados, ao passo que, nas orações produzidas pelas informantes 1, 2, 3 e 5, o acento bitonal L\*+H foi preferido em 98%, 60%, 71% e 73% dos dados, respectivamente, como revelam os números da tabela 3:

| Contornos PhP inicial -<br>IPs maiores,<br>com PhP<br>ramificado | L+H*           |            | H*             |           | H+L*           |            | L*             |           |
|--|----------------|------------|----------------|-----------|----------------|------------|----------------|-----------|
|  | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %         | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %         |
| Inf.1  | 44             | 98%        | 0              | 0%        | 0              | 0%         | 1              | 2%        |
| Inf.2  | 27             | 60%        | 1              | 2%        | 17             | 38%        | 0              | 0%        |
| Inf.3  | 32             | 71%        | 1              | 2%        | 12             | 27%        | 0              | 0%        |
| Inf.4  | 7              | 16%        | 4              | 9%        | 32             | 71%        | 2              | 4%        |
| Inf.5  | 33             | 73%        | 0              | 0%        | 12             | 27%        | 0              | 0%        |
| TOTAL  | <b>143</b>     | <b>64%</b> | <b>6</b>       | <b>3%</b> | <b>73</b>      | <b>32%</b> | <b>3</b>       | <b>1%</b> |

Tabela 3: Contornos melódicos observados no primeiro PhP dos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado no P.

As figuras a seguir, representativas de orações *não desgarradas* que possuem ramificação no último PhP do IP, dão semelhante exemplo dos acentos tonais observados:

"AI, SE EU TE PEGO..."

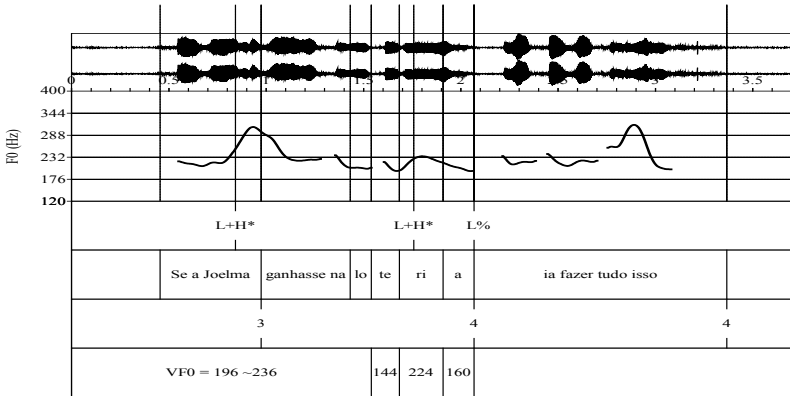


Fig. 21: Contorno L+H\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Se a Joelma ganhou na loteria]IP- R1Inf.1PB.

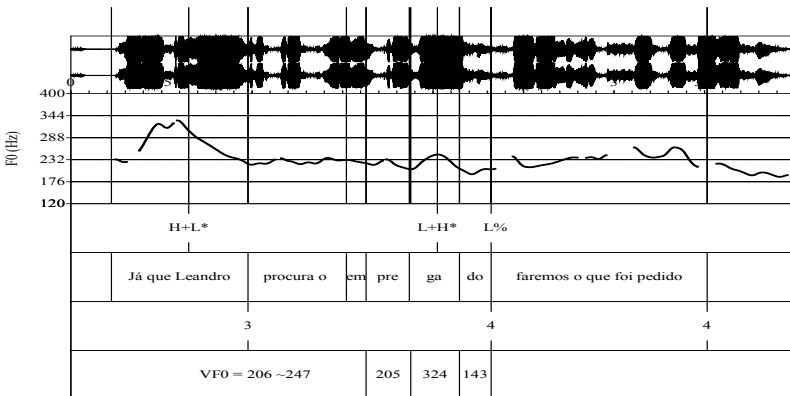


Fig. 22: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Já que Leandro procura o emprego]IP- R1Inf.5PB.

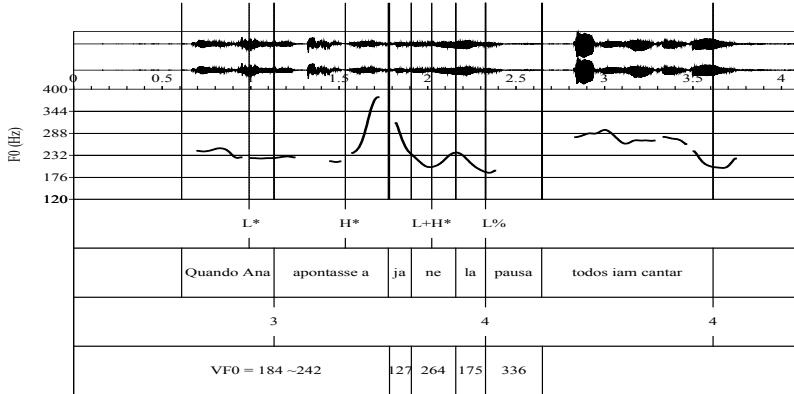


Fig. 23: Contorno L\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Quando Ana apontasse a janela]IP- R2Inf.4PB.

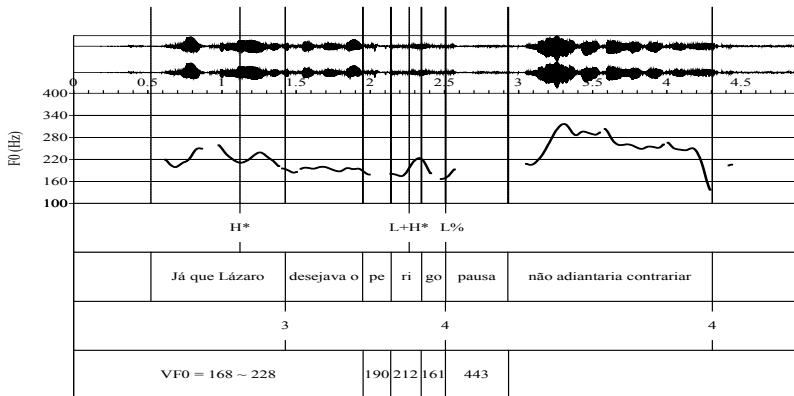


Fig. 24: Contorno H\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Já que Lázaro desejava o perigo]IP- R2Inf.4PB.

Ainda sobre a configuração inicial dos IPs, vale destacar que o contorno H+L\* associado ao elemento cabeça do primeiro PhP é mais frequente nas orações em que o IP é iniciado por uma sílaba tônica (*Já, Quando*). Além disso, nos IPs introduzidos por *embora*, o acento L+H\* esteve majoritariamente associado à primeira sílaba acentuada do IP, a do conector, e não à sílaba tônica da palavra cabeça do primeiro PhP, o que corrobora a asserção de Tenani (2002, p.52) de que “ocorre, preferencialmente, o tom LH\* associado à primeira sílaba acentuada de I, independentemente de essa sílaba ser ou não a mais proeminente de I’ (PhP).

No que tange à configuração final dos IPs, as orações *não desgarradas* com PhP não ramificado produzidas pelas informantes brasileiras se caracterizaram, majoritariamente, pela associação do acento tonal L+H\* à última sílaba tônica do IP, seguido por um tom de fronteira L% (39%). O mesmo acento tonal – L+H\* – seguido de um tom de fronteira H% foi notado em 31% dos dados e, além desses contornos, também foi produtivo o acento tonal H+L\* associado à última tônica do IP, seguido do tom de fronteira L% (30%)<sup>35</sup>. A tabela 4 a seguir demonstra os números referentes a tais resultados:

---

35 Em algumas de nossas figuras, os acentos tonais H+L\* e L+H\* poderão ser observados como HL\* ou LH\*. Isso se dá pelo fato de, a princípio, pensarmos na possibilidade de haver uma diferença de alinhamento que pudesse distinguir os tipos frásicos ou as variedades estudadas. Entretanto, tal diferenciação não se mostrou produtiva e optamos por considerar H+L\* e HL\* (ou L+H\* e LH\*) semelhantes, sendo a descrição com o diacrítico ‘+’ o *default* na descrição de nossos resultados.



| Contornos PhP final -<br>orações menores, com PhP<br>não ramificado | L+H*H%         |            | L+H*L%         |            | H+L*L%         |            |
|---|----------------|------------|----------------|------------|----------------|------------|
|   | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          |
| Inf.1   | 7              | 15%        | 14             | 31%        | 24             | 53%        |
| Inf.2   | 29             | 65%        | 7              | 15%        | 9              | 20%        |
| Inf.3   | 20             | 45%        | 10             | 22%        | 15             | 33%        |
| Inf.4   | 3              | 7%         | 37             | 82%        | 5              | 11%        |
| Inf.5   | 10             | 22%        | 20             | 45%        | 15             | 33%        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>69</b>      | <b>31%</b> | <b>88</b>      | <b>39%</b> | <b>68</b>      | <b>30%</b> |

Tabela 4: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP não ramificado no PB

O fim dos IPs com PhP não ramificado que são orações *não desgarradas* foi, portanto, marcado por uma fronteira baixa em 69% dos dados analisados, fronteira essa preferida pelas informantes 1, 3, 4 e 5 (84%, 55%, 93% e 78% dos 45 dados, respectivamente). É interessante notar que tal fronteira, em conjunto com o acento tonal L+H\* ou com o acento tonal H+L\* forma, respectivamente, os padrões melódicos caracterizadores da questão total e da asserção neutra na maioria dos falares brasileiros (CUNHA, 2000; TENANI, 2002; FERNANDES, 2007; MORAES, 2008; SILVA, 2011; Silvestre 2012, SILVESTRE E CUNHA, 2013; CARDOSO ET AL, 2014, entre outros), entretanto as orações aqui analisadas não se confundem com perguntas ou asserções neutras. Ao contrário, na produção das orações adverbiais *não desgarradas*, é clara a necessidade de complementação posterior, o que faz postular que não somente o contorno L+H\*H%, preferido pela informante 2 (64% dos dados) e descrito na literatura da área como caracterizador do padrão “continuativo”, é, de fato, o padrão melódico que transmite a ideia de continuidade.

As figuras 25, 26 e 27 a seguir demonstram os contornos mencionados:

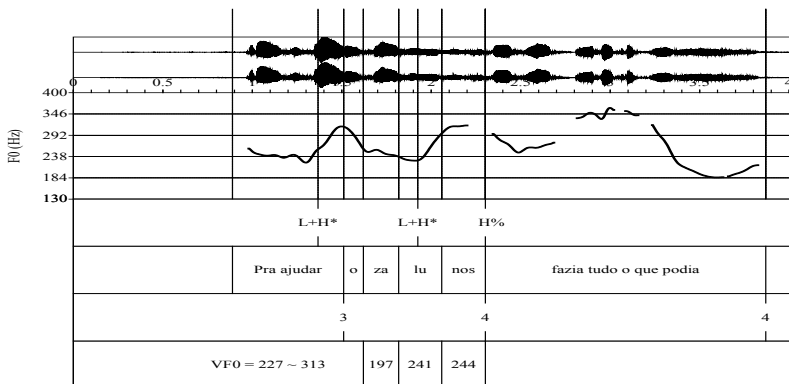


Fig. 25: Contorno L+H\*H% no PhP final da oração *não desgarrada* [Pra ajudar os alunos] IP- R2Inf.3PB.

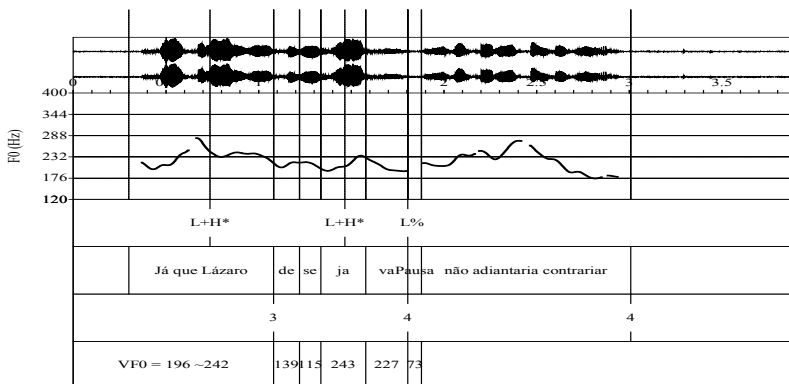


Fig. 26: Contorno L+H\*L% no PhP final da oração *não desgarrada* [Já que Lázaro desejava]IP- R1Inf.1PB.

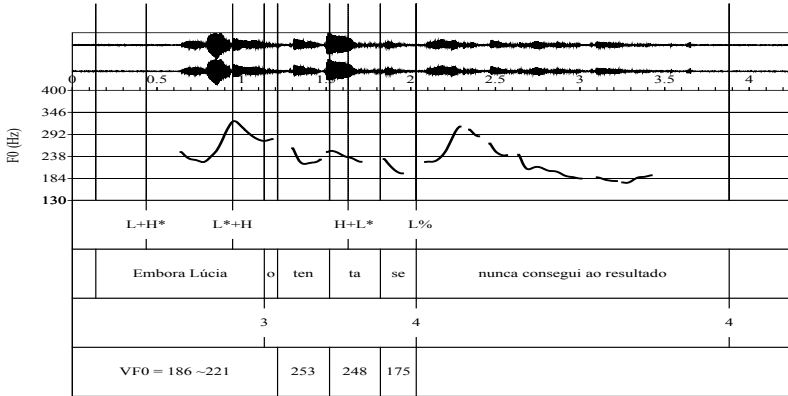


Fig. 27: Contorno H+L\*L% no PhP final da oração *não desgarrada* [Embora Lúcia tentasse]IP- R1Inf.1PB.

Nos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado, a associação do acento tonal L+H\* à última sílaba tônica do IP também foi predominante (62% dos dados), seguido por um tom de fronteira L% em 38% dos dados e H% em 24% deles. A configuração melódica final H+L\*L% foi observada em 38% das orações, mesma porcentagem da configuração L+H\* L%. Logo, novamente há a preferência por uma fronteira baixa – L% – em 76% dos dados, ainda que a ideia veiculada seja de continuação. O contorno melódico L+H\* H% foi, mais uma vez, preferido apenas pela informante 2, sendo L+H\*L% o preferido pelas informantes 4 e 5 e H+L\* L% o preferido pelas informantes 1 e 3, como revela a tabela 5:

| Contornos PhP final -<br>IPs maiores,<br>com PhP ramificado | L+H* H%        |            | L+H* L%        |            | H+L* L%        |            |
|---|----------------|------------|----------------|------------|----------------|------------|
|   | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          |
| Inf.1   | 9              | 20%        | 3              | 7%         | 33             | 73%        |
| Inf.2   | 26             | 58%        | 5              | 11%        | 14             | 31%        |
| Inf.3   | 5              | 11%        | 16             | 36%        | 24             | 53%        |
| Inf.4   | 1              | 2%         | 36             | 80%        | 8              | 18%        |
| Inf.5   | 13             | 29%        | 25             | 56%        | 7              | 15%        |
| TOTAL   | <b>54</b>      | <b>24%</b> | <b>85</b>      | <b>38%</b> | <b>86</b>      | <b>38%</b> |

Tabela 5: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado no PB

As figuras de 28 a 30 exemplificam as configurações melódicas finais identificadas em orações *não desgarradas* constituídas por um PhP ramificado:

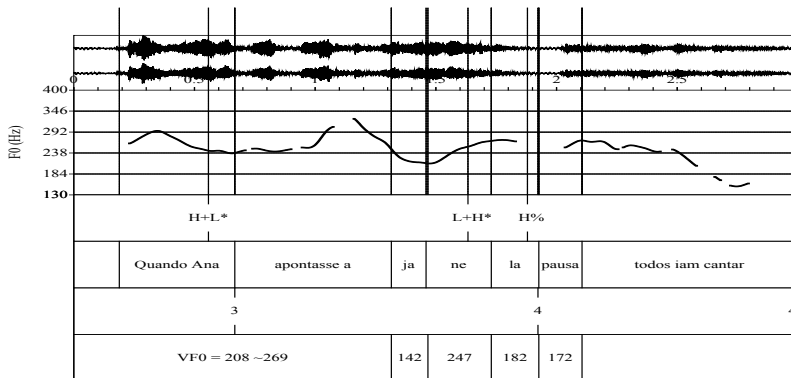


Fig. 28: Contorno L+H\*H% no PhP final da oração *não desgarrada* [Quando Ana apontasse a janela]IP- R3Inf.2PB.

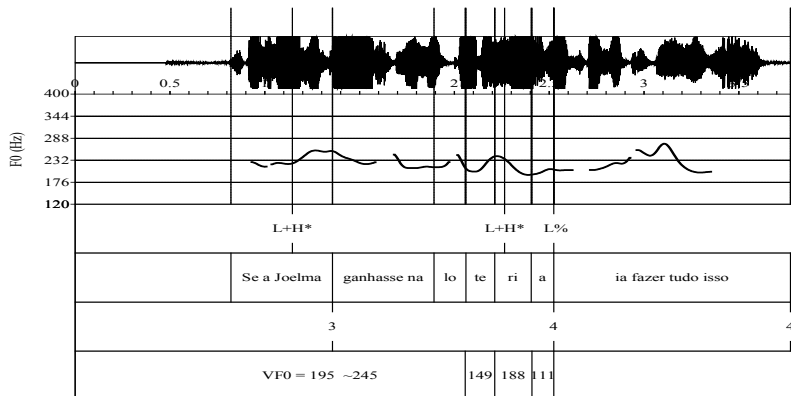


Fig. 29: Contorno L+H\* L% no PhP final da oração *não desgarrada* [Se a Joelma ganhasse na loteria]IP- R3Inf.5PB.

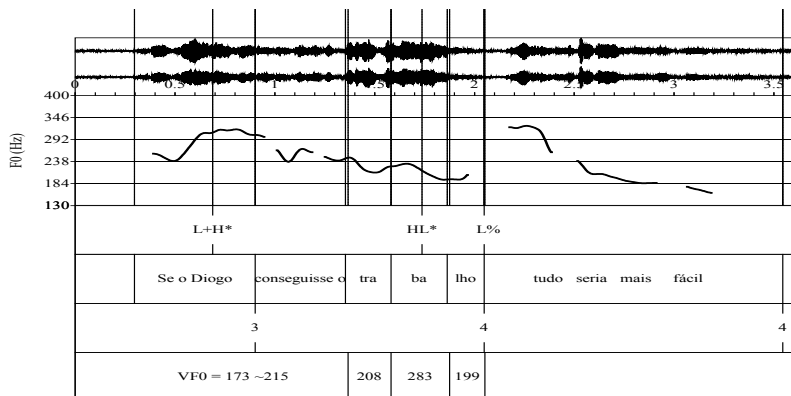


Fig. 30: Contorno H+L\* L% no PhP final da oração *não desgarrada*: [Se o Diogo conseguisse o trabalho]IP- R3Inf.3PB.

Os resultados revelam a existência dos mesmos contornos melódicos, em proporções similares, nas orações em que há um PhP ramificado e nas orações em que não há ramificações no último PhP. Sendo assim, a diferença de estrutura não se mostrou influente para a associação tonal, o que se justifica e se espera pelo fato de tais orações, independentemente da estrutura dos constituintes prosódicos internos, serem um IP que veicula o mesmo conteúdo semântico de continuidade e é o IP o domínio de um contorno entoacional (NESPOR E VOGEL, 2007, p. 218).

Em relação especificamente à existência de pausas, fator também em análise para a caracterização das orações *não desgarradas*, há, entre as informantes brasileiras, comportamentos diferenciados, como mostra a tabela 6:

| EXISTÊNCIA DE PAUSA | LH* H%     |           | H+L* L%    |            | L+H* L%    |     |
|---------------------|------------|-----------|------------|------------|------------|-----|
|                     | Oco./total | %         | Oco./total | %          | Oco./total | %   |
| Inf.1               | 4          | 9%        | 28         | 65%        | 11         | 26% |
| Inf.2               | 0          | 0%        | 0          | 0%         | 0          | 0%  |
| Inf.3               | 4          | 18%       | 8          | 36%        | 10         | 46% |
| Inf.4               | 5          | 6%        | 14         | 16%        | 67         | 78% |
| Inf.5               | 0          | 0%        | 6          | 30%        | 14         | 70% |
| TOTAL               | <b>13</b>  | <b>8%</b> | <b>56</b>  | <b>32%</b> | 102        | 60% |

Tabela 6: Número de dados delimitados por pausa correlacionados ao contorno melódico (PB)

A pausa foi uma pista acústica utilizada sistematicamente apenas pela informante 4. Dos 90 dados *não desgarrados* produzidos

por cada informante, a fronteira de IP foi delimitada por pausa em 43 (48%) das orações verbalizadas pela informante 1, em 22 (24%) das orações produzidas pela informante 3, em 86 (96%) das orações ditas pela informante 4 e em 20 (22%) das orações verbalizadas pela informante 5. Desses dados, a existência de pausa esteve relacionada aos contornos L+H\* L% e H+L\* L%, ou seja, à fronteira baixa, em 92% das orações analisadas, ao passo que a correlação desta pista silenciosa à fronteira alta, referente ao contorno L+H\* H%, deu-se em apenas 8% dos dados. A informante 2, maior produtora da configuração final L+H\* H%, não delimitou com pausa nenhum dos IPs.

Tais resultados conduzem a outra consideração concernente ao chamado contorno “continuativo”: parece que a configuração tonal L+H\*H% é, por excelência, o padrão melódico que transmite a ideia de continuidade em PB quando não há pausa na delimitação do IP. Nos casos em que o fraseamento é marcado pela presença de pausa, o conteúdo semântico de complementação pode também ser transmitido – e nos dados aqui analisados é majoritariamente transmitido – por contornos entoacionais que apresentam um tom baixo na fronteira do IP.

#### 4.2.2 A DURAÇÃO

Conforme descrito nos passos metodológicos (cf. capítulo 3), a observação da existência de alongamento – uma das hipóteses para diferenciação das orações *desgarradas totais* em relação às *não desgarradas* – deu-se em duas etapas. Nesta parte, quando se lança um olhar especificamente para orações *não desgarradas*, procede-se à primeira fase da descrição, que pressupõe uma comparação intersilábica através da verificação das médias de duração das três sílabas finais da palavra nuclear – a última do IP constituído pela oração adverbial, a fim de descrever se há alongamento no fim dos IPs.

Nas orações *não desgarradas* formadas por PhPs não ramificados, a análise dos dados revelou que, relativamente à sílaba tônica, a sílaba pretônica tem duração média 32% menor ao passo que, em relação à mesma sílaba, a postônica dura, em média, 23% menos. Em relação à sílaba pretônica, a postônica alonga 12% em média. A tabela 7 revela os números que viabilizam tais porcentagens:

| Valores médios da duração -<br>IPs menores, com PhP<br>Não ramificado | Pretônica<br>(ms) | Tônica<br>(ms) | Postônica<br>(ms) |
|---|-------------------|----------------|-------------------|
| Inf.1   | <b>139</b>        | 218            | <b>177</b>        |
| Inf.2   | <b>160</b>        | 235            | <b>150</b>        |
| Inf.3   | <b>177</b>        | 266            | <b>215</b>        |
| Inf.4   | <b>183</b>        | 269            | <b>232</b>        |
| Inf.5   | <b>185</b>        | 258            | <b>182</b>        |
| MÉDIA   | <b>168</b>        | <b>249</b>     | <b>191</b>        |

Tabela 7: Média de duração das sílabas finais em orações *não desgarradas* com PhP não ramificado no PB

A sílaba postônica, portanto, dura mais que a pretônica na realização da maioria das informantes, com exceção das informantes 2 e 5.

Considerando as afirmações de Serra (2009) e comparando os resultados relativos à duração com as análises concernentes ao comportamento da F0, pode-se concluir, quanto ao fraseamento dos IPs constituídos por orações *não desgarradas*, que há produtividade de marcação da fronteira pela duração, através do alongamento da sílaba final, uma vez que, à exceção da informante 4, mais de 50% dos IPs produzidos pelas demais informantes não foram de-



limitados por pausa. O confronto entre as figuras seguintes ilustra a referida marcação:

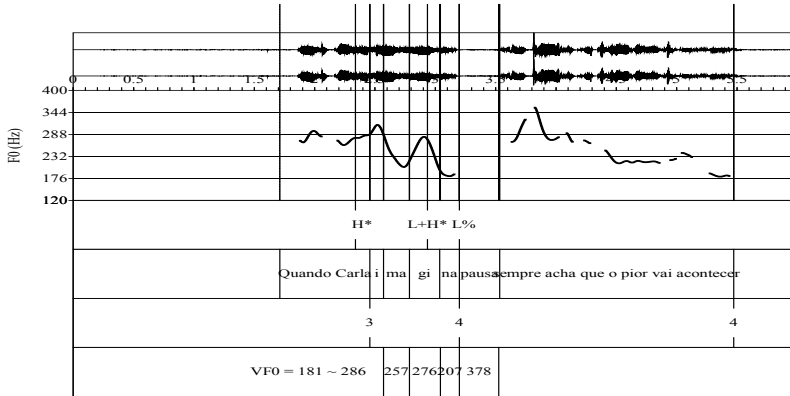


Fig. 31: Fronteira marcada pela pausa na oração *não desgarrada* [Quando Carla imagina] IP- R3Inf.4PB.

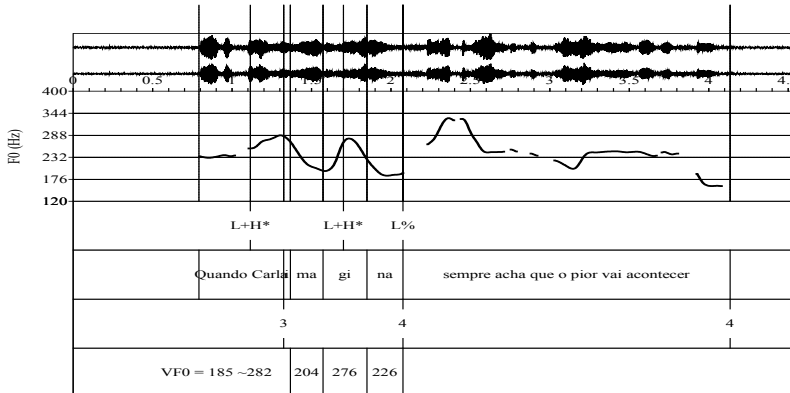


Fig. 32: Fronteira marcada pela duração na oração *não desgarrada* [Quando Carla imagina] IP- R1Inf.2PB.

Nas orações *não desgarradas* formadas por um PhP ramificado, também há, em relação à sílaba tônica, duração média menor da sílabas pretônica e postônica, durando esta 30% menos e, aquela, 35% menos. Em relação à sílaba pretônica, a postônica alonga 9% em média.

| Valores médios da duração - IPs maiores, com último PhP ramificado | Pretônica<br>(ms) | Tônica<br>(ms) | Postônica<br>(ms) |
|--|-------------------|----------------|-------------------|
| Inf.1  | <b>136</b>        | 225            | <b>160</b>        |
| Inf.2  | <b>155</b>        | 213            | <b>142</b>        |
| Inf.3  | <b>171</b>        | 299            | <b>199</b>        |
| Inf.4  | <b>166</b>        | 253            | <b>196</b>        |
| Inf.5  | <b>172</b>        | 252            | <b>182</b>        |
| MÉDIA  | <b>160</b>        | <b>248</b>     | <b>175</b>        |

Tabela 8: Média de duração das sílabas finais em orações *não desgarradas* com PhP ramificado no PB.

Percebe-se, assim, um percentual de alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho das orações: nas orações menores, com 9 sílabas e sem ramificação no último PhP, o percentual de alongamento da sílaba postônica é proporcionalmente maior. Pode-se considerar tal fato como resultado da influência do tamanho ou do peso dos constituintes, contudo, somente uma análise estatística inferencial seria capaz de dar segurança em relação a esta afirmação.

## 4.2.3 A GAMA DE VARIAÇÃO DE F0

A análise da gama de variação de F0 nas sílabas da palavra nuclear de orações compostas por PhPs não ramificados revelou que há, entre a F0 mínima e a F0 máxima na referida porção do IP, uma diferença média de 22% (59 Hz). Considerando o objetivo principal deste livro, como se disse na descrição dos passos metodológicos, a medição da gama de variação de F0 na fronteira final dos IPs foi feita, primordialmente, para que se pudesse perceber se esta é também uma pista prosódica capaz de diferenciar orações *não desgarradas* de orações *desgarradas totais*. Neste momento, entretanto, é interessante destacar que, nos dados da informante 4, a variação de F0 pré-fronteira é um pouco maior (70 Hz/28%, em média) do que nos dados das demais informantes, o que corrobora a afirmação de Barros (2014), em sua análise das parentéticas, sobre o fato de a gama de variação de F0 apresentar índices maiores nos locais onde a concentração de pausas é também maior, já que a inserção de pausas após a oração *não desgarrada* foi feita predominantemente nas sentenças produzidas pela informante em questão.

| Valores médios da gama de variação de F0 -<br>IPs menores, com PhP não ramificado | F0 min.<br>(Hz) | F0 max.<br>(Hz) |
|---|-----------------|-----------------|
| Inf.1   | 207             | 251,9           |
| Inf.2   | 213,7           | 268,5           |
| Inf.3   | 222,6           | 300,9           |
| Inf.4   | 188,6           | 259,5           |
| Inf.5   | 210,6           | 256,9           |
| MÉDIA   | <b>208,5</b>    | <b>267,5</b>    |

Tabela 9: Variação da F0 na palavra nuclear de orações *não desgarradas* com PhP não ramificado no PB

Nas orações em que há ramificação no último PhP, a gama de variação de F0 na palavra nuclear apresentou valores semelhantes aos das orações menores, variando 18% (42 Hz) em média, como mostra a tabela 10. Novamente, os dados da informante 4 apresentaram gama de variação um pouco maior do que a média (20%), juntamente, aqui, com os dados da informante 3 (22%), informante esta que, como comentamos sobre a tabela de existência de pausas (tabela 6), foi a segunda a mais inserir pausas após as orações *não desgarradas*.

| Valores médios da gama de variação de F0 - IPs maiores, com PhP ramificado | F0 min (Hz)  | F0 max (Hz)  |
|--|--------------|--------------|
| Inf.1  | 198,8        | 231,6        |
| Inf.2  | 211,4        | 254,9        |
| Inf.3  | 192,2        | 244,9        |
| Inf.4  | 183,3        | 228,2        |
| Inf.5  | 200,9        | 235,9        |
| MÉDIA  | <b>197,3</b> | <b>239,1</b> |

Tabela 10: Variação da F0 na palavra nuclear de orações *não desgarradas* com PhP ramificado no PB

#### 4.2.4 RESUMO DA DESCRIÇÃO DE ORAÇÕES *NÃO DESGARRADAS* NO PB

A análise prosódica de orações adverbiais *não desgarradas* na variedade carioca revelou que, quanto à configuração melódica, tais orações são caracterizadas predominantemente pelo acento bitonal

L+H\* no primeiro PhP do IP, o que vai ao encontro das descrições feitas por Tenani (2002) e Fernandes (2007) e pode ser demonstrado pelo gráfico 1:

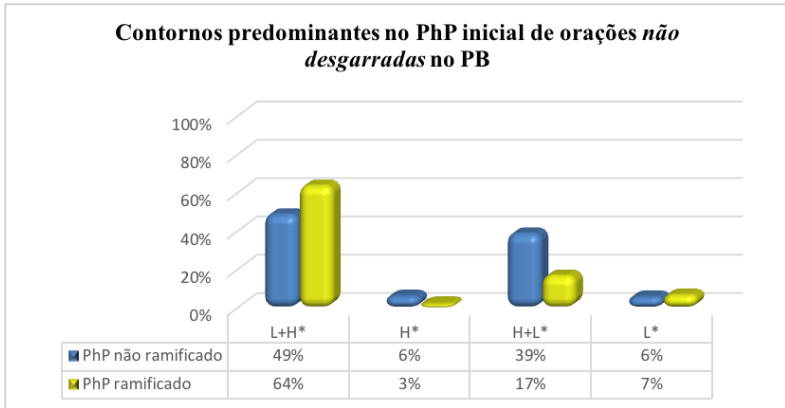


Gráfico 1: Contornos predominantes no PhP inicial de orações *não desgarradas* no PB.

Quanto à configuração final do IP, os resultados mostram que são três os padrões entoacionais associados à melodia mínima de orações *não desgarradas* - H+L\* L%, L+H\* L% e L+H\* H% - e que há preferência pelos padrões com descida melódica final. Não foram notados comportamentos melódicos diferenciados quanto ao tamanho dos constituintes prosódicos em análise e a fronteira de IP foi majoritariamente demarcada por pausa (92%) quando associada aos contornos H+L\* L% e L+H\* L%.

Os gráficos 2 e 3, a seguir, ilustram os referidos resultados:

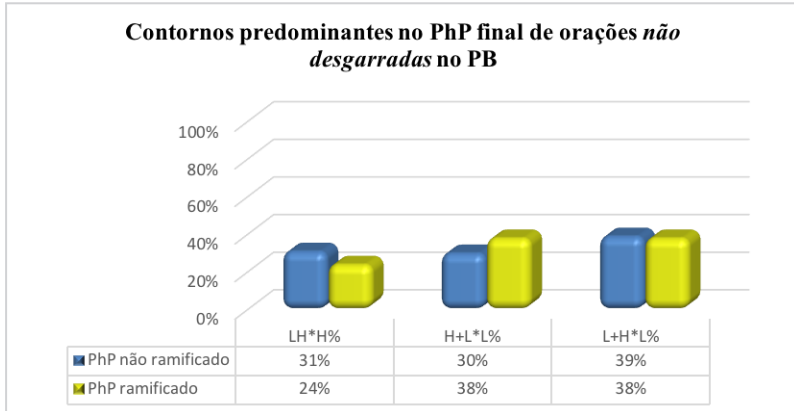


Gráfico 2: Contornos predominantes no PhP final de orações *não* desgarradas no PB.

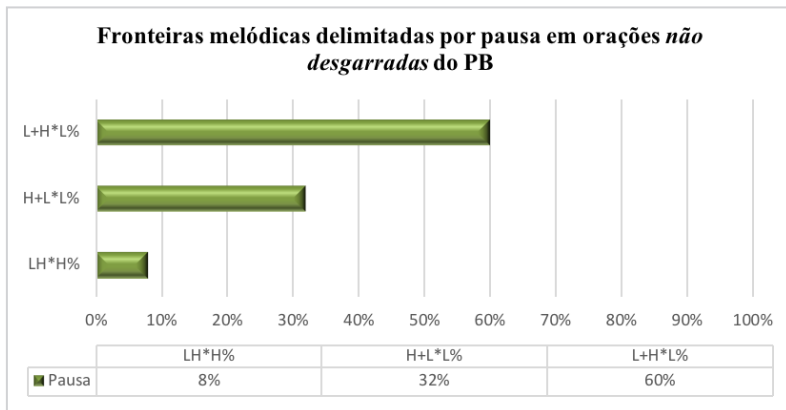


Gráfico 3: Correlação entre contorno melódico e pausa em orações *não* desgarradas no PB.

No que concerne ao comportamento duracional das sílabas em pré-fronteira de IP, a análise de orações *não desgarradas* revela que há um alongamento da última postônica em relação à pretônica final, como ilustra o gráfico 4, o que sugere ser a maior duração da sílaba final uma pista prosódica produtiva na marcação da fronteira do IP.

Vale ressaltar, contudo, que o referido alongamento da sílaba final foi produzido de forma menos saliente nas orações maiores, que possuem ramificação no último PhP, o que pode estar relacionado ao fato de o constituinte mais à direita do IP ter maior peso fonológico, porém apenas uma futura análise estatística será capaz de comprovar tal relação.

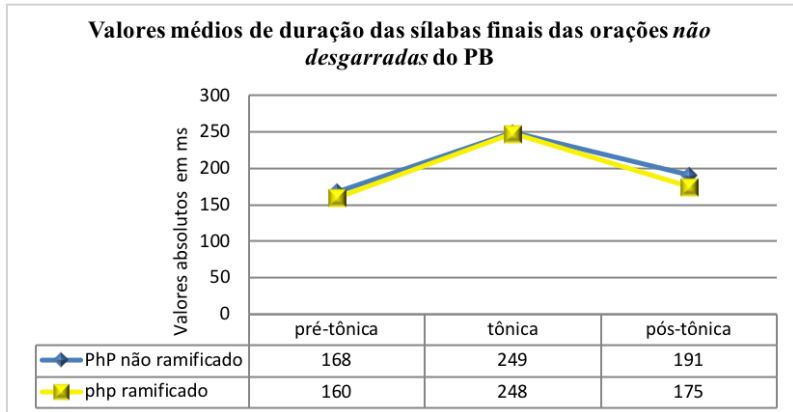


Gráfico 4: Média da duração na palavra nuclear de orações *não desgarradas* no PB.

Finalmente, no que respeita à variação de F0 pré-fronteira de IP, há, para as orações *não desgarradas*, variação média de cerca de

22% para os IPs sem ramificação no último PhP e 18% para os IPs com PhP ramificado no fim, como ilustra o gráfico 5. Tal resultado, agora, serve apenas como ponto de partida para a posterior comparação com a gama de variação de F0 observada nas fronteiras dos IPs que são orações *desgarradas totais*.

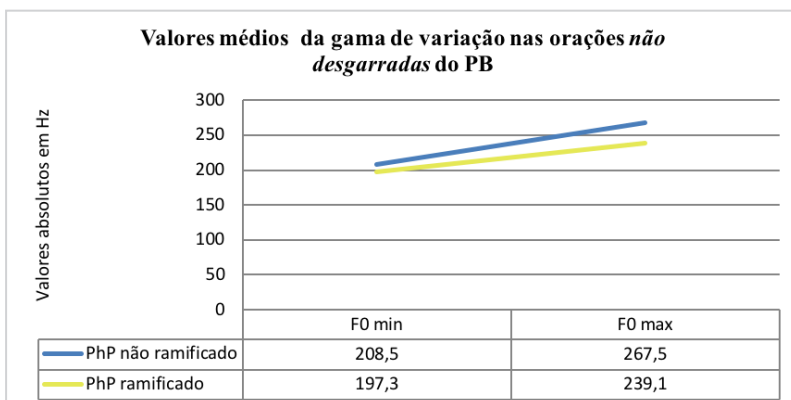


Gráfico 5: Valores médios da gama de variação de F0 em orações *não desgarradas* no PB

Feitas as considerações relativas à análise de orações *não desgarradas* no PB, a seção a seguir procede à descrição do comportamento das pistas prosódicas no mesmo tipo oracional em PE.

#### 4.3 AS ORAÇÕES NÃO DESGARRADAS NO PE – A F0

Assim como no PB, no PE, o início dos IPs com PhP não ramificado que são orações *não desgarradas* foi marcado, majoritariamente, pela presença de um acento bitonal no elemento proeminente do



primeiro PhP. Entretanto, diferentemente da variedade brasileira, em que houve maior produção do tom L+H\*, foi o acento H+L\* mais produtivo na variedade portuguesa (55%).

Além de H+L\*, foram também verificados o acento bitonal L+H\* (24%) e os acentos monotonais H\*(8%) e L\*(13%). Há, portanto, preferência por um acento bitonal associado à última sílaba tônica do primeiro PhP em 79% dos dados. Como pode ser observado na tabela a seguir, o acento H+L\* foi preferido por três das cinco informantes, não sendo o mais produzido, em detrimento dos tons L+H\* e L\*, respectivamente, pelas informantes 1 e 3.

| Contornos PhP inicial –<br>IPs menores, com<br>PhP não ramificado | L+H*       |            | H*         |           | L*         |            | H+L*       |            |
|---|------------|------------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|
|   | Oco./total | %          | Oco./total | %         | Oco./total | %          | Oco./total | %          |
| Inf.1   | 25         | 56%        | 7          | 15%       | 8          | 18%        | 5          | 11%        |
| Inf.2   | 1          | 2%         | 0          | 0%        | 0          | 0%         | 44         | 98%        |
| Inf.3   | 15         | 8%         | 9          | 20%       | 21         | 47%        | 0          | 0%         |
| Inf.4   | 0          | 0%         | 0          | 0%        | 0          | 0%         | 45         | 100%       |
| Inf.5   | 14         | 31%        | 1          | 2%        | 0          | 0%         | 30         | 67%        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>55</b>  | <b>24%</b> | <b>17</b>  | <b>8%</b> | <b>29</b>  | <b>13%</b> | <b>124</b> | <b>55%</b> |

Tabela 11: Contornos melódicos identificados no início dos IPs não desgarrados com PhP não ramificado no PE.

As figuras a seguir, representativas de IPs *não desgarrados* com PhP não ramificado no PE, exemplificam os acentos tonais observados:

"AI, SE EU TE PEGO..."

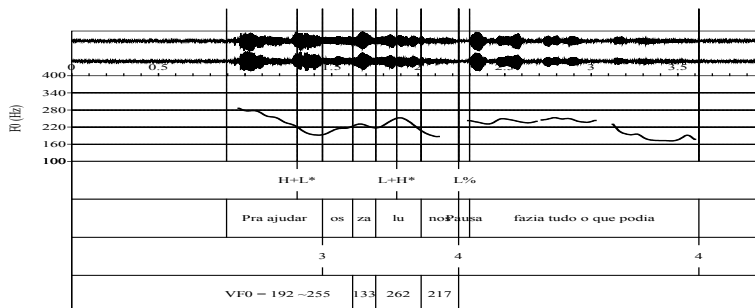


Fig. 33: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração não desgarrada [Pra ajudar os alunos] IP- R1Inf.2PE.

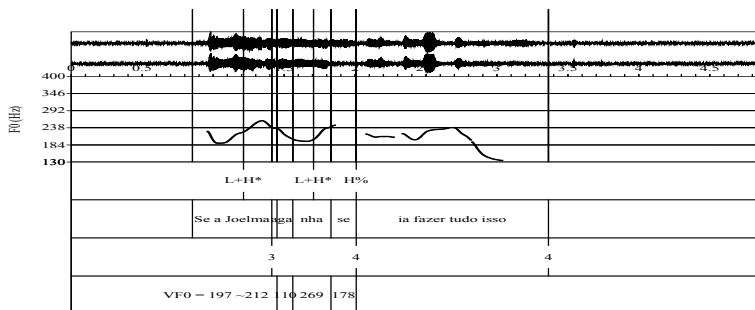


Fig. 34: Contorno L+H\* no PhP inicial da oração não desgarrada [Se a Joelma a ganhasse]IP- R1Inf.3PE.

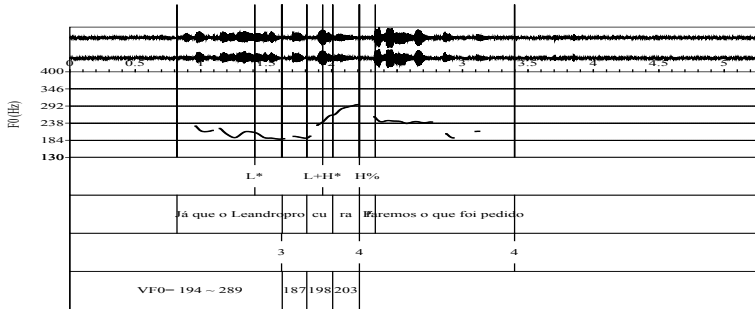


Fig. 35: Contorno L\* no PhP inicial da oração não desgarrada [Já que o Leandro procura]IP- R2Inf.3PE.

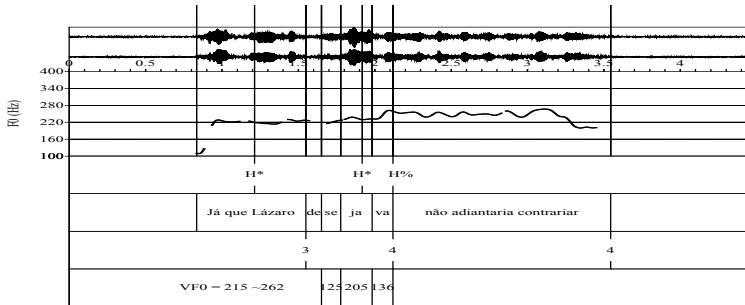


Fig. 36: Contorno H\* no PhP inicial da oração não desgarrada [Já que Lázaro desejava] IP- R1Inf.3PE.

Como nos dados *não desgarrados* do PB, nos IPs com PhP ramificado no PE, a configuração melódica inicial se manifestou de forma semelhante à dos IPs com PhP não ramificado, o que se rei-

tera ser esperado, considerando que a ramificação se deu apenas no último PhP e que são idênticas as porções iniciais de todas as orações. Novamente, as informantes 1 e 3 apresentaram comportamento diferenciado, preferindo, ambas neste caso, a utilização do acento bitonal L\*+H em 76% e 51% de seus 45 dados, respectivamente. Nas orações produzidas pelas informantes 2, 4 e 5, o acento bitonal H+L\* foi preferido em 62%, 91% e 64% das sentenças, nesta ordem, como mostram os números da tabela 12:

| Contornos PhP inicial -<br>IPs maiores, com<br>PhP ramificado | L+H*           |            | H*             |           | L*             |           | H+L*           |            |
|---|----------------|------------|----------------|-----------|----------------|-----------|----------------|------------|
|   | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %         | Oco./<br>total | %         | Oco./<br>total | %          |
| Inf.1   | 34             | 76%        | 7              | 15%       | 0              | 0%        | 4              | 9%         |
| Inf.2   | 3              | 7%         | 14             | 31%       | 0              | 0%        | 28             | 62%        |
| Inf.3   | 23             | 51%        | 0              | 0%        | 14             | 31%       | 8              | 18%        |
| Inf.4   | 3              | 7%         | 0              |           | 1              | 2%        | 41             | 91%        |
| Inf.5   | 16             | 36%        | 0              | 0%        | 0              | 0%        | 29             | 64%        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>79</b>      | <b>35%</b> | <b>21</b>      | <b>9%</b> | <b>15</b>      | <b>7%</b> | <b>110</b>     | <b>49%</b> |

Tabela 12: Contornos melódicos observados no início dos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado no PE.

As figuras a seguir, de IPs com PhP ramificado no PE, dão, mais uma vez, exemplo dos contornos iniciais verificados:

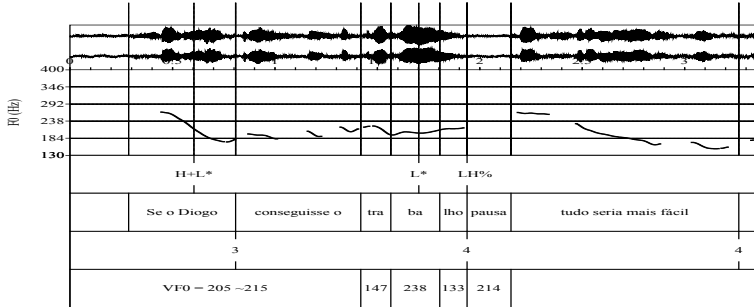


Fig. 37: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Se o Diogo conseguisse o trabalho]IP- R1Inf.4PE.

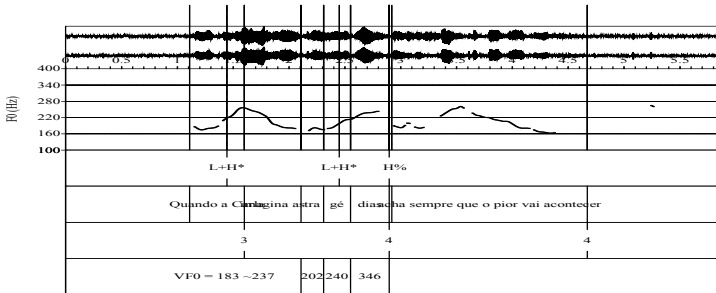


Fig. 38: Contorno L+H\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Quando a Carla imagina as tragédias]IP- R1Inf.4PE.

"AI, SE EU TE PEGO..."

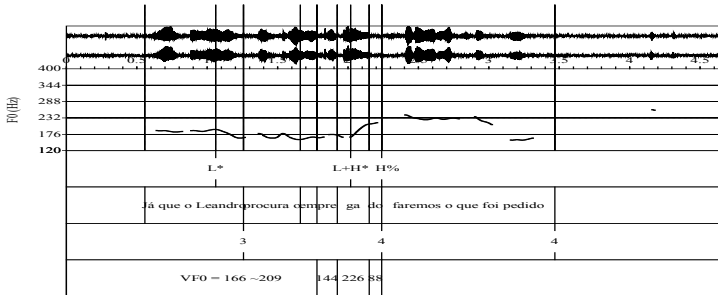


Fig. 39: Contorno L\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Já que o Leandro procura o empregado]IP- R1Inf.3PE.

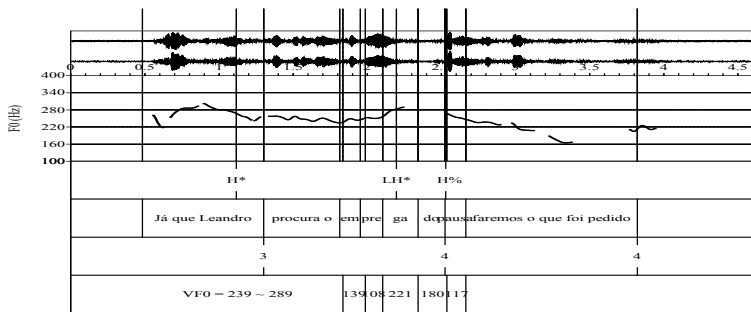


Fig. 40: Contorno H\* no PhP inicial da oração *não desgarrada* [Já que o Leandro procura o empregado]IP- R2Inf.1PE.

Em relação à configuração final das orações *não desgarradas* do PE, os dados com PhPs não ramificados foram caracterizados, em sua maioria, pela presença do acento tonal L+H\* associado à última sílaba tônica do IP, seguido por um tom de fronteira H% (62%). Assim como no PB, também houve dados em que o mesmo acento to-

nal (L+H\*) esteve ligado a um tom de fronteira baixo – L%, contudo, tal contorno melódico (L+H\* L%), predominante nas orações *não desgarradas* produzidas por falantes brasileiros, constituiu apenas 12% de semelhantes orações produzidas por falantes portugueses. Como mostra a tabela 13, diferentemente do observado para o PB, há maior produtividade de uma fronteira alta – H% – no fim dos IPs *não desgarrados* do PE, o que vai ao encontro do descrito na literatura prosódica sobre o contorno “continuativo”:

| Contornos PhP final -<br>IPs menores,<br>com PhP não ramificado | LH* H%         |            | L* LH%         |            | L+H* L%        |            |
|---|----------------|------------|----------------|------------|----------------|------------|
|   | Oco./<br>Total | %          | Oco./<br>Total | %          | Oco./<br>Total | %          |
| Inf.1   | 28             | 62%        | 10             | 22%        | 7              | 16%        |
| Inf.2   | 22             | 49%        | 23             | 51%        | 0              | 0%         |
| Inf.3   | 24             | 53%        | 15             | 33%        | 6              | 13%        |
| Inf.4   | 45             | 100%       | 0              | 0%         | 0              | 0%         |
| Inf.5   | 21             | 47%        | 10             | 22%        | 14             | 31%        |
| TOTAL   | <b>140</b>     | <b>62%</b> | <b>58</b>      | <b>26%</b> | <b>27</b>      | <b>12%</b> |

Tabela 13: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP não ramificado no PE.

Além da predominância do contorno L+H\* H%, como pode ser notado, os dados das informantes portuguesas se caracterizaram pela existência, em boa parte, do contorno melódico L\* LH%, identificado por um tom baixo na sílaba tônica seguido por uma fronteira ascendente (LH%). A preferência por um tom alto ou ascendente na fronteira final de orações *não desgarradas* do PE difere, sobremaneira, do encontrado nos dados do PB.

As figuras 41, 42 e 43, a seguir, exemplificam os contornos verificados no fim das orações *não desgarradas* com PhP não ramificado produzidas pelas informantes portuguesas:

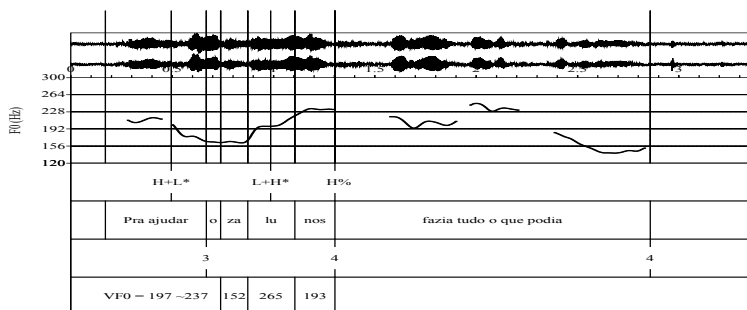


Fig. 41: Contorno L+H\*H% no PhP final da oração *não desgarrada* [Pra ajudar os alunos] IP- R2Inf.4PE.

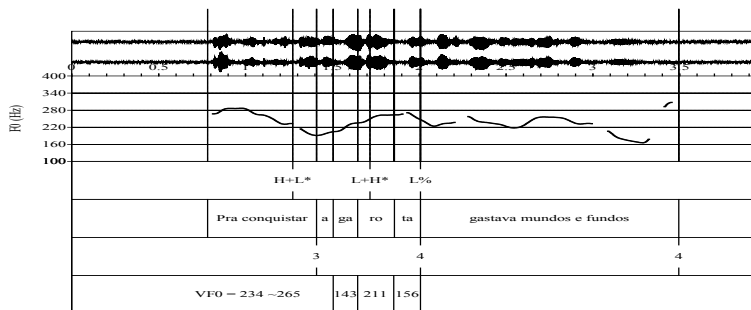


Fig. 42: Contorno L+H\*L% no PhP final da oração *não desgarrada* [Pra conquistar a garota]IP- R3Inf.2PE.



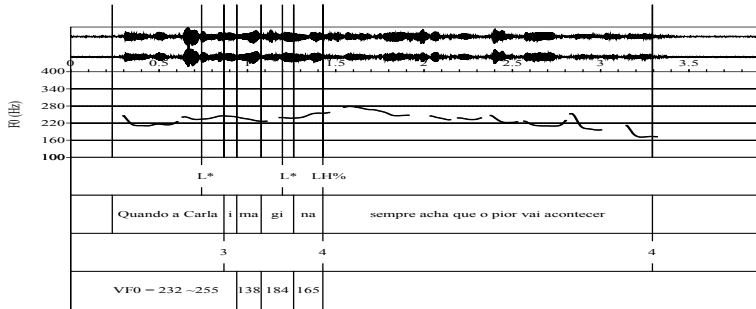


Fig. 43: Contorno L\*LH% no PhP final da oração *não desgarrada* [Quando a Carla imagina]IP- R1Inf.1PE.

Nos IPs com PhP ramificado que são orações não desgarradas, também houve predominância do contorno melódico L+H\*H% (67%). Além dele, os contornos L\*LH% e L+H\*L%, igualmente observados nas orações sem ramificação no último PhP, ocorreram em 24% e 9% dos dados, respectivamente. Mais uma vez, portanto, verifica-se, nos dados do PE, maior produtividade de uma fronteira alta (ou ascendente) no fim dos IPs *não desgarrados*, fronteira essa marcada por um tom simples - H% - ou complexo - LH%, em 90% dos dados sem ramificação no último PhP (cf. tabela 13) e em 91% dos dados com PhP ramificado, conforme se pode verificar pelos números da tabela 14 a seguir:

"AI, SE EU TE PEGO..."

| Contornos PhP final - Orações maiores, com PhP ramificado | LH* H%     |      | L* LH%     |     | L+H* L%    |     |
|---|------------|------|------------|-----|------------|-----|
|   | Oco./total | %    | Oco./total | %   | Oco./total | %   |
| Inf.1   | 29         | 64%  | 10         | 22% | 6          | 14% |
| Inf.2   | 24         | 53%  | 20         | 45% | 1          | 2%  |
| Inf.3   | 32         | 71%  | 7          | 15% | 6          | 14% |
| Inf.4   | 45         | 100% | 0          | 0%  | 0          | 0%  |
| Inf.5   | 21         | 47%  | 17         | 38% | 7          | 15% |
| TOTAL   | 151        | 67%  | 54         | 24% | 20         | 9%  |

Tabela 14: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *não desgarrados* com PhP ramificado no PE.

As figuras 44, 45 e 46 a seguir exemplificam os contornos finais identificados nas orações *não desgarradas* constituídas por um PhP ramificado:

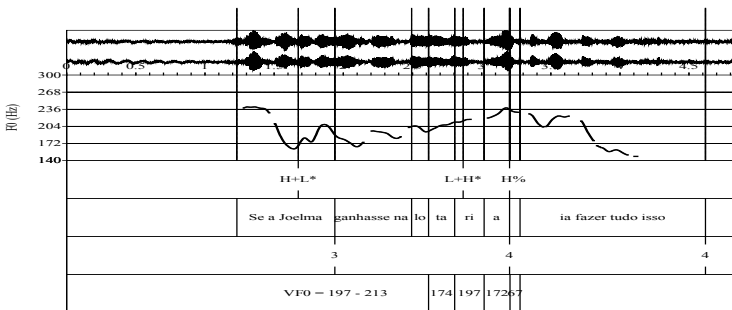


Fig. 44: Contorno L+H\* H% no PhP final da oração *não desgarrada* [Se a Joelma ganhou na lotaria]IP- R3Inf.4PE.

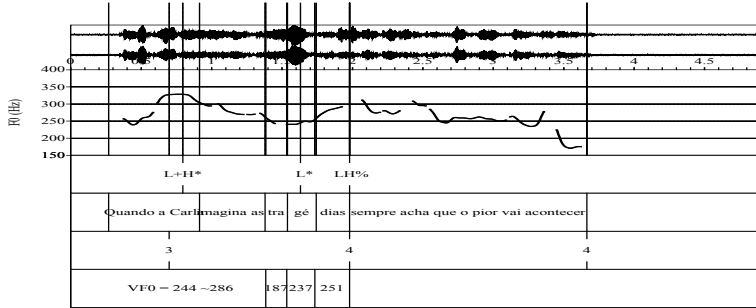


Fig. 45: Contorno L\* LH% no PhP final da oração *não desgarrada* [Quando a Carla imagina as tragédias]IP- R3Inf.1PE.

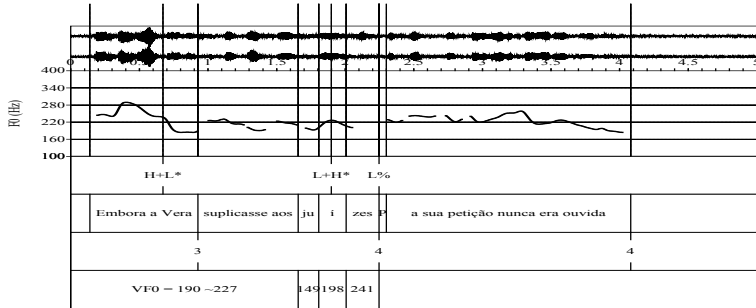


Fig. 46: Contorno L+H\*L% no PhP final da oração *não desgarrada* [Se o Diogo conseguisse o trabalho]IP- R3Inf.2PE.

Os resultados do PE demonstram a existência, em proporções similares, dos mesmos contornos melódicos tanto em orações em que não há ramificação no último PhP do IP quanto nas orações que possuem um PhP ramificado, revelando que a ramificação não se

mostrou fator influente na associação tonal, o que se explica pelo fato de as orações veicularem o mesmo conteúdo semântico e serem, independentemente de sua estrutura interna, um único IP.

No que tange à existência de pausas na delimitação do IP, também há comportamentos diferenciados para o PE. Nos dados das informantes portuguesas, apenas a informante 4 utilizou a referida pista prosódica na delimitação de mais da metade das orações por ela produzidas (62%). Dos 90 dados *não desgarrados* produzidos por cada uma das outras informantes, a fronteira de IP foi delimitada por pausa em apenas 9 (10%) das orações enunciadas pela informante 1, em 31 (34%) das orações verbalizadas pela informante 2, em 10 (11%) das orações ditas pela informante 3 e em 30 (33%) das orações verbalizadas pela informante 5. Diferentemente do verificado no PB, a existência de pausa esteve relacionada aos contornos L+H\*H% e L\*LH%, isto é, à fronteira alta, em 80% dos dados, enquanto a correlação de tal pista silenciosa à fronteira baixa, referente ao contorno L+H\* L%, foi percebida em 20% dos dados.

| EXISTÊNCIA DE PAUSA | L+H* H%    |            | L* LH%     |            | L+H* L%    |            |
|---------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|                     | Oco./total | %          | Oco./total | %          | Oco./total | %          |
| Inf.1               | 7          | 78%        | 0          | 0%         | 2          | 22%        |
| Inf.2               | 13         | 62%        | 0          | 0%         | 18         | 38%        |
| Inf.3               | 7          | 70%        | 3          | 30%        | 0          | 0%         |
| Inf.4               | 56         | 100%       | 0          | 0%         | 0          | 0%         |
| Inf.5               | 12         | 40%        | 10         | 33%        | 8          | 27%        |
| TOTAL               | <b>95</b>  | <b>70%</b> | <b>13</b>  | <b>10%</b> | <b>28</b>  | <b>20%</b> |

Tabela 15: Correlação entre existência de pausa e contornos melódicos no PE

Com base nos resultados obtidos para o PB, postulou-se que a configuração tonal L+H\* H% parece ser o padrão melódico que transmite, por excelência, a ideia de continuidade quando não há pausa na delimitação do IP. Ao se observarem os dados do PE, pode-se inferir que há um equívoco em tal afirmação ou que, no PE, a relação entre pausa e contorno melódico se dá de forma completamente diversa. Contudo, a análise atenta dos dados leva à percepção de que se, por um lado, a pausa foi majoritariamente utilizada junto ao contorno L+H\* H% nos dados do PE, por outro, tal uso se dá em somente 37% (95 de 291 dados) da totalidade de orações produzidas com o referido contorno e mais da metade delas (56 dados) foi enunciada por uma única informante. Isto quer dizer que, igualmente ao que ocorre no PB, a maioria dos dados em que o contorno L+H\* H% ocorre na fronteira do IP não é delimitada por pausa, o que nos parece ser, de fato, característico do “contorno continuativo”. Além disso, se for contrastada a relação entre a existência de pausa e o contorno delimitado por fronteira baixa, veremos que, também em PE, a referida relação se dá de forma mais produtiva, uma vez que a pausa delimitou 60% dos dados com contorno L+H\* L% (28 de 47 dados).

#### 4.3.1 A DURAÇÃO

Assim como feito para o PB, procede-se agora à primeira fase da descrição do comportamento duracional, a qual é feita por uma comparação intersilábica que pressupõe a verificação das médias de duração das três sílabas finais da palavra nuclear para que se descreva se há alongamento no fim dos IPs.

No PE, a análise de orações *não desgarradas totais* formadas por PhPs não ramificados, revelou que, relativamente à sílaba tô-

nica, a sílaba pretônica tem duração média 28% menor, ao passo que, também em relação à tônica, a pôtônica dura, em média, 27% menos. Em relação à sílaba pretônica, o alongamento médio da postônica é de menos de 2%, como denotam os números da tabela 16:

| Valores médios da duração -<br>IPs menores,<br>com PhP não ramificado | Pretônica<br>(ms) | Tônica<br>(ms) | Postônica<br>(ms) |
|---|-------------------|----------------|-------------------|
| Inf.1   | <b>152</b>        | 193            | <b>145</b>        |
| Inf.2   | <b>160</b>        | 235            | <b>150</b>        |
| Inf.3   | <b>154</b>        | 221            | <b>166</b>        |
| Inf.4   | <b>168</b>        | 240            | <b>185</b>        |
| Inf.5   | <b>164</b>        | 212            | <b>163</b>        |
| MÉDIA   | <b>159</b>        | <b>220</b>     | <b>161</b>        |

Tabela 16: Média de duração das sílabas finais em orações *não desgarradas* com PhP não ramificado no PE.

Comparando os resultados relativos à duração com as análises concernentes ao comportamento da F0, pode-se notar que, no fraseamento dos IPs constituídos por orações *não desgarradas*, embora o alongamento se dê de forma menos saliente do que no PB, também há produtividade de marcação da fronteira pela duração no PE, o que corrobora a afirmação de Frota (2000, p. 195) de que “o alongamento pré-fronteira é uma propriedade que define o sintagma entoacional em PE”.

Assim como em PB, o confronto entre as figuras 47 e 48 a seguir ilustra a referida marcação:

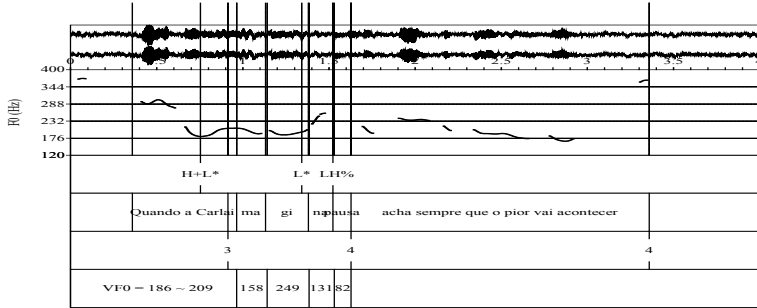


Fig. 47: Fronteira marcada pela pausa [Quando a Carla imagina]IP- R3Inf.5PE.

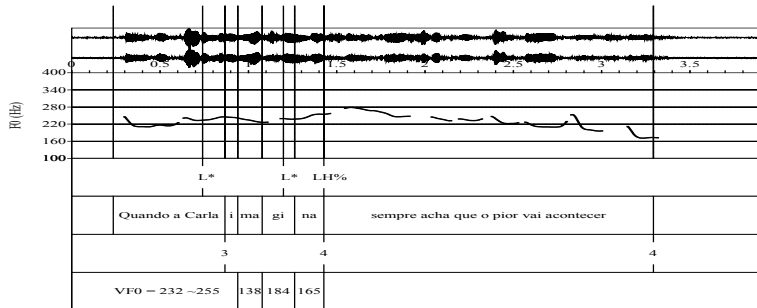


Fig. 48: Fronteira marcada pela duração [Quando a Carla imagina]IP- R1Inf.1PE.

Nas orações *não desgarradas* formadas por PhPs ramificados em PE, também há, em relação à sílaba tônica, duração média menor das sílabas pretônica e postônica, durando esta 26% menos e, aquela, 28% menos. Relativamente à sílaba pretônica, a postônica alonga 3% em média, como revela a tabela 17:

| Valores médios da duração - IPs maiores, com PhP ramificado | Pretônica (Hz) | Tônica (Hz) | Postônica (Hz) |
|---|----------------|-------------|----------------|
| Inf.1   | <b>151</b>     | 196         | <b>152</b>     |
| Inf.2   | <b>163</b>     | 241         | <b>183</b>     |
| Inf.3   | <b>161</b>     | 225         | <b>160</b>     |
| Inf.4   | <b>170</b>     | 230         | <b>166</b>     |
| Inf.5   | <b>142</b>     | 198         | <b>144</b>     |
| MÉDIA   | <b>157</b>     | <b>218</b>  | <b>161</b>     |

Tabela 17: Média de duração das sílabas finais em orações *não desgarradas* com PhP ramificado no PE.

Diferentemente do PB, não se percebe em PE um percentual de alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho das orações: o percentual de alongamento da sílaba postônica é proporcionalmente semelhante tanto nas orações menores quanto nas orações maiores, o que sugere a não influência do tamanho do IP ou do peso dos constituintes na estruturação fonológica.

#### 4.3.2 A GAMA DE VARIAÇÃO

Para o PE, de forma bastante semelhante ao PB, a análise da gama de variação da F0 revelou, nas sílabas da palavra nuclear de orações compostas por PhPs não ramificados, que há, entre a F0 mínima e a F0 máxima na referida porção do enunciado, uma diferença média de 17% (42 Hz). Reiterando o que se disse na descrição dos passos metodológicos e análise das orações *não desgarradas* do PB, impor-



ta lembrar que a medição da gama de variação de F0, na fronteira final dos IPs, foi primordialmente feita a fim de que se verificasse se esta é uma pista prosódica capaz de diferenciar orações *não desgarradas* de orações *desgarradas totais*. Neste momento de análise em separado das orações *não desgarradas*, as considerações resumem-se, portanto, à descrição dos valores encontrados, como se nota nas tabelas 18 e 19:

| Valores médios da gama de variação de F0 - IPs menores, com PhP não ramificado | F0 min. (Hz) | F0 máx. (Hz) |
|--|--------------|--------------|
| Inf.1  | 238          | 282          |
| Inf.2  | 209          | 252          |
| Inf.3  | 195          | 253          |
| Inf.4  | 191          | 229          |
| Inf.5  | 189          | 220          |
| MÉDIA  | <b>205</b>   | <b>247</b>   |

Tabela 18: Variação da F0 na palavra nuclear de orações *não desgarradas* com PhP não ramificado no PE.

Nas orações em que há ramificação no último PhP, a gama de variação de F0 na palavra nuclear apresentou valores menores que os das orações com PhP não ramificado, variando 12% (27 Hz) em média.

| Valores médios da gama de variação de F0 - IPs maiores, com PhP ramificado | F0 min     | F0 max     |
|--|------------|------------|
| Inf.1  | 236        | 273        |
| Inf.2  | 193        | 227        |
| Inf.3  | 184        | 218        |
| Inf.4  | 190        | 205        |
| Inf.5  | 178        | 191        |
| MÉDIA  | <b>196</b> | <b>223</b> |

Tabela 19: Variação da F0 na palavra nuclear de orações *não desgarradas* com PhP ramificado no PE

#### 4.3.3 RESUMO DA DESCRIÇÃO DE ORAÇÕES NÃO DESGARRADAS NO PE

A análise prosódica de orações adverbiais *não desgarradas* no PE revelou que, quanto à configuração melódica, tais orações são caracterizadas predominantemente pelos acentos bitonais H+L\* e L\*+H no primeiro PhP do IP, os mesmos contornos predominantes no PB, sendo, contudo, H+L\* mais produtivo em PE. Em relação aos contornos melódicos associados ao fim dos IPs, os dados do PE demonstraram que existem os contornos L+H\* H% e L+H\* L%, também encontrados no PB, e que, além deles, há também o contorno L\* LH%, sendo preferida, em PE, uma fronteira alta ou

ascendente no fim das orações *não desgarradas*. Os gráficos 6 e 7, a seguir, ilustram os resultados:

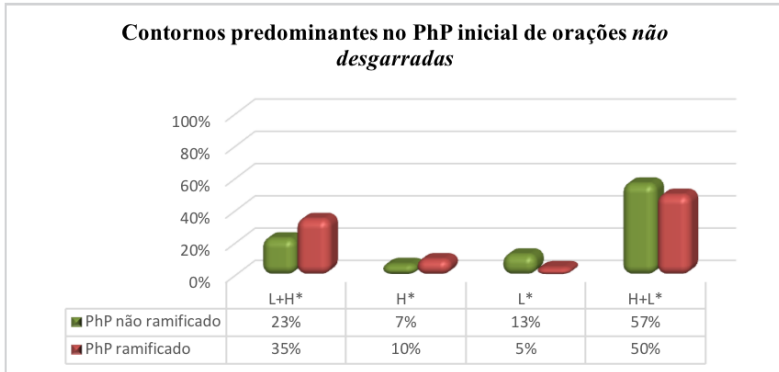


Gráfico 6: Contornos predominantes no PhP inicial de orações *não desgarradas* no PE

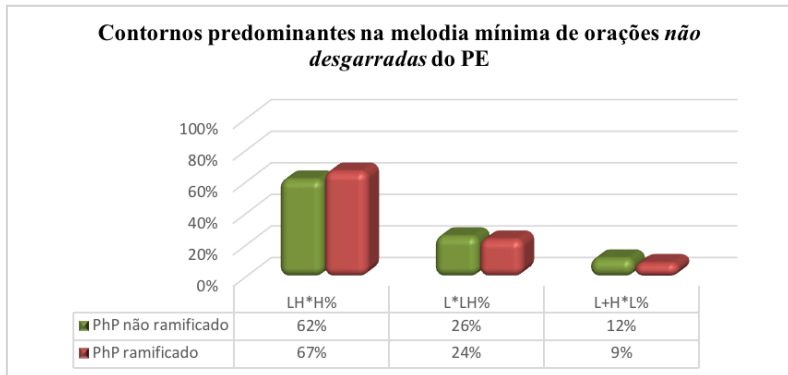


Gráfico 7: Contornos predominantes no PhP final de orações *não desgarradas* no PE

De todas as 450 orações *não desgarradas* analisadas no PE, há o total de 136 (30%) dados delimitados por pausa e, diferentemente do que ocorre no PB, 70% desse total (95 dados) é acompanhado do contorno L+H\* H%, como mostra o gráfico 8.

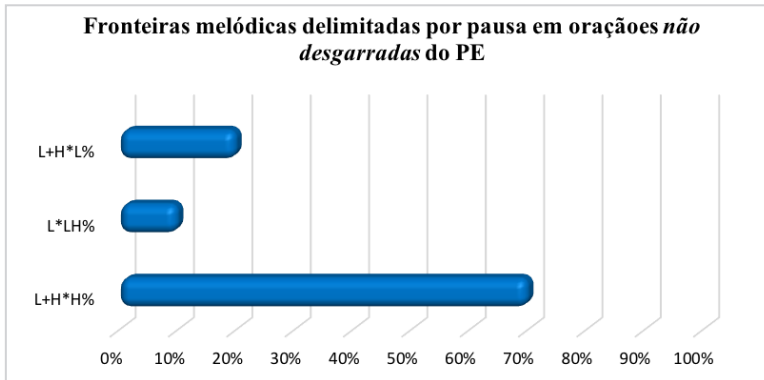


Gráfico 8: Correlação entre contorno melódico e pausa em orações *não* desgarradas no PE.

No que tange à duração, a análise de orações *não* desgarradas no PE revela valores numéricos semelhantes para orações com ou sem ramificação no último PhP. Verifica-se, assim como em PB, um alongamento da última postônica em relação à sílaba pretônica, alongamento esse que evidencia a marcação da fronteira de IP. Nos dados portugueses, entretanto, tal pista prosódica se mostra menos saliente.

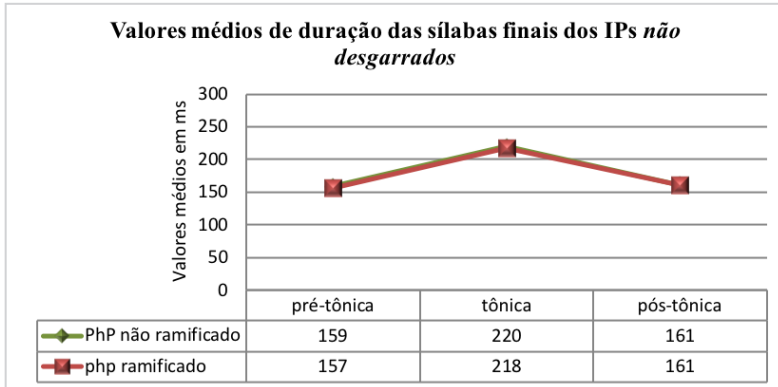


Gráfico 9: Média da duração na palavra nuclear de orações *não desgarradas* no PE.

Por fim, no que se refere à gama de variação de F0, há, para as orações sem ramificação no último PhP, variação média de 17% enquanto a mesma pista prosódica varia cerca de 12% nas orações em que o último PhP é ramificado. As mencionadas variações, ilustradas no gráfico 10, serão posteriormente comparadas às encontradas em orações *desgarradas totais*, para que se confirme ou infirme a hipótese 4.

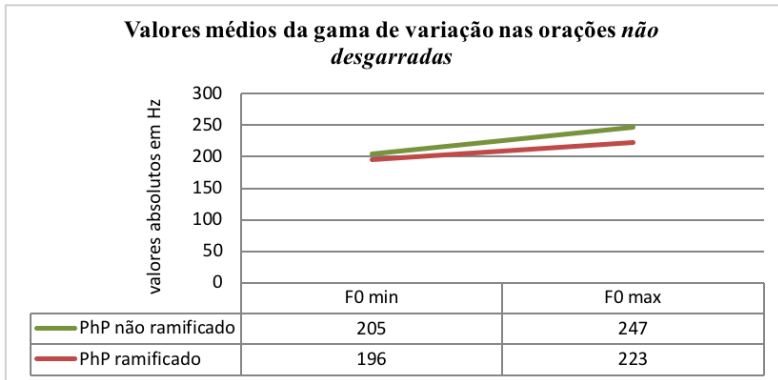


Gráfico 10: Valores médios da gama de variação de F0 em orações *não desgarradas* no PE.

Descritos os comportamentos prosódicos percebidos nas orações *não desgarradas* do PB e do PE, passa-se, no próximo capítulo, à análise concernente às orações *desgarradas totais*.

## CAPÍTULO 5

*Já que vemos a fala...*

ou

Análise prosódica de orações  
adverbiais *desgarradas totais*  
no PB e no PE

### 5.1 AS ORAÇÕES *DESGARRADAS TOTAIS* NO PB E NO PE

A partir deste momento, será feita a descrição detalhada das pistas prosódicas observadas nas orações adverbiais *desgarradas totais*. De forma semelhante aos passos seguidos na descrição de orações *não desgarradas*, será feita, primeiramente, a análise dos dados do PB e, posteriormente, a análise dos dados do PE. Semelhantemente também à descrição feita no capítulo 4, o comportamento da frequência fundamental, da duração e da gama de variação serão, nesta ordem, descritos separadamente para as orações em que não há ramificação no último PhP e para as orações em que o último PhP é ramificado. Ao fim, há sistematização dos resultados encontrados com vistas ao resumo das características prosódicas dos dados.

### 5.1 AS ORAÇÕES **DESGARRADAS TOTAIS** NO PB – A F0

No PB, o início dos IPs com PhP não ramificado que são orações *desgarradas totais* foi marcado, em sua maioria, pela presença do acento bitonal L+H\* (44%) no elemento proeminente do primeiro PhP. Além de L+H\*, o acento bitonal H+L\* (24%) e os acentos monotonais H\*(7%) e L\* (25%) também foram identificados. Assim como o ocorrido em orações *não desgarradas*, percebe-se a preferência por um acento bitonal (68%), contudo a produtividade de acentos monotonais em início de IP é mais saliente nas orações *desgarradas totais*. O acento L+H\* no início dos IPs não foi preferido apenas pela informante 4, em detrimento, aqui, do acento monotonal L\*, como revela a tabela 20:

| Contornos PhP inicial -<br>IPs menores,<br>com PhP não ramificado | L+H        |            | H*         |           | H+L*       |            | L*         |            |
|---|------------|------------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|
|   | Oco./total | %          | Oco./total | %         | Oco./total | %          | Oco./total | %          |
| Inf.1   | 20         | 44%        | 3          | 7%        | 2          | 5%         | 20         | 44%        |
| Inf.2   | 22         | 49%        | 6          | 13%       | 12         | 27%        | 5          | 11%        |
| Inf.3   | 28         | 62%        | 0          | 0%        | 15         | 33%        | 2          | 5%         |
| Inf.4   | 0          | 0%         | 6          | 13%       | 12         | 27%        | 27         | 60%        |
| Inf.5   | 29         | 64%        | 0          | 0%        | 13         | 29%        | 3          | 7%         |
| TOTAL   | <b>99</b>  | <b>44%</b> | <b>15</b>  | <b>7%</b> | <b>54</b>  | <b>24%</b> | <b>57</b>  | <b>25%</b> |

Tabela 20: Contornos melódicos observados no início dos IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB

As figuras a seguir, representativas de IPs com PhP não ramificado que são orações *desgarradas totais*, demonstram os acentos tonais identificados:



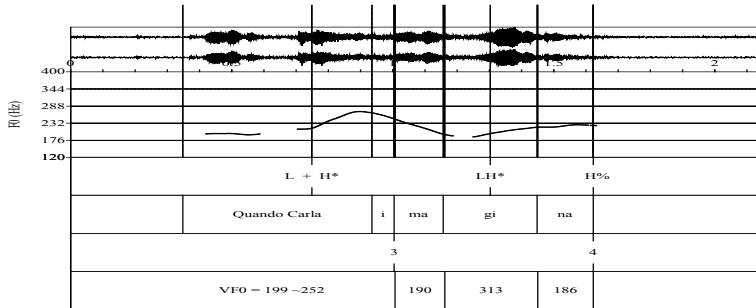


Fig. 49: Contorno L+H\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [Quando Carla imagina] IP]U- R3Inf.2PB.

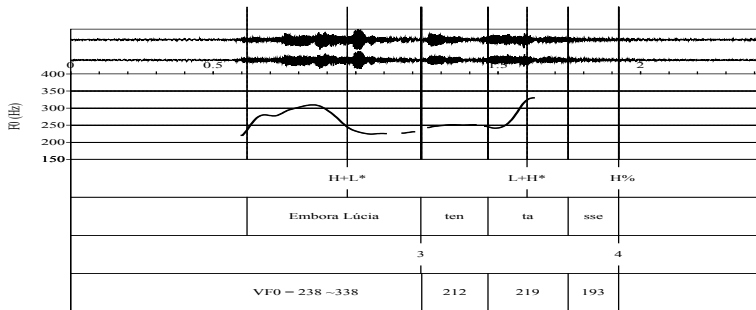


Fig. 50: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [Embora Lúcia o tentasse] IP]U- R2Inf.2PB.

"AI, SE EU TE PEGO..."

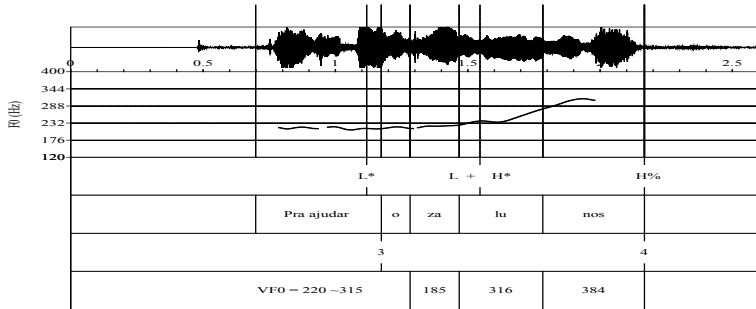


Fig. 51: Contorno L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Pra ajudar os alunos]IP] U- R3Inf.5PB.

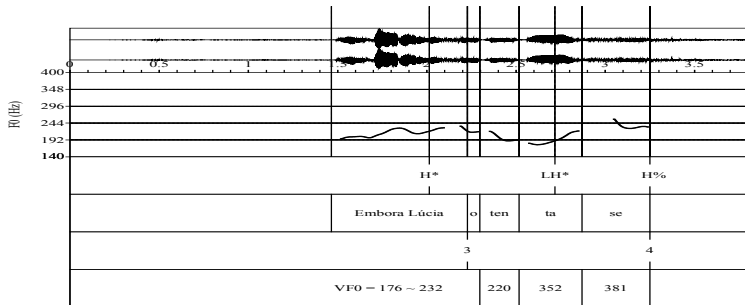


Fig. 52: Contorno H\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Embora Lúcia o tentasse]IP]U- R1Inf.4PB.

Nos IPs *desgarrados* com PhP ramificado, a configuração melódica inicial manifestou-se de forma semelhante à dos IPs menores, o que, mais uma vez, reitera-se ser o esperado pelo fato de a ramificação dos dados ocorrer apenas no último PhP do IP. Há, desse modo, preferência pela utilização dos acentos bitonais L+H\* e H+L\* (48% e 26%), sendo o acento monotonal L\* também bastante

produtivo (21%). Semelhantemente às descrições anteriores, apenas a informante 4 apresentou comportamento diverso das demais, não preferindo a utilização do acento bitonal L+H\* no início do IP, como demonstra a tabela 21:

| Contornos PhP inicial - IPs maiores, com PhP ramificado | L+H*       |            | H*         |           | H+L*       |            | L*         |            |
|---|------------|------------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|
|   | Oco./total | %          | Oco./total | %         | Oco./total | %          | Oco./total | %          |
| Inf.1   | 26         | 58%        | 0          | 0%        | 0          | 0%         | 19         | 42%        |
| Inf.2   | 18         | 40%        | 11         | 25%       | 15         | 33%        | 1          | 2%         |
| Inf.3   | 32         | 71%        | 0          | 0%        | 13         | 29%        | 0          | 0%         |
| Inf.4   | 3          | 7%         | 0          | 0%        | 24         | 53%        | 18         | 40%        |
| Inf.5   | 29         | 65%        | 0          | 0%        | 6          | 13%        | 10         | 22%        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>108</b> | <b>48%</b> | <b>11</b>  | <b>5%</b> | <b>58</b>  | <b>26%</b> | <b>48</b>  | <b>21%</b> |

Tabela 21: Contornos melódicos observados no início dos IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB.

Cumprе salientar que, nas orações *desgarradas totais* produzidas por falantes brasileiros, há menor porcentagem de H\* no PhP inicial e acredita-se que isso se deve ao fato de, em tais orações, o contorno melódico final estar, usualmente, em nível mais alto.

A seguir, apresentamos as figuras 53, 54, 55 e 56, que demonstram os contornos produzidos no início dos IPs maiores *desgarrados*:

"AI, SE EU TE PEGO..."

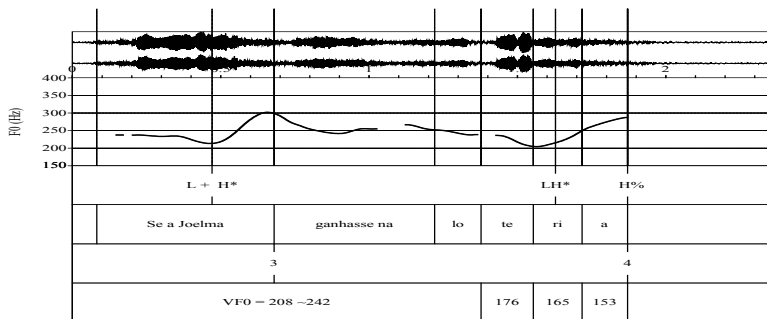


Fig. 53: Contorno L+ H\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Se a Joelma ganhasse na loteria]IP]U- R1Inf.2PB.

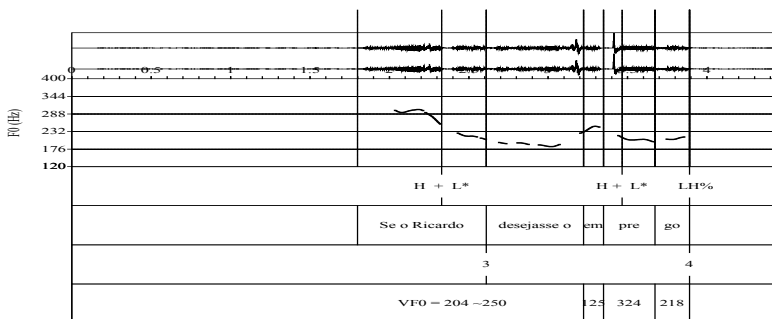


Fig. 54: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total*: [[Se o Ricardo desejasse o emprego]IP]U- R1Inf.4PB.

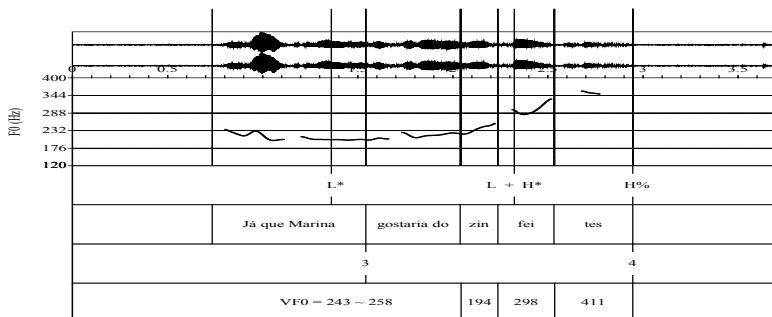


Fig. 55: Contorno L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Já que Marina gostaria dos enfeites]IP]U- R1Inf.1PB.

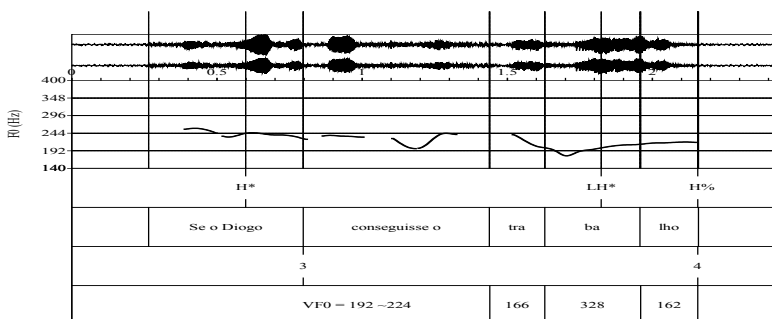


Fig. 56: Contorno H\* no PhP inicial de oração *desgarrada total* [[Se o Diogo conseguisse o trabalho]IP]U- R2Inf.2PB.

Relativamente à configuração final dos IPs, há, para as orações *desgarradas*, configuração tonal diversa da majoritariamente encontrada nos dados sem *desgarramento*, o que revela ser o contorno entoacional uma característica importante para diferenciar orações *desgarradas totais* no PB.

Nos IPs *desgarrados* com PhP não ramificado, a associação do tom L+H\* à última sílaba tônica foi predominante, assim como nos dados sem *desgarramento*. Contudo, a fronteira final mais produtiva nos IPs *desgarrados* é caracterizada pela presença de um tom alto, sendo, portanto, o contorno melódico L+H\* H% o majoritariamente identificado (81% dos dados). Além dele, os contornos melódicos H+L\* LH% e H+L\* L% também foram encontrados, em 11% e 8% dos dados, respectivamente. Estes dois últimos contornos são diferenciados apenas pelo comportamento da F0 na fronteira do constituinte, revelando o contorno H+L\* LH% que a descida melódica não é continuada na sílaba postônica. Portanto, não há descida melódica na fronteira dos IPs que representam orações *desgarradas totais* em 92% dos dados, como revela a tabela 22:

| Contornos PhP final -<br>IPs com PhP não ramificado | L+H*H%         |            | H+L*LH%        |            | H+L*L%         |           |
|---|----------------|------------|----------------|------------|----------------|-----------|
|   | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %         |
| Inf.1   | 30             | 67%        | 5              | 11%        | 10             | 22%       |
| Inf.2   | 45             | 100%       | 0              | 0%         | 0              | 0%        |
| Inf.3   | 42             | 93%        | 3              | 7%         | 0              | 0%        |
| Inf.4   | 29             | 64%        | 12             | 27%        | 4              | 9%        |
| Inf.5   | 37             | 82%        | 4              | 9%         | 4              | 9%        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>183</b>     | <b>81%</b> | <b>24</b>      | <b>11%</b> | <b>18</b>      | <b>8%</b> |

Tabela 22: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB.

Cumpra-se notar que, como já dito na descrição das orações *não desgarradas*, o padrão melódico L+H\* H% é característico do que se convencionou chamar, na literatura de base prosódica, de contorno “continuativo”. Todavia, quando feita a descrição dos dados *não desgarrados*, postulou-se que o referido padrão parece ser, de fato, totalmente representativo de um contorno “continuativo” apenas quando não delimitado por pausa, percepção que aqui é sugerida novamente quando se analisam os resultados concernentes às orações *desgarradas totais* que, apesar de não necessitarem de complementação fonológica, são majoritariamente delimitadas pelo contorno L+H\*H% no fim dos IPs.

As figuras 57, 58 e 59 a seguir exemplificam os padrões melódicos identificados na fronteira final dos IPs que são orações *desgarradas totais*:

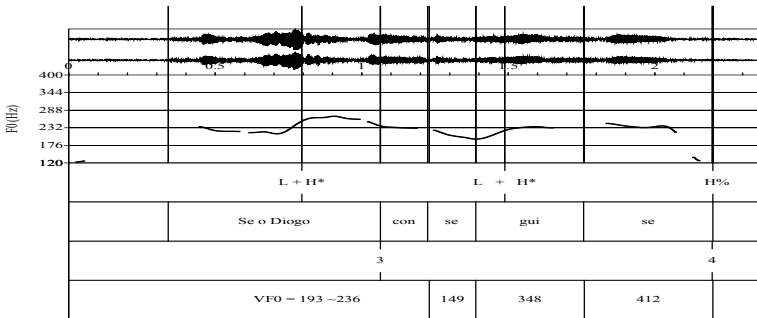


Fig. 57: Contorno L+H\* H% no PhP final da oração *desgarrada total* [Se o Diogo Consegue]IP]U- R3Inf.3PB.

"AI, SE EU TE PEGO..."

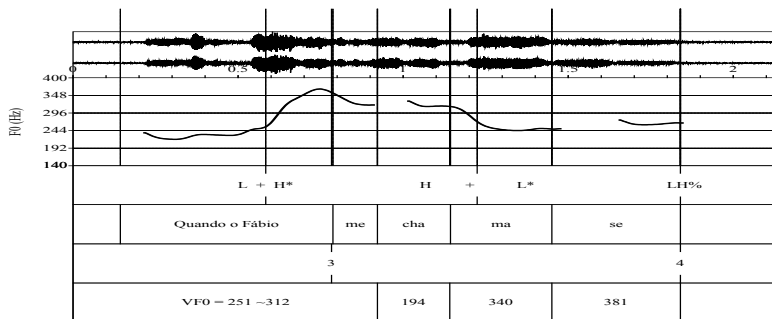


Fig. 58: Contorno H+L\* LH% no PhP final da oração *desgarrada total* [Quando o Fábio me chamou]IP]U- R3Inf.3PB.

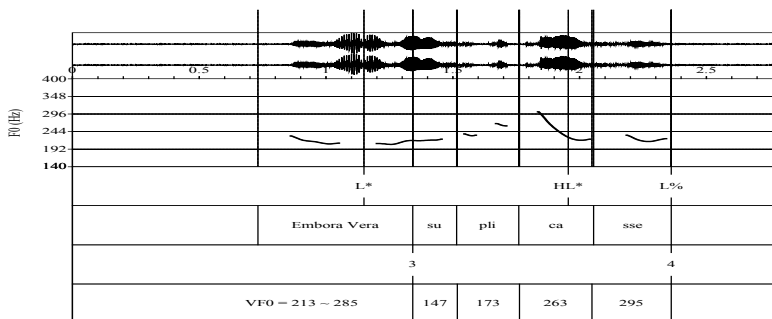


Fig. 59: Contorno HL\*L% no PhP final da oração *desgarrada total* [Embora Vera suplicasse]IP]U- R3Inf.1PB.



No que tange à configuração melódica final dos IPs com ramificação no último PhP que são orações *desgarradas totais*, os resultados são similares aos verificados nos IPs menores: há, na grande maioria dos dados, a associação do acento bitonal L+H\* à última sílaba tônica do IP seguido da fronteira H% (85% dos dados) e também são encontrados, em menor quantidade, os contornos H+L\* LH% (11%) e H+L\* L% (4), como mostra a tabela 23:

| Contornos PhP final -<br>IPs com PhP ramifi-<br>cado | L+H*H%         |            | H+L*LH%        |            | H+L*L%     |           |
|--|----------------|------------|----------------|------------|------------|-----------|
|  | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./total | %         |
| Inf.1  | 37             | 82%        | 7              | 16%        | 1          | 2%        |
| Inf.2  | 42             | 93%        | 0              | 0%         | 3          | 7%        |
| Inf.3  | 39             | 87%        | 6              | 13%        | 0          | 0%        |
| Inf.4  | 32             | 71%        | 11             | 24%        | 2          | 5%        |
| Inf.5  | 42             | 93%        | 0              | 0%         | 3          | 7%        |
| <b>TOTAL</b>   | <b>192</b>     | <b>85%</b> | <b>24</b>      | <b>11%</b> | <b>9</b>   | <b>4%</b> |

Tabela 23: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB.

A seguir, as figuras 60, 61 e 62, representativas dos contornos observados em orações *desgarradas totais* constituídas por um PhP ramificado:

"AI, SE EU TE PEGO..."

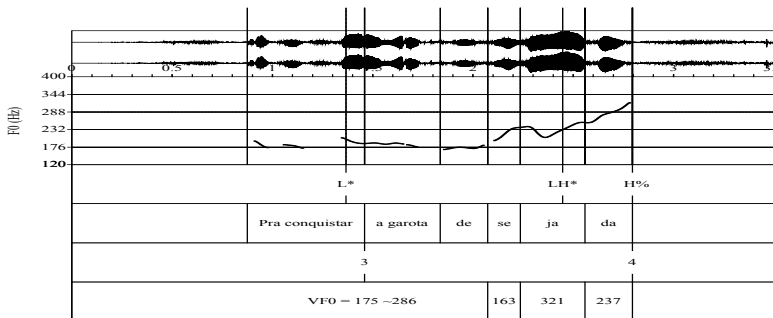


Fig.60: Contorno L+H\*H% no PhP final da oração *desgarrada total* [Pra conquistar a garota desejada]IP]U- R1Inf.4-PB.

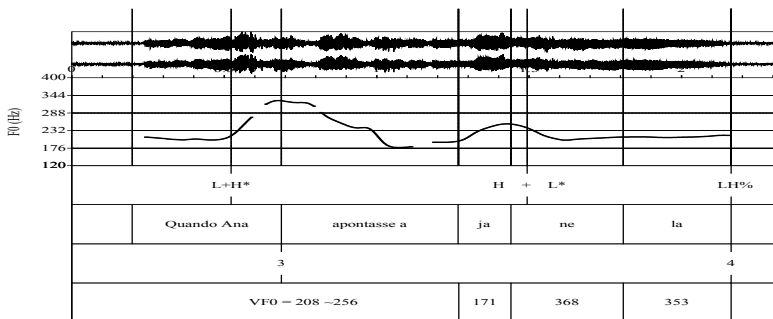


Fig. 61: Contorno H+L\* LH% no PhP final de oração *desgarrada total* [Quando Ana apontasse a janela]IP]U- R1Inf.3-PB.

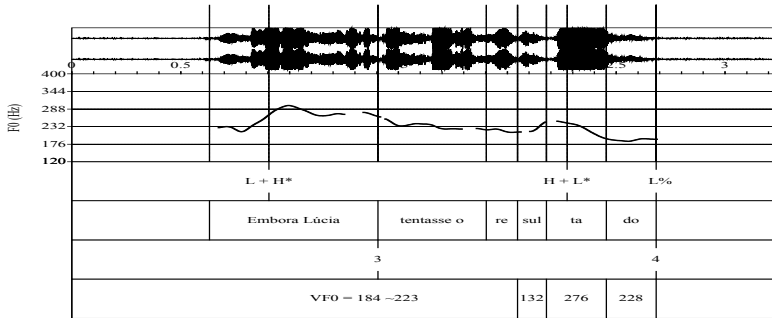


Fig. 62: Contorno H+L\* L% no PhP final de oração *desgarrada total* [Embora Lúcia tentasse o resultado]IP]- R1Inf.5-PB.

Como se pôde notar nas descrições, tabelas e figuras, tanto nos IPs maiores quanto nos IPs menores, a configuração melódica de orações *desgarradas totais* no PB revela que há preferência pela subida melódica no fim dos IPs, o que, entretanto, não se configura como contorno melódico “continuativo”, no sentido de haver necessidade de complementação fonológica.

#### A duração

Assim como para as orações *não desgarradas*, agora será realizada a descrição intersilábica da duração. De posse de tais resultados, ao final desta seção, serão tecidos comentários relativos à comparação interoracional.

Para as orações *desgarradas* formadas por PhPs não ramificados, a análise dos dados revelou que, relativamente à sílaba tônica, a pretônica tem duração 40% menor, ao passo que, diferentemente do que acontece nas orações que foram produzidas juntamente com a oração núcleo, a sílaba postônica tem duração 5% maior. Isto é, nas orações *desgarradas totais* compostas por um PhP não ra-

mificado, a sílaba postônica final longa não somente em relação à pretônica (aqui, 42% maior, em média), mas também em relação à sílaba tônica, revelando ser expressivo o alongamento silábico final, o que se mostra como pista caracterizadora das orações *desgarradas totais*, como mostram os números da tabela 24:

| Valores médios da duração - IPs menores, com PhP não ramificado | Pretônica<br>(ms) | Tônica<br>(ms) | Postônica<br>(ms) |
|---|-------------------|----------------|-------------------|
| Inf.1   | 160               | <b>273</b>     | <b>306</b>        |
| Inf.2   | 177               | <b>263</b>     | <b>233</b>        |
| Inf.3   | 185               | <b>308</b>     | <b>355</b>        |
| Inf.4   | 181               | <b>312</b>     | <b>309</b>        |
| Inf.5   | 181               | <b>290</b>     | <b>312</b>        |
| MÉDIA   | <b>176</b>        | <b>289</b>     | <b>303</b>        |

Tabela 24: Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PB.

Nos dados de *desgarramento* em orações com PhP não ramificado, portanto, é expressivo o alongamento da sílaba postônica em relação à pretônica e, no que se refere à tônica, a duração da última sílaba só não é em média maior nos dados das informantes 2 e 4.

As figuras 63 e 64, a seguir, exemplificam robustos alongamentos constatados:

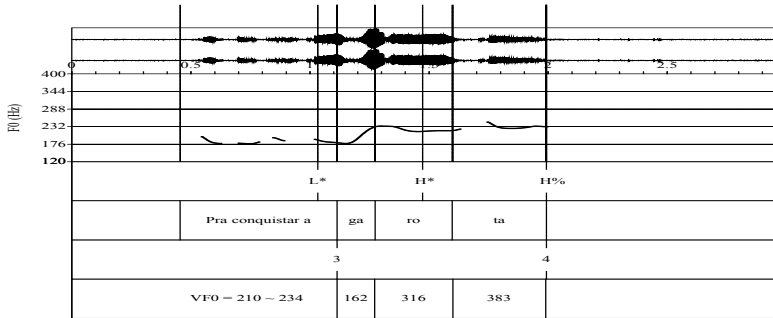


Fig. 63: Alongamento final observado na oração *desgarrada total* [Pra conquistar a garota]IPU- R2Inf.1-PB.

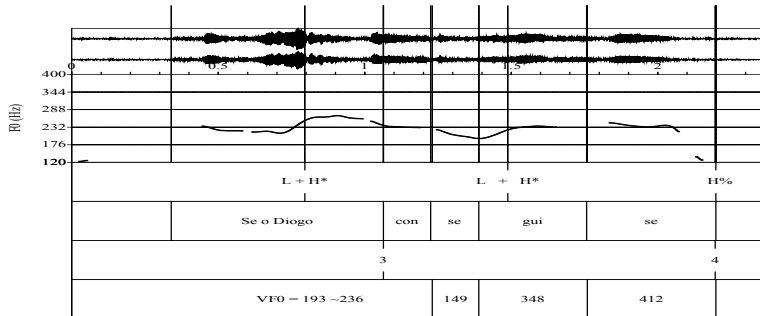


Fig. 64: Alongamento final observado na oração *desgarrada total* [Se o Diogo Conseguisse]IPU- R3Inf.3-PB.

Nos IPs com PhP ramificado que são orações *desgarradas totais*, foi igualmente verificada, em relação à sílaba tônica, duração menor da sílaba pretônica (42% a menos). A sílaba postônica, diferentemente dos IPs com PhP não ramificado descritos anteriormente, também apresenta duração média menor do que a da sílaba

tônica (menos 4%), entretanto, a porcentagem de decréscimo em relação à sílaba acentuada é consideravelmente menos saliente do que a identificada nos dados *não desgarrados*. Em relação à sílaba pretônica, a postônica alonga 40% em média, como denotam os números da tabela 25:

| Valores médios da duração - IPs maiores, com PhP ramificado | Pretônica  | Tônica     | Postônica  |
|---|------------|------------|------------|
| Inf.1   | 140        | 271        | 292        |
| Inf.2   | 161        | 245        | 211        |
| Inf.3   | 175        | 317        | 308        |
| Inf.4   | 173        | 283        | 273        |
| Inf.5   | 170        | 287        | 266        |
| MÉDIA   | <b>163</b> | <b>280</b> | <b>270</b> |

Tabela 25: Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PB.

Semelhantemente ao verificado nos dados sem *desgarramento*, percebe-se um alongamento proporcionalmente inverso ao tamanho dos constituintes, uma vez que, nos IPs menores, com nove sílabas e sem ramificação no último PhP, o percentual de alongamento da sílaba postônica em relação à pretônica é maior. Além disso, no caso das orações *desgarradas totais*, há, inclusive, alongamento da sílaba final também em relação à sílaba tônica nos IPs menores.

A comparação intersilábica revela que o alongamento final, já descrito em outros trabalhos também como caracterizador da fronteira de IP, existe tanto nas orações *não desgarradas* quanto nas orações *desgarradas totais*. A comparação interoracional da duração revela, contudo, que tal pista prosódica atua, assim como o contorno melódico, de forma produtiva na caracterização de orações *desgarradas totais* do PB, uma vez que é utilizada de forma bastante saliente na produção das referidas orações.

Os gráficos 11 e 12, a seguir, demonstram que, quando comparado o comportamento da duração em orações *não desgarradas* e em orações *desgarradas totais*, fica evidente ser o alongamento da última postônica característico dos dados de *desgarramento*. Ao analisarmos separadamente o comportamento de cada sílaba, vemos que, nas orações *desgarradas totais*, a duração média da pretônica, da tônica e da postônica é relativamente maior ao das mesmas sílabas em orações *não desgarradas*, o que comprova o alongamento. Entretanto, é o comportamento duracional da sílaba postônica que evidencia, mais claramente, o alongamento final como caracterizador das orações *desgarradas totais*.

Nos IPs com PhP não ramificado, a duração média das sílabas pretônica e tônica é, respectivamente, 5% e 14% maior nas orações *desgarradas totais* do que nas *não desgarradas*. A duração da sílaba postônica, por sua vez, é em geral 37% maior que a da mesma sílaba em orações sem *desgarramento*, como indicam os números do gráfico 11:

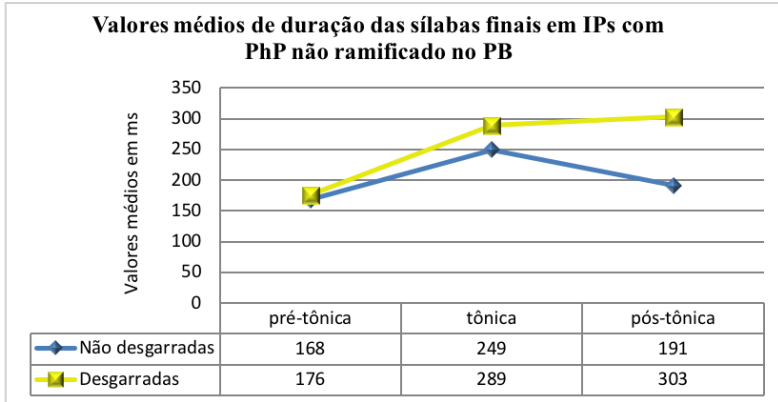


Gráfico 11: Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas totais* sem ramificação no último PhP – PB.

Nos IPs com ramificação no último PhP, a comparação entre os tipos oracionais leva a resultados similares: a duração média das sílabas pretônica e tônica é, respectivamente, 2% e 12% maior nas orações *desgarradas totais* enquanto a duração da sílaba postônica é, em média, 35% maior que a da mesma sílaba em orações *não desgarradas*. O gráfico 12 evidencia os números concernentes às referidas porcentagens:



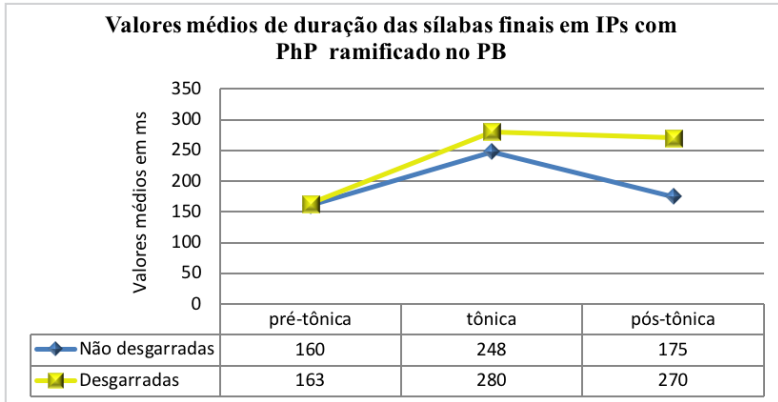


Gráfico 12: Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas totais* com ramificação no último PhP – PB.

## 5.2 A GAMA DE VARIAÇÃO DE F0

A análise da gama de variação nas sílabas da palavra nuclear de orações *desgarradas totais* compostas por PhPs não ramificados (cf. números da tabela 26 a seguir) revelou que há, entre a F0 mínima e a F0 máxima, uma diferença média de 24% (65Hz). Comparado ao observado nas orações *não desgarradas* também compostas sem ramificação no último PhP, os resultados são similares, já que, nos dados sem *desgarramento*, a diferença média foi de 22% (cf. tabela 9). Portanto, ainda que as orações *desgarradas totais* sejam necessariamente delimitadas por pausa e constituam um Enunciado (U), o que levou à hipótese, baseada em Barros (2014), de que a gama de variação de F0 poderia ser maior em tais orações, essa pista prosódica não parece ser capaz, nos dados do PB,

de diferenciar os tipos oracionais contrastados neste livro e de caracterizar o *desgarramento*.

| Valores médios da gama de variação de F0 - IPs menores,<br>com PhP não ramificado | F0 min.<br>(Hz) | F0 máx.<br>(Hz) |
|---|-----------------|-----------------|
| Inf.1   | 213,4           | 263,4           |
| Inf.2   | 213,4           | 281,8           |
| Inf.3   | 214,9           | 313             |
| Inf.4   | 202,7           | 267,2           |
| Inf.5   | 220,8           | 266,5           |
| MÉDIA   | <b>213</b>      | <b>278,3</b>    |

Tabela 26: Variação da F0 na palavra nuclear de orações *desgarradas totais* com PhP não ramificado em PB.

De forma semelhante ao observado nas orações menores, nas orações *desgarradas totais* compostas com ramificação no último PhP, a gama de variação da F0 apresentou valores similares aos encontrados nas orações *não desgarradas* também compostas por um PhP ramificado. Como indicam os números da tabela 27, nos dados de *desgarramento*, a diferença entre o valor mínimo e o valor máximo da F0 na palavra nuclear foi, em média, de 21% (54Hz) enquanto tal diferença foi de 18%, em média, nos dados *não desgarrados*, o que não nos permite, com base em dados numéricos tão próximos, assegurar a hipótese de que a gama de variação de F0 pré-fronteira poderia ser caracterizadora do fenômeno em estudo.

| Valores médios da gama de variação de F0 - IPs maiores, com PhP ramificado | F0 min<br>(Hz) | F0 max<br>(Hz) |
|--|----------------|----------------|
| Inf.1  | 216,6          | 264,2          |
| Inf.2  | 211,4          | 254,9          |
| Inf.3  | 210,7          | 283,6          |
| Inf.4  | 195,5          | 256            |
| Inf.5  | 207,9          | 253            |
| MÉDIA  | <b>208,42</b>  | <b>262,34</b>  |

Tabela 27: Variação da F0 na palavra nuclear de orações *desgarradas totais* com PhP ramificado em PB.

### 5.3 RESUMO DA DESCRIÇÃO PROSÓDICA DE ORAÇÕES *DESGARRADA TOTAIS* NO PB

A análise prosódica de orações *desgarradas totais* produzidas por falantes brasileiras revelou que, no que concerne à configuração melódica, há semelhante comportamento ao verificado no PhP inicial de orações *não desgarradas*: associação predominante do acento bitonal L+H\* ao elemento proeminente do primeiro PhP, o que revela não serem as características entoacionais do início de IP diferenciadoras dos tipos oracionais analisados neste livro. O gráfico 13, a seguir, demonstra os acentos encontrados:

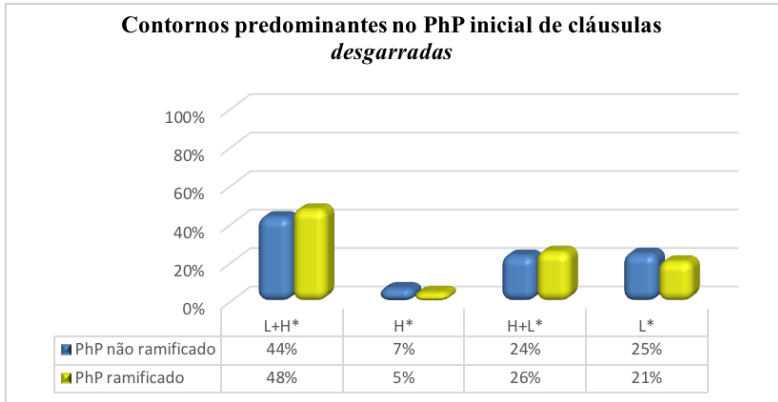
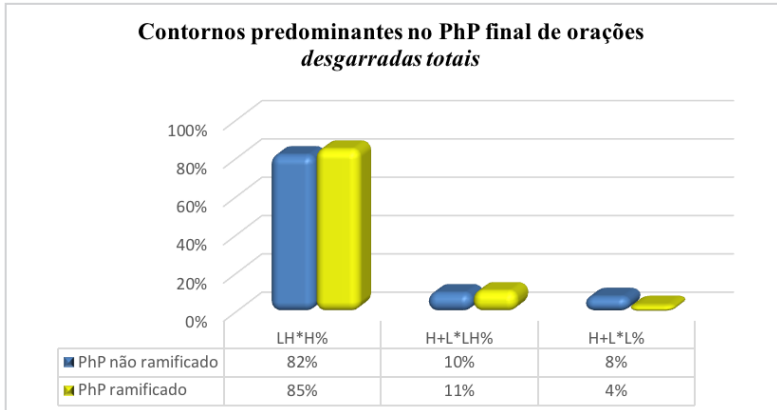


Gráfico 13: Contornos predominantes no PhP inicial de orações *desgarradas totais* no PB.

Em relação à configuração melódica final, os dados evidenciam, para o PB, comportamento bastante diferente do encontrado nas orações *não desgarradas*, uma vez que, como mostra o gráfico 14, o padrão melódico L+H\* H% foi o mais produzido em dados de *desgarramento*. Mais uma vez, os resultados relativos à melodia independem do tamanho das orações ou da ramificação do PhP final.

Gráfico 14: Contornos predominantes no PhP final de orações *desgarradas totais* no PB.

No que concerne à duração das sílabas finais do IP, a análise dos dados de *desgarramento* também revelou características diversas das identificadas nas orações *não desgarradas*, características essas relativas ao comportamento da última postônica. Nas orações *desgarradas totais*, além do alongamento da sílaba postônica em relação à pretônica - fato já notado (em menor proporção) nos dados sem *desgarramento* e que é, em média, de 56% nas orações desgarradas com PhP não ramificado - há produtivo alongamento da sílaba final também em relação à tônica, como ilustra o gráfico 15, o que se revela como uma pista contundente na caracterização do fenômeno em foco.

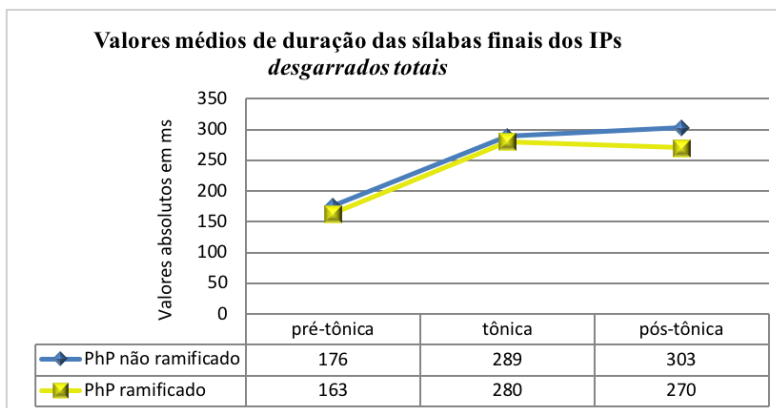


Gráfico 15: Média da duração na palavra nuclear de orações *desgarradas totais* no PB.

Por fim, em referência à gama de variação de F0 pré-fronteira, tem-se que, para as orações *desgarradas totais*, tal variação foi, em média, de 24% para os IPs sem ramificação no último PhP e de 21% para as orações com ramificação no PhP final, como denotam os números do gráfico 16. A variação percebida, portanto, foi bastante semelhante à encontrada nos IPs que são orações *não desgarradas*, o que leva a infirmar a hipótese 3, de que haveria uma gama de variação de F0 maior nas orações *desgarradas* por serem elas, necessariamente, delimitadas por pausa.

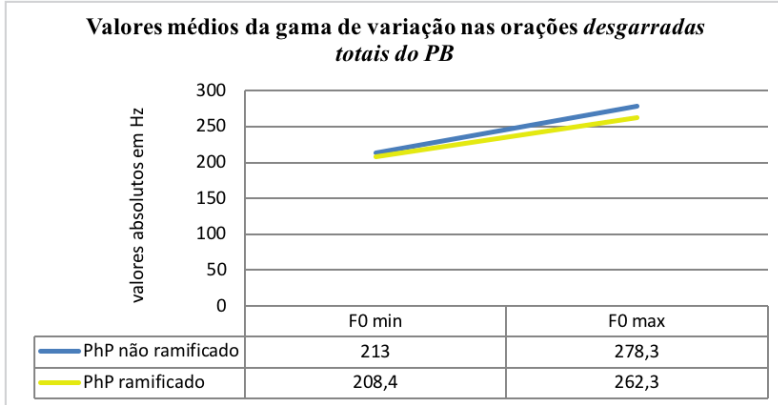


Gráfico 16: Gama de variação de F0 na palavra nuclear de orações *desgarradas* totais no PB.

Feitas as considerações relativas às orações *desgarradas* no PB, passa-se, agora, à descrição do comportamento prosódico das mesmas orações em PE.

#### 5.4 AS ORAÇÕES *DESGARRADAS TOTAIS* NO PE – A F0

O PhP inicial das orações *desgarradas* totais no PE foi majoritariamente caracterizado pela presença do acento bitonal H+L\* em seu elemento proeminente (45%). Além dele, assim como para as orações *não desgarradas*, o acento bitonal L+H\* e os acentos monotonais L\* e H\* também foram identificados em 25%, 16% e 14% dos dados portugueses, respectivamente.

Assim como observado nos dados *não desgarrados* do PB e do PE e nos dados de *desgarradas* totais do PB, há preferência pela

associação de um acento bitonal ao primeiro PhP do IP. Aqui, tal preferência existe em 70% dos dados referentes aos IPs menores (45% de H+L\* e 25% de L+H\*), não sendo a utilização de um acento bitonal preferida apenas pela informante 1, em detrimento do tom simples H\*, como revela a tabela 28:

| Contornos PhP inicial –<br>IPs menores,<br>com PhP não<br>ramificado | L+H*           |            | H*             |            | L*             |            | H+L*           |            |
|--|----------------|------------|----------------|------------|----------------|------------|----------------|------------|
|  | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          |
| Inf.1  | 10             | 22%        | 21             | 47%        | 13             | 29%        | 1              | 2%         |
| Inf.2  | 9              | 20%        | 0              | 0%         | 0              | 0%         | 36             | 80%        |
| Inf.3  | 21             | 47%        | 0              | 0%         | 9              | 20%        | 15             | 33%        |
| Inf.4  | 0              | 0%         | 10             | 22%        | 13             | 29%        | 22             | 49%        |
| Inf.5  | 15             | 34%        | 0              | 0%         | 2              | 4%         | 28             | 62%        |
| <b>TOTAL</b>   | <b>55</b>      | <b>25%</b> | <b>31</b>      | <b>14%</b> | <b>37</b>      | <b>16%</b> | <b>102</b>     | <b>45%</b> |

Tabela 28: Contornos melódicos observados no início dos IPs *desgarrados* com PhP não ramificado em PE.

Seguindo o padrão das descrições anteriores, as figuras de 65 a 69 seguintes exemplificam os acentos tonais encontrados no primeiro PhP de orações *desgarradas totais* no PE:



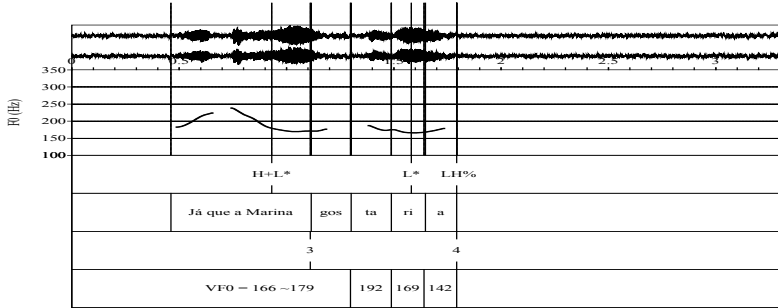


Fig. 65: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [Já que a Marina gostaria]P]U- R2Inf.5PE.

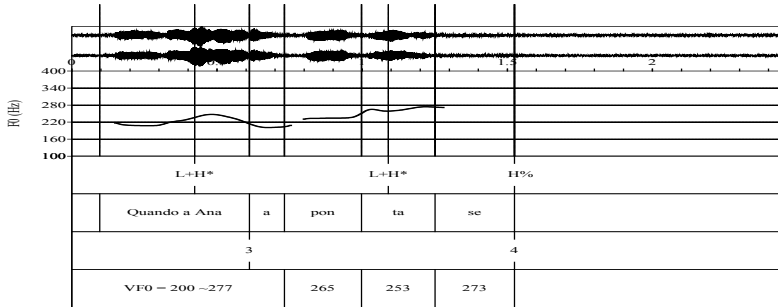


Fig. 66: Contorno L+H\* no PhP inicial de oração *desgarrada total* [Quando a Ana apontasse]P]U- R1Inf.2-PE.

"AI, SE EU TE PEGO..."

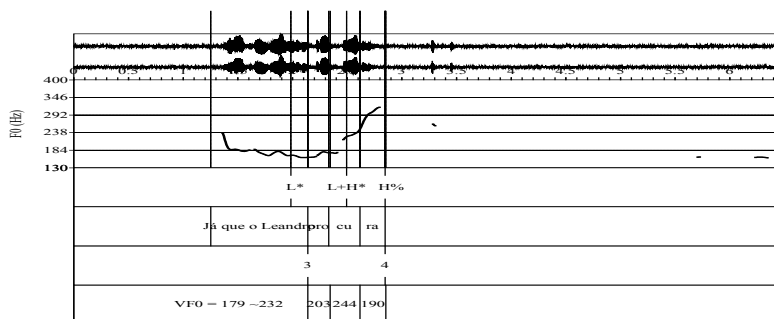


Fig. 67: Contorno L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [Já que o Leandro procura]IP]U- R1Inf.3PE.

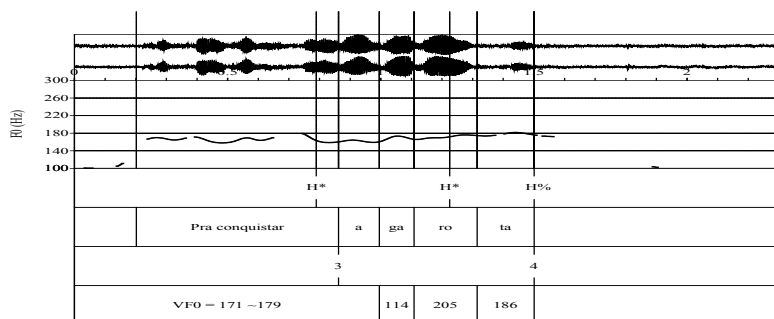


Fig. 68: Contorno H\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [Pra conquistar a garota] IP]U- R1Inf.4PE.

No que tange às orações *desgarradas totais* com ramificação no último PhP do IP, foi verificada semelhante associação tonal ao primeiro PhP: há preferência pela utilização de acentos bitonais – H+L\*(45%) e L+H\* (25%), mas também se encontram contornos ini-

ciais caracterizados pela associação de um acento monotonal ao elemento proeminente do primeiro PhP – H\*(15%) e L\* (15%). Vale ressaltar, entretanto, que, ainda que numericamente superior aos demais contornos observados, o acento H+L\* foi majoritariamente preferido apenas pelas informantes 2 e 5, variando, em grande quantidade nos dados produzidos pelas informantes 1, 2 e 4. A tabela 29 seguinte apresenta os resultados encontrados:

| Contornos PhP inicial -<br>IPs maiores, com<br>PhP ramificado | L+H*           |     | H*             |     | L*             |     | H+L*           |     |
|---|----------------|-----|----------------|-----|----------------|-----|----------------|-----|
|   | Oco./<br>total | %   | Oco./<br>total | %   | Oco./<br>total | %   | Oco./<br>total | %   |
| Inf.1   | 19             | 42% | 18             | 40% | 4              | 9%  | 4              | 9%  |
| Inf.2   | 5              | 11% | 1              | 2%  | 0              | 0%  | 39             | 87% |
| Inf.3   | 18             | 40% | 0              | 0%  | 18             | 40% | 9              | 20% |
| Inf.4   | 0              | 0%  | 16             | 36% | 13             | 28% | 16             | 36% |
| Inf.5   | 13             | 28% | 0              | 0%  | 0              | 0%  | 32             | 72% |
| TOTAL   | 55             | 25% | 35             | 15% | 35             | 15% | 100            | 45% |

Tabela 29: Contornos melódicos observados no início dos IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PE.

As figuras de 69 a 72 a seguir, de orações *desgarradas totais* constituídas por 13 sílabas em PE, são, mais uma vez, exemplos dos contornos encontrados na análise:

"AI, SE EU TE PEGO..."

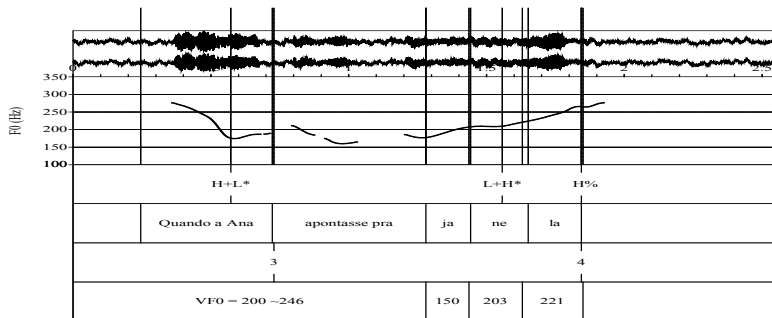


Fig. 69: Contorno H+L\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Quando a Ana apontasse pra janela]IP]U- R3Inf.5PE.

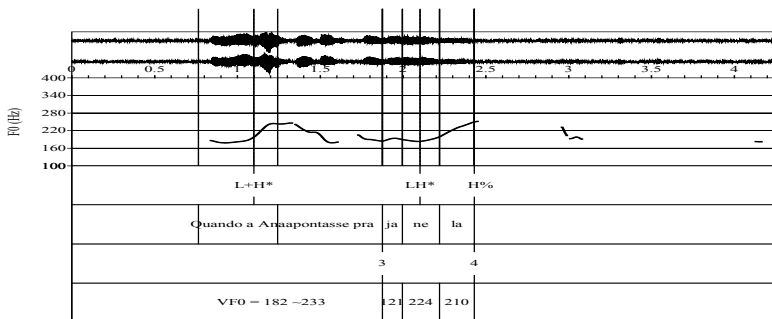


Fig. 70: Contorno L+H\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Quando a Ana apontasse pra janela]IP]U- R1Inf.3-PE.

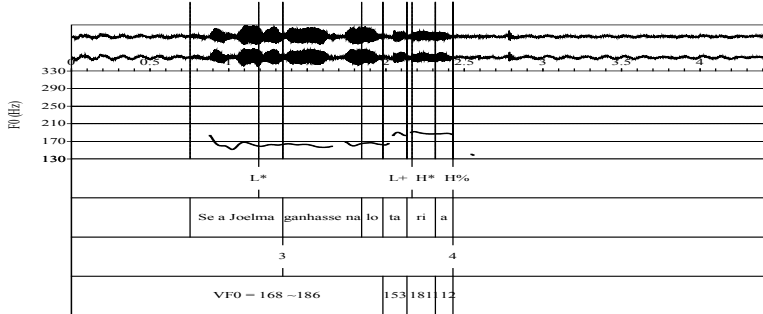


Fig. 71: Contorno L\* no PhP inicial de oração *desgarrada total* [[Se a Joelma ganhou na lotaria]IP]U- R1Inf.4-PE.

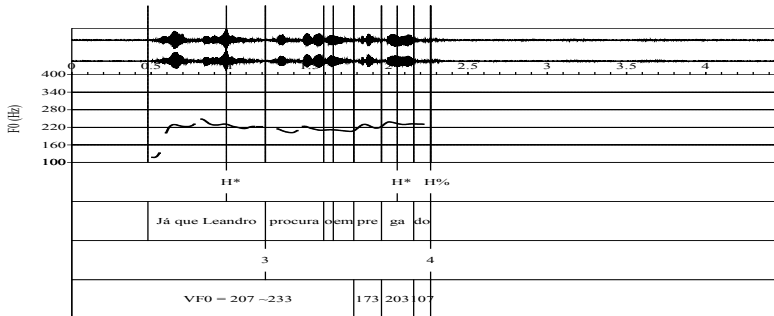


Fig. 72: Contorno H\* no PhP inicial da oração *desgarrada total* [[Já que o Leandro procura o empregado]IP]U- R1Inf.1-PE.

Relativamente à configuração final das orações *desgarradas totais* produzidas por falantes portugueses, os dados com PhP não ramificado foram, em sua maioria, caracterizados pela existência de um acento L+H\* associado à última sílaba tônica e seguido do tom de fronteira H% em mais da metade dos dados (60%) e, além da configuração L+H\*H%, foi também identificado em grande quantidade o contorno final H\* H% (37%). O contorno L\*LH% foi constatado em quantidade pouco expressiva – 3%. Há, portanto, nos IPs compostos por PhPs não ramificados, preferência pela associação de um tom ascendente ou alto à última sílaba tônica (L+H\* ou H\*) do IP e é a fronteira também alta (H%) a mais produtiva (97%), como mostram os números da tabela 30:

| Contornos PhP final –<br>IPs menores, com PhP<br>não ramificado | H* H%          |            | L+H* H%        |            | L* LH%         |           |
|---|----------------|------------|----------------|------------|----------------|-----------|
|   | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %          | Oco./<br>total | %         |
| Inf.1   | 32             | 71%        | 13             | 29%        | 0              | 0%        |
| Inf.2   | 7              | 16%        | 36             | 80%        | 2              | 4%        |
| Inf.3   | 9              | 20%        | 33             | 73%        | 3              | 7%        |
| Inf.4   | 32             | 71%        | 13             | 29%        | 0              | 0%        |
| Inf.5   | 3              | 7%         | 39             | 86%        | 3              | 7%        |
| <b>TOTAL</b>  | <b>83</b>      | <b>37%</b> | <b>137</b>     | <b>60%</b> | <b>8</b>       | <b>3%</b> |

Tabela 30: Contornos predominantes no PhP final de orações *desgarradas totais* com PhP não ramificado no PE.

Importa ressaltar que, embora o contorno H\* H% possa ser rejeitado na literatura prosódica por não satisfazer o princípio do contorno obrigatório (OCP), optou-se por sua utilização porque,

de acordo com o verificado nos dados, como demonstram as figuras seguintes, não se encontrou maneira melhor de formalizar tal contorno. Contudo, há de se reconhecer que, mais do que apenas um contorno melódico final, em muitos dados, a predominância de um tom alto nas orações produzidas por falantes portugueses se revela como uma característica de todo o IP e poderia ser descrita como H\*\_H%, sendo o tom H\* associado à primeira sílaba do IP, mantido durante toda a oração até a fronteira. Esta constatação vai ao encontro de descrições anteriores que realizaram a comparação entre o PB e o PE (Frota e Vigário, 2000; Fernandes, 2007) e afirmam que o PhP é um constituinte prosódico mais robusto entoacionalmente na variedade brasileira.

As figuras de 73 a 75 ilustram os contornos melódicos percebidos nas orações *desgarradas totais* sem ramificação no último PhP produzidas por falantes portugueses:

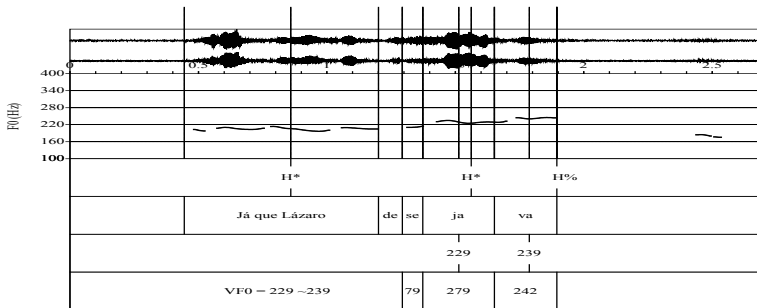


Fig. 73: Contorno H\* H% no PhP final da oração *desgarrada total* [Já que o Lázaro desejava]IP]U- R1Inf.1-PE.

"AI, SE EU TE PEGO..."

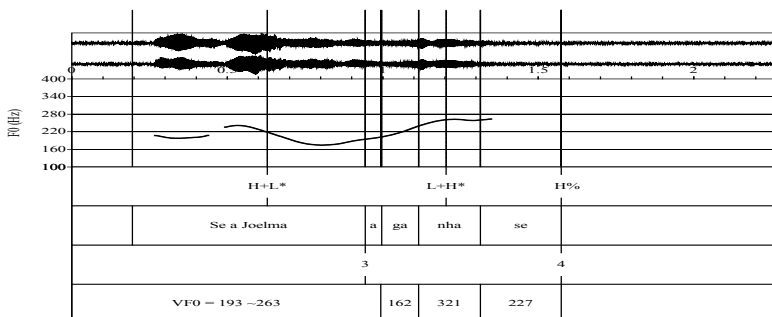


Fig. 74: Contorno L+H\* H% no PhP final de oração *desgarrada total* [Se a Joelma a ganhasselP]U- R2Inf.2PE.

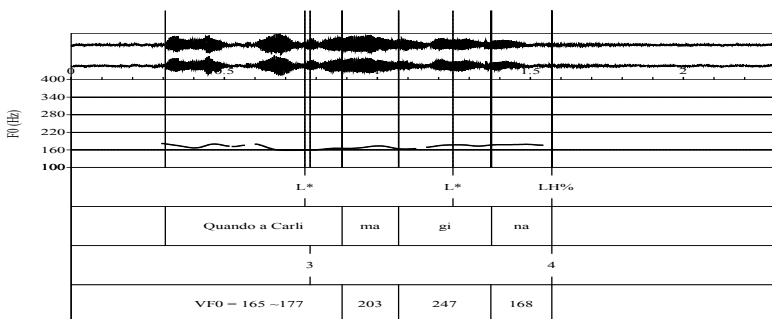


Fig. 75: Contorno L\* LH% no PhP final de oração *desgarrada total* [Quando a Carla imagina]U- R2Inf.4-PE.



Nas orações *desgarradas totais* compostas por um PhP ramificado, houve igual predominância do contorno melódico L+H\* H% (53%) seguido em quantidade expressiva do contorno H\*+H (37%). Logo, há, igualmente ao notado nas orações menores, preferência pela associação de um tom alto ou ascendente à última sílaba tônica do IP e pela delimitação final através de uma fronteira alta (H% em 90% dos dados). Mais uma vez, também foi encontrado o contorno melódico L\*LH% em quantidade menos expressiva dos dados, conforme anuncia a tabela 31:

| Contornos PhP final -<br>IPs maiores, com PhP ramificado | H*+H%      |            | LH*H%      |            | L*LH%      |            |
|--|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  | Oco./total | %          | Oco./total | %          | Oco./total | %          |
| Inf.1  | 37         | 82%        | 5          | 11%        | 3          | 7%         |
| Inf.2  | 18         | 40%        | 26         | 58%        | 1          | 2%         |
| Inf.3  | 6          | 13%        | 39         | 87%        | 0          | 0%         |
| Inf.4  | 17         | 38%        | 28         | 62%        | 0          | 0%         |
| Inf.5  | 5          | 11%        | 21         | 47%        | 19         | 42%        |
| <b>TOTAL</b>   | <b>83</b>  | <b>37%</b> | <b>119</b> | <b>53%</b> | <b>23</b>  | <b>10%</b> |

Tabela 31: Contornos melódicos observados no fim dos IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PE.

A seguir, figuras 76, 77 e 78 exemplificam os contornos melódicos observados nas orações *desgarradas totais* com PhP ramificado no PE:

"AI, SE EU TE PEGO..."

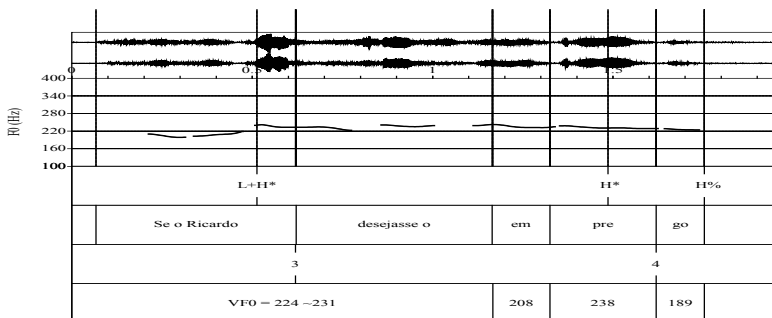


Fig. 76: Contorno H\*H% no PhP final da oração *desgarrada total* [[Se o Ricardo desejasse o emprego]U- R2Inf.1PE.

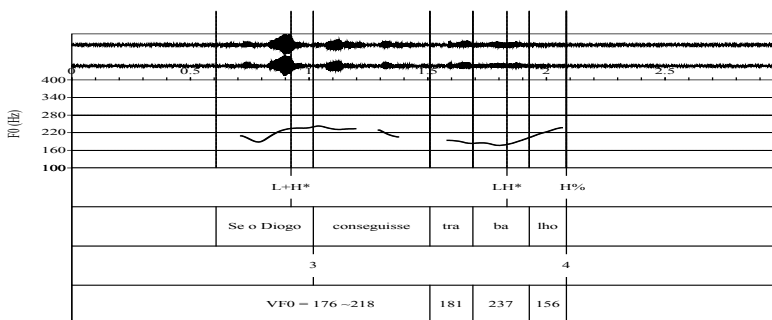


Fig. 77: Contorno L+H\* H% no PhP final da oração *desgarrada total* [[Se o Diogo conseguiu o trabalho]U- R1Inf.3PE.

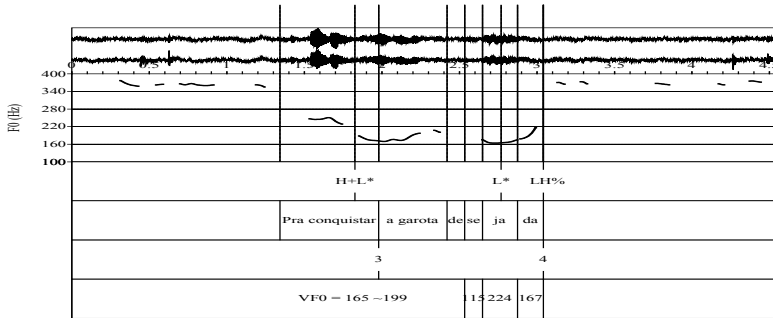


Fig. 78: Contorno L\* LH% no PhP final da oração *desgarrada total* [[Pra conquistar a garota desejada]U- R1Inf.5PE.

Interessa ainda notar que, em PE, o contorno melódico final L+H\* H% foi o mais produtivo tanto em orações *desgarradas totais* quanto em orações *não desgarradas*, o que sugere, diferentemente do que ocorre com clareza no PB, o pouco auxílio dos contornos de F0 como pista prosódica atuante na distinção das estruturas com ou sem *desgarramento*. Tal fato leva a considerá-lo como mais uma prova das diferenças de associação tonal das duas variedades do português, já descritas, com base em outros tipos frásicos, nos trabalhos de Frota e Vigário (2000) e Fernandes (2007), por exemplo.

### 5.5 A DURAÇÃO

De forma semelhante ao que foi feito para as orações *desgarradas totais* do PB, será realizada, primeiramente, a descrição do comportamento duracional intersilábico, observando os valores médios de duração nas sílabas da última palavra do IP. Após isto, será feita

a segunda etapa de descrição da referida pista prosódica, a fim de que se façam comentários acerca do alongamento em orações *desgarradas totais* através da comparação interoracional.

Para os IPs menores, sem ramificação no último PhP, a análise dos dados demonstrou que, relativamente à sílaba tônica, a pretônica tem duração média 30% menor e a postônica dura, em média, apenas 6% menos. A afirmação de que a duração média da sílaba postônica é menor “apenas” 6% em relação à tônica é ancorada na comparação com os dados não *desgarrados*, como se verá com mais clareza no gráfico 17. Além disso, comparativamente à sílaba pretônica, o alongamento médio da sílaba final é de 26% nas orações *desgarradas totais* menores, alongamento esse bem mais robusto do que o encontrado nas orações produzidas juntamente com a oração núcleo. A tabela 32, a seguir, revela os valores médios de duração verificados nos IPs sem ramificação no último PhP que são, sintaticamente, orações *desgarradas totais*:

| Valores médios da duração<br>- IPs menores, com PhP<br>não ramificado | Pretônica<br>(ms) | Tônica<br>(ms) | Postônica<br>(ms) |
|---|-------------------|----------------|-------------------|
| Inf.1   | 157               | 239            | 246               |
| Inf.2   | 176               | 258            | 240               |
| Inf.3   | 170               | 246            | 221               |
| Inf.4   | 179               | 243            | 208               |
| Inf.5   | 168               | 235            | 216               |
| MÉDIA   | <b>170</b>        | <b>244</b>     | <b>230</b>        |

Tabela 32: Média da duração das sílabas finais em IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PE.

É interessante observar que, nos dados *desgarrados* produzidos pela informante 1, há, como majoritariamente encontrado nos dados do PB, alongamento da sílaba postônica final também em relação à tônica, o que, juntamente ao referido alongamento da pos-tônica em relação à pretônica, observado nos dados de todas as informantes, pressupõe ser a maior duração das sílabas finais uma pista prosódica importante na caracterização do *desgarramento* também no PE.

As figuras 79 e 80, a seguir, exemplificam os alongamentos percebidos nos dados de orações *desgarradas totais* com 9 sílabas produzidas por falantes portugueses:

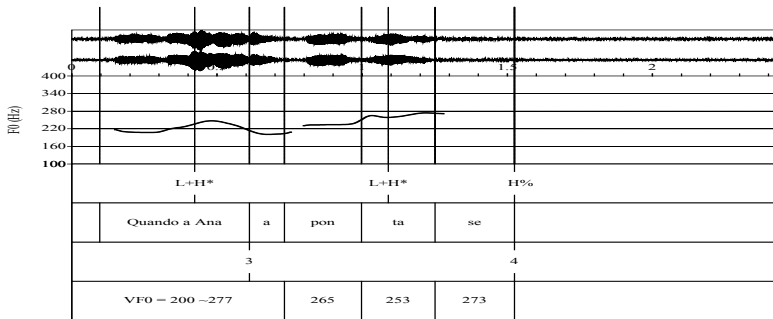


Fig. 79: Alongamento nas sílabas finais da oração *desgarrada total* [Quando a Ana apontasse]IP]U- R1Inf.2PE.

"AI, SE EU TE PEGO..."

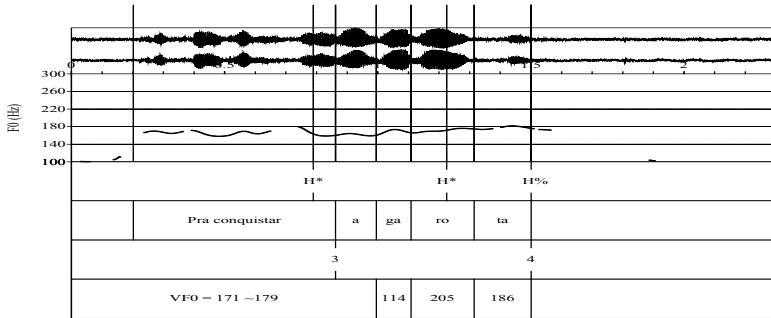


Fig. 80: Alongamento nas sílabas finais da oração *desgarrada total* [Pra conquistar a garota]P]U- R1Inf.4PE.

Nos IPs com ramificação no último PhP, foi igualmente verificada duração menor da sílaba pretônica (32% a menos) em relação à sílaba tônica. A sílaba postônica, também de forma semelhante às orações *desgarradas totais* menores anteriormente descritas, apresenta duração média inferior à da sílaba tônica (menos 15%), duração esta consideravelmente menos saliente do que a notada nos dados *não desgarrados*. Em relação à sílaba pretônica, a postônica alonga 21% em média, bem mais do que os 3% percebidos nos dados *sem desgarramento*. A tabela 33, a seguir, revela os valores médios de duração verificados nas orações *desgarradas totais* em que há ramificação no último PhP:

| Valores médios da duração -IPs maiores, com PhP ramificado | Pretônica<br>(ms) | Tônica<br>(ms) | Postônica<br>(ms) |
|--|-------------------|----------------|-------------------|
| Inf.1  | 157               | 231            | 222               |
| Inf.2  | 169               | 264            | 215               |
| Inf.3  | 163               | 231            | 193               |
| Inf.4  | 162               | 231            | 187               |
| Inf.5  | 159               | 233            | 203               |
| MÉDIA  | <b>162</b>        | <b>238</b>     | <b>204</b>        |

Tabela 33: Média da duração das sílabas finais em IPs desgarrados com PhP ramificado no PE.

Cumpre comentar que, aqui, o alongamento das últimas sílabas nas orações *desgarradas totais* é proporcionalmente inverso ao tamanho dos constituintes, igualmente ao observado nos dados do PB e diferentemente do constatado nos dados *não desgarrados* do PE. Tal fato sugere a possibilidade de ser, para o *desgarramento* em português europeu, o número de sílabas fator influente para a inserção da referida pista prosódica na caracterização do fenômeno.

A comparação intersilábica, portanto, revela que o alongamento final, assim como no PB, existe tanto nas orações *não desgarradas* quanto nas orações *desgarradas totais*. A comparação interoracional da duração, à qual se procede neste momento, demonstra, por outro lado, que o comportamento de tal pista prosódica atua também de forma produtiva na caracterização de orações *desgarradas totais* do PE, uma vez que, semelhantemente ao PB, é utilizada de forma bastante saliente na produção das referidas orações.

Os gráficos 17 e 18, a seguir, demonstram que, quando comparado o comportamento da duração em orações *não desgarradas* e

em orações *desgarradas*, evidencia-se a utilização do alongamento final como caracterizador do fenômeno em estudo. Assim como para o PB, ainda que de forma pouco menos robusta, a análise do comportamento de cada sílaba em separado já revela que, nas orações *desgarradas totais*, a duração média das três últimas sílabas é relativamente maior à das mesmas porções em orações *não desgarradas*. Todavia, é a duração média da sílaba postônica final o fator mais proeminente na manifestação do alongamento.

Conforme os números do gráfico 17 comprovam, nos IPs com PhP não ramificado, a duração média das sílabas pretônica e tônica é, respectivamente, 7% e 9% maior nas orações *desgarradas totais*. A duração da sílaba postônica, por sua vez, é em média 30% maior que a da mesma sílaba em orações *não desgarradas*:

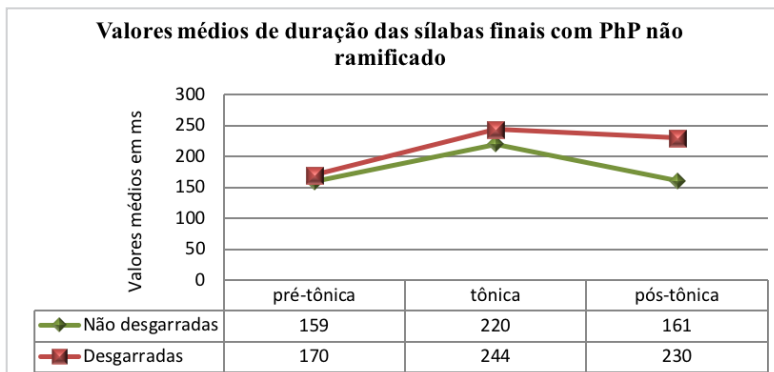


Gráfico 17: Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas totais* sem ramificação no último PhP - PE.

Nos IPs com ramificação no último PhP, a comparação entre os tipos oracionais leva-nos a resultados semelhantes quanto à duração média das sílabas pretônica e tônica - 3% e 8% maior nas



orações *desgarradas totais*, respectivamente. A duração média da sílaba postônica, embora menos saliente do que nos dados sem ramificação no último PhP, é também bastante relevante: 21% maior que a da mesma sílaba em orações *não desgarradas*, como denotam os números do gráfico 18:

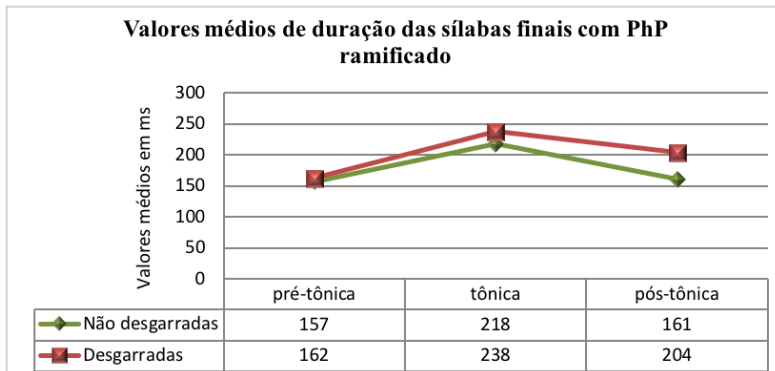


Gráfico 18: Duração nas sílabas da palavra nuclear em orações *não desgarradas* e *desgarradas totais* com ramificação no último PhP – PE.

## 5.6 A GAMA DE VARIAÇÃO DE F0

Para as sílabas da palavra nuclear de orações *desgarradas totais* compostas por PhPs não ramificados e produzidas por falantes portugueses, a análise da gama de variação de F0 revelou que há, entre a F0 mínima e a F0 máxima, uma diferença média de 16% (33Hz). De forma semelhante ao PB, quando comparados aos resultados obtidos através da análise da gama de variação de F0 em orações *não desgarradas* também compostas sem ramificação no último PhP, os resultados são similares, uma vez que, nos dados sem *desgarramen-*

to, a diferença média foi de 17% (42Hz). Deste modo, a asserção a que chegamos a partir da análise da pista prosódica em questão é a mesma que fizemos para o PB: ainda que as orações *desgarradas totais* sejam necessariamente delimitadas por pausa e constituam um Enunciado (U), o que nos fez aderir à hipótese de que a gama de variação seria maior em tais orações, tal pista não nos parece produtiva para distinguir os tipos oracionais aqui contrastados e caracterizar o *desgarramento*.

| Valores médios da gama de variação de F0 -<br>IPs menores, com PhP não ramificado | F0 min.<br>(Hz) | F0 máx.<br>(Hz) |
|---|-----------------|-----------------|
| Inf.1   | 232             | 262,1           |
| Inf.2   | 194,7           | 249,6           |
| Inf.3   | 188,6           | 225,6           |
| Inf.4   | 168,9           | 182,9           |
| Inf.5   | 175,2           | 207,2           |
| MÉDIA   | <b>191,9</b>    | <b>225,5</b>    |

Tabela 34: Média da gama de variação na palavra nuclear de IPs *desgarrados* com PhP não ramificado no PE.

Semelhantemente ao constatado nas orações menores, nas orações *desgarradas totais* compostas com ramificação no último PhP, a gama de variação da F0 apresentou valores similares aos encontrados nas orações *não desgarradas*. Como apresentam os números da tabela 35, nos dados de *desgarramento*, a diferença entre o valor mínimo e o valor máximo da F0 na palavra nuclear foi, em média, de 14% (30Hz) ao passo que a mesma diferença foi de 12%

nos dados *não desgarrados*, o que reiteramos não nos permitir confirmar a postulação de que a gama de variação de F0 pré-fronteira seria caracterizadora do fenômeno em estudo.

| Valores médios da gama de variação de F0 - IPs maiores, com PhP ramificado | F0 min.<br>(Hz) | F0 máx.<br>(Hz) |
|--|-----------------|-----------------|
| Inf.1  | 232,5           | 256,8           |
| Inf.2  | 211,6           | 247             |
| Inf.3  | 177             | 219,6           |
| Inf.4  | 177,6           | 204,3           |
| Inf.5  | 173,4           | 192,3           |
| MÉDIA  | <b>194,4</b>    | <b>224</b>      |

Tabela 35: Média da gama de variação na palavra nuclear de IPs *desgarrados* com PhP ramificado no PE

## 5.7 RESUMO DA DESCRIÇÃO PROSÓDICA DE ORAÇÕES *DESGARRADAS TOTAIS NO PE*

A análise prosódica de orações *desgarradas totais* no PE revelou que, assim como para o PB, não há diferenças entre os acentos em início de IP observados nestas orações e nas orações sem *desgarramento*. Predominantemente, o acento bitonal H+L\* está associado ao elemento proeminente do primeiro PhP e o acento L+H\* é também encontrado em expressiva quantidade, como mostra o gráfico 19:

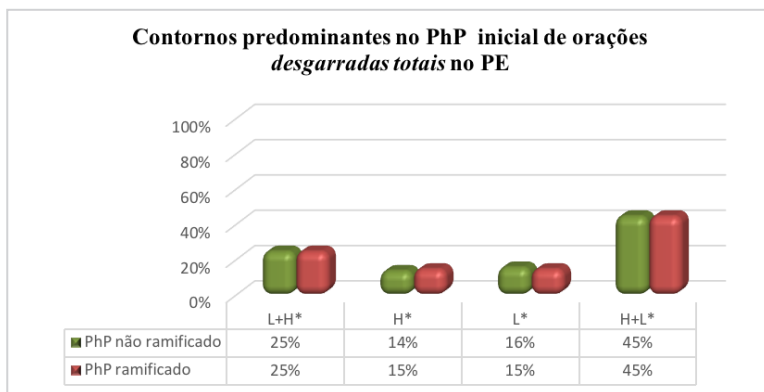
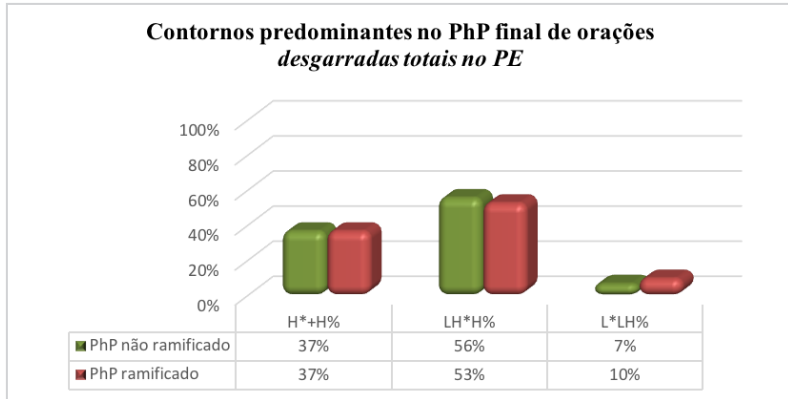


Gráfico 19: Contornos predominantes no PhP inicial de orações *desgarradas totais* no PE.

No que tange aos padrões melódicos no fim dos IPs, os dados revelam que, diferentemente do que ocorre no PB, as orações *desgarradas totais* produzidas por falantes portuguesas são caracterizadas por contornos semelhantes aos verificados nos dados sem *desgarramento*: há preferencialmente, ocorrência do contorno L+H\* H% associado à fronteira final dos IPs. Entretanto, nas orações *desgarradas totais* do PE, foi identificada a existência em grande quantidade de um outro padrão melódico – H\* H%, caracterizado pela manutenção do tom alto desde o início dos IPs, podendo também ser descrito como H\* \_\_H%.

Gráfico 20: Contornos predominantes no PhP final de orações *desgarradas totais* no PE.

O comportamento da duração nas últimas sílabas do IP, assim como a existência de um outro padrão melódico nos dados de *desgarramento*, revelou-se como caracterizador das orações *desgarradas totais* também no PE. Não ocorreu, nos dados portugueses, alongamento da última postônica em relação à sílaba tônica, como visto para o PB. Todavia, em comparação às orações *não desgarradas*, o alongamento da sílaba final em relação à última pretônica é consideravelmente mais expressivo nas *desgarradas totais*: naquelas, o alongamento médio não ultrapassou 2%, ao passo que, nestas, chega a até 26%, como indicam os números médios de duração apresentados no gráfico 21:

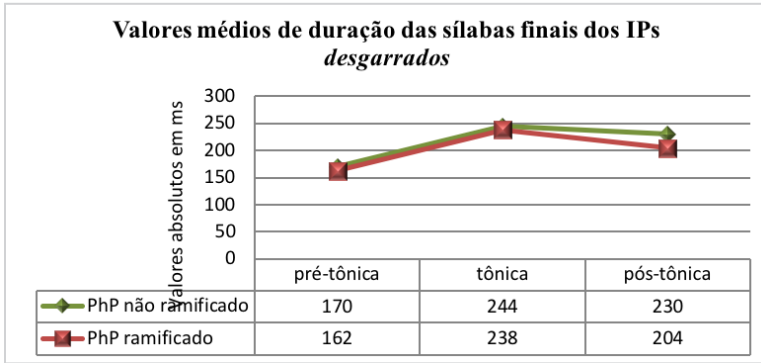


Gráfico 21: Média da duração nas sílabas finais de orações *desgarradas totais* no PE.

Finalmente, no que concerne à gama de variação de F0 pré-fronteira, há, de forma semelhante aos resultados do PB, variação média bastante similar nos dados com e sem *desgarramento* – em média, 16% para IPs sem ramificação no último PhP e 14% para os IPs com PhP ramificado. Deste modo, rejeita-se a hipótese de que a pista prosódica em questão poderia contribuir para a diferenciação entre orações *não desgarradas* e orações *desgarradas totais*.

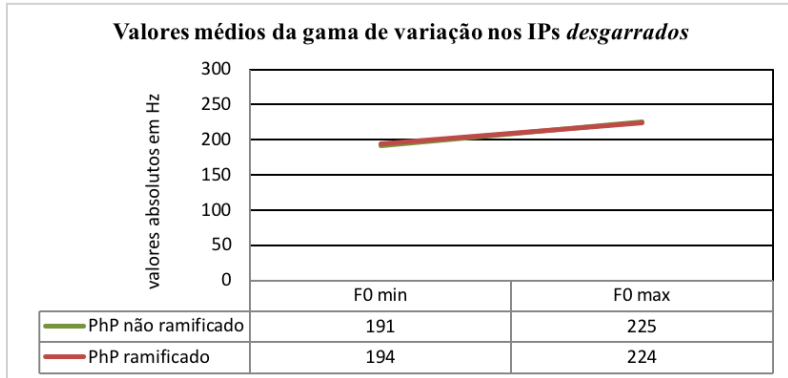


Gráfico 22: Média de gama de variação de F0 na palavra nuclear de orações *desgarradas totais* no PE

Feita a descrição pormenorizada - separada pelas diferentes constituições dos IPs - dos parâmetros prosódicos em análise para a descrição do *desgarramento* estudado neste livro, passa-se, no capítulo seguinte, à sistematização dos resultados que visará à relação com as hipóteses postuladas e à comparação mais contundente entre o PB e o PE.





## CAPÍTULO 6

*Pra ir terminando...*

ou

Sistematizações sobre o  
desgarramento na língua falada  
no PB e no PE

Como visto nos capítulos 4 e 5, à exceção de alguma relação entre ramificação do PhP e duração que pode ser postulada para o PB e para as *desgarradas totais* do PE, a análise demonstrou não haver comportamentos diferenciados de acordo com a ramificação do último PhP nas orações observadas. Desse modo, refuta-se em parte a hipótese de número 4, exposta no capítulo 2, de que a estrutura prosódica influenciaria no modo de implementação do *desgarramento*, havendo, nos IPs maiores, constituídos com ramificação no último PhP, pistas prosódicas menos salientes na caracterização do fenômeno em estudo.

Em que pesem os resultados do PB e de *desgarradas totais* do PE revelarem ser possível o maior alongamento das sílabas finais em razão proporcionalmente inversa ao tamanho do IP, os números são pouco robustos. Acredita-se, porém, que tais resultados são coerentes pelo fato de ser pequena a diferença no número de sílabas entre os IPs analisados, sejam eles ramificados ou não, uma

vez que constituintes de nove ou de treze sílabas são descritos, na literatura, como longos.

Considerando os resultados, portanto, a sistematização feita neste capítulo trará em conjunto os valores médios de IPs sem ramificação no PhP final e de IPs com o último PhP ramificado, com o objetivo principal de proceder a uma comparação mais clara entre os dados com e sem *desgarramento*, além de comparar mais efetivamente as variedades brasileira e lusitana do português.

Como se pode verificar nos gráficos 23 e 24, a seguir, os mesmos contornos melódicos foram observados no elemento proeminente do primeiro PhP no PB e no PE, seja em orações *não desgarradas* ou em orações *desgarradas totais*, não havendo, como já pontuado anteriormente, diferenças concernentes à associação tonal inicial que caracterizem o *desgarramento*. A diferença entre as variedades reside no fato de o acento bitonal L+H\* ser mais produtivo nos dados brasileiros enquanto que a utilização do acento H+L\* é mais efetiva nos dados portugueses.

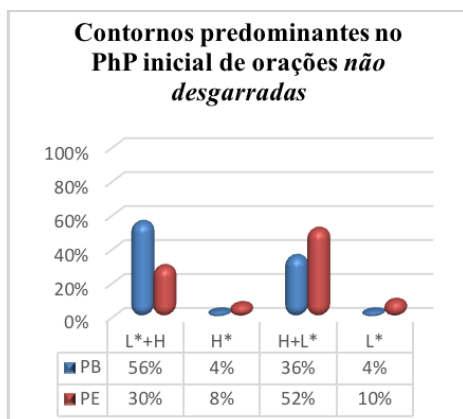


Gráfico 23: Contornos predominantes no PhP inicial de orações *não desgarradas* em PB e em PE.

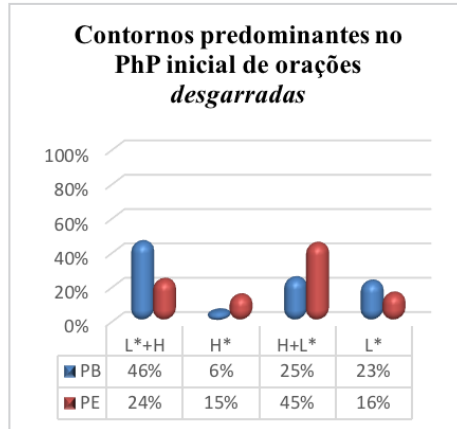


Gráfico 24: Contornos predominantes no PhP inicial de orações *desgarradas* em PB e em PE.

No que tange vaos contornos melódicos existentes no fim dos IPs, os gráficos 25 e 26 revelam que há, entre orações *não desgarradas* e orações *desgarradas totais*, comportamentos diversos que se mostram capazes de contribuir para a caracterização do fenômeno em estudo, além de diferentes contornos serem observados para o PB e para o PE.

No PB, há clara diferença entre orações *não desgarradas* e orações *desgarradas totais* relativa, principalmente, ao tipo de fronteira preferida na produção de cada tipo oracional: predominam os contornos com fronteira baixa – 72% de L% – nos dados sem *desgarramento* ao passo que, nas orações *desgarradas totais*, a predominância de contornos melódicos em que não há descida final é semicategórica (94%) – 83% de L+H\* H% e 11% de H+L\* LH%. No PE, predominam os tons com fronteira alta ou ascendente – H% ou LH% – tanto nas orações *não desgarradas* quanto nas orações *desgarradas totais*.

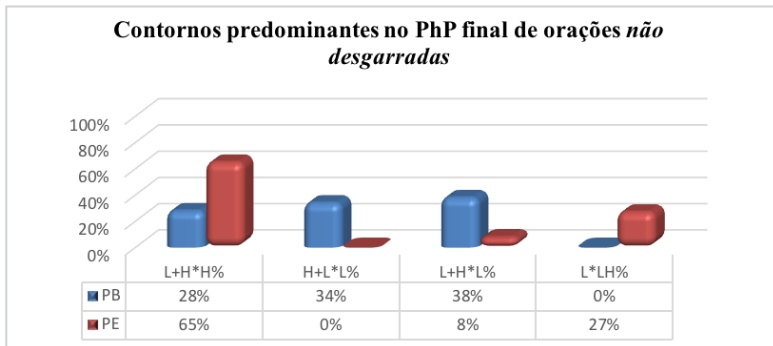


Gráfico 25: Contornos predominantes no PhP final de orações *não desgarradas* em PB e em PE.

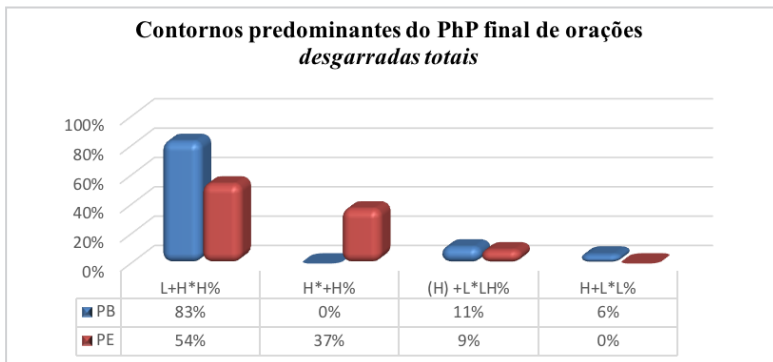


Gráfico 26: Contornos predominantes no PhP final de orações *desgarradas totais* em PB e em PE.

O comportamento duracional das últimas sílabas do IP também mostra resultados diversos para orações *não desgarradas* e orações *desgarradas totais*, tanto em PB quanto em PE, revelando-se, juntamente com os padrões melódicos finais, fator importante na caracterização do fenômeno aqui estudado.

Há, para ambas as variedades, maior duração das sílabas finais nos dados de *desgarramento* quando comparadas as mesmas sílabas em orações *não desgarradas*. Além disso, nas *desgarradas totais* produzidas por falantes brasileiros, não há somente maior saliência no alongamento da última postônica em relação à pretônica, como também se verifica em PE: há, ainda, alongamento da sílaba final em relação à tônica, revelando a robustez de tal pista prosódica na caracterização do *desgarramento* em PB.

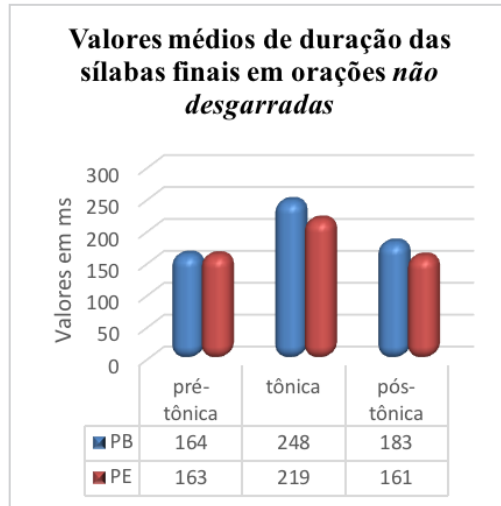


Gráfico 27: Média da duração nas sílabas finais de orações *não desgarradas* em PB e em PE

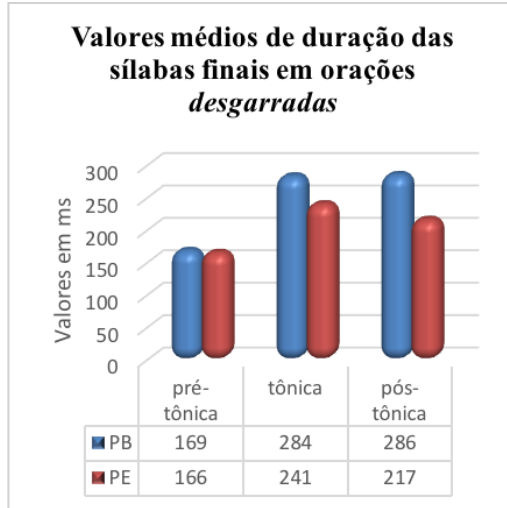


Gráfico 28: Média da duração nas sílabas finais de orações *desgarradas* em PB e em PE

Os resultados relativos aos contornos melódicos predominantes no fim dos IPs e ao alongamento silábico identificados nas sílabas finais vão ao encontro das hipóteses 1 e 2 (cf. capítulo 2).

A hipótese 1 dizia que a interpretação de orações *desgarradas totais* como orações completas existiria através da utilização diferenciada de pistas prosódicas, como as modulações de F0 e duração, tal qual demonstram estudos como os de Vigário (2003) e Fonseca (2010) para outras estruturas. De fato, a análise mostra haver diferentes contornos melódicos e diferentes comportamentos da duração em orações *desgarradas totais* das duas variedades do português. No PB, entretanto, a inserção de pistas prosódicas diferenciadoras se dá de forma mais evidente, o que também vai ao encontro de outras descrições comparativas entre PB e PE, como as de

Frota e Vigário (2000) e Fernandes (2007), que revelam haver, para o PB, maior saliência de pistas prosódicas pelo fato de ser o PhP ou a PW domínios entoacionais mais robustos na variedade brasileira.

A hipótese 2 afirmava a necessidade de o contorno L+H\* H%, quando presente na configuração de orações *desgarradas totais*, ser acompanhado de outra pista prosódica para a caracterização do *desgarramento*, uma vez que o referido contorno é comumente descrito como característico de um padrão “continuativo” e não há, para as orações *desgarradas totais*, necessidade de continuação sintática ou fonológica. Logo, os resultados ratificam também a segunda hipótese, já que, tanto em PB quanto em PE, o comportamento diferenciado da duração atuou de forma produtiva nas orações *desgarradas totais*, majoritariamente delimitadas pelo contorno L+H\* H%. Em PB, salientando ainda mais as diferenças já existentes, uma vez que os contornos predominantes na melodia mínima já eram diversos nos dados sem ou com *desgarramento*. No PE, estabelecendo que, de fato, as *desgarradas totais* têm comportamento prosódico diferenciado, já que os contornos entoacionais predominantes na melodia mínima foram semelhantes aos das *não desgarradas*.

Por fim, no que se refere à gama de variação de F0 pré-fronteira, os dados mostraram que, como ilustram os gráficos 29 e 30, não foram encontradas diferenças robustas entre orações *não desgarradas* e orações *desgarradas totais* no PB e no PE, o que refuta a hipótese 3, a qual versava sobre a possibilidade de haver uma gama de variação de F0 maior nas *desgarradas totais* do que nas *não desgarradas* pelo fato de os dados de *desgarramento* configurarem, além da fronteira de IP, também uma fronteira de Enunciado (U), sendo necessariamente delimitados por pausa.

"AI, SE EU TE PEGO..."

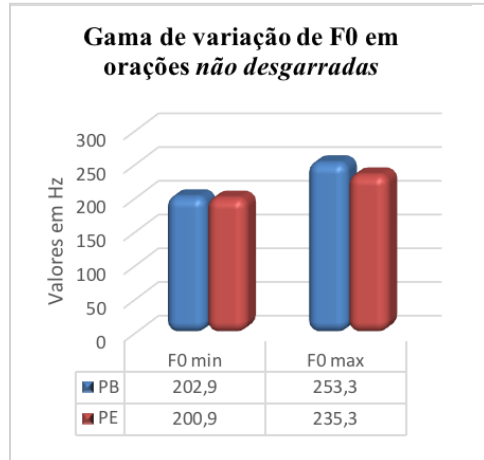


Gráfico 29: Gama de variação de F0 na palavra nuclear de orações *não desgarradas* em PB e em PE

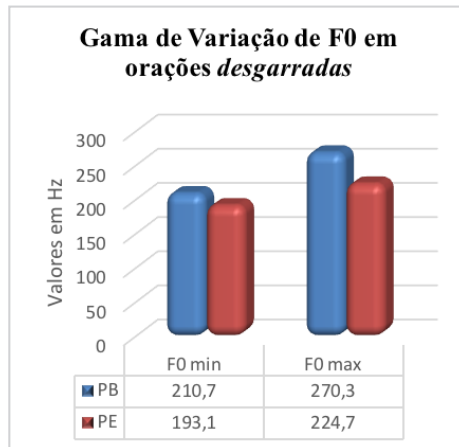


Gráfico 30: Gama de variação de F0 na palavra nuclear de orações *desgarradas* em PB e em PE



As tabelas abaixo, referentes ao PB e ao PE, respectivamente, resumem as diferenças entre as orações produzidas em conjunto com a oração núcleo (*não desgarradas*) e orações *desgarradas* que foram analisadas neste livro. Nelas, encontram-se os dados relativos às características majoritariamente observadas no fim do IP: configuração melódica, alongamento das sílabas (aqui, em números relativos à duração maior da sílaba postônica em relação à pretônica, observado nas duas variedades do português) e a gama de variação de F0.

| PB                     |                                |                                      |                                     |
|------------------------|--------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|
|                        | Contorno melódico no fim do IP | Alongamento das sílabas no fim do IP | Gama de variação de F0 no fim do IP |
| <i>Não desgarradas</i> | L+H*L%                         | 12%                                  | 22%                                 |
| <i>Desgarradas</i>     | L+H*H%                         | 42%                                  | 24%                                 |

Tabela 36: Resumo das características majoritariamente observadas em orações *não desgarradas* e em orações *desgarradas* produzidas por falantes brasileiras.

| PE                     |                                |                                      |                                     |
|------------------------|--------------------------------|--------------------------------------|-------------------------------------|
|                        | Contorno melódico no fim do IP | Alongamento das sílabas no fim do IP | Gama de variação de F0 no fim do IP |
| <i>Não desgarradas</i> | L+H*H%                         | 2%                                   | 17%                                 |
| <i>Desgarradas</i>     | L+H*H%                         | 26%                                  | 16%                                 |

Tabela 37: Resumo das características majoritariamente observadas em orações *não desgarradas* e em orações *desgarradas* produzidas por falantes portuguesas.

O *desgarramento* total de orações adverbiais, portanto, pode ser descrito como um fenômeno linguístico através do qual o falante se utiliza, primordialmente, da pista prosódica de duração, alongando as sílabas finais do IP de modo a conferir peso fonológico à estrutura, peso esse que não deixa dúvidas sobre sua gramaticalidade e permite seu entendimento sem a necessidade de complementação por outro elemento oracional. Além disso, para o português do Brasil, orações *desgarradas totais* apresentam um contorno entoacional diverso que, juntamente com o referido alongamento, dão à oração adverbial sozinha o estatuto de informação integral.

## **6.1 TESTES PERCEPTIVOS: UM OUTRO OLHAR PARA SISTEMATIZAÇÃO DOS RESULTADOS**

Após a análise referente à produção de orações *não desgarradas* e orações *desgarradas totais*, pareceu pertinente a aplicação de testes perceptivos que auxiliassem na discussão relativa ao *desgarramento* na língua falada. Desse modo, foi elaborado, para o PB, um teste de percepção preliminar com o intuito de verificar se, tendo por base os resultados obtidos nas análises das orações produzidas por falantes brasileiros, as pistas prosódicas de contorno de F0 e de duração, observadas como proficuamente atuantes na caracterização do *desgarramento* nessa variedade do português, atuam de maneira conjunta ou se alguma dessas pistas é mais relevante perceptivelmente que outra.

Foram, então, selecionados vinte pares de frases, pares esses lexicalmente idênticos, cada um composto por uma oração *não desgarrada* (tendo sido editada e descartada a oração núcleo com o auxílio do programa Sound Forge 10.0) e uma oração *desgarrada*

da total. Desses pares, dez eram constituídos por orações em que o mesmo contorno melódico foi observado no fim dos IPs com ou sem *desgarramento* – L+H\* H% – e dez eram constituídos por orações em que havia contornos melódicos diferentes no fim dos IPs de *desgarradas* e *não desgarradas* – L+H\* H% para os dados de *desgarramento* e L+H\* L% para as adverbiais seguidas pela oração nuclear. Com essa seleção, almejou-se, primeiramente, verificar se ouvintes percebem como diferentes as orações *desgarradas totais* e as orações *não desgarradas* delimitadas pelo mesmo padrão melódico, intuindo que, caso isso ocorra, a pista prosódica de duração atua preponderantemente para a caracterização do fenômeno em estudo e o contorno melódico seria uma pista “redundante” no *desgarramento* em PB.

Além da seleção por contornos melódicos, foi realizada, com o auxílio do programa PRAAT (BOERSMA E WEENICK, 2015), a manipulação por ressíntese de doze orações – seis *não desgarradas* e seis *desgarradas totais*, com o objetivo de, modificando as pistas prosódicas observadas como características de cada tipo oracional na produção dos dados, transformá-las no tipo de oração contrastado, como explicitado a seguir:

As orações *não desgarradas* “Pra conquistar a garota” e “Se o Diogo conseguisse o trabalho” sofreram três tipos de mudança:

1) apenas mudança no tom de fronteira, através da transformação do contorno melódico L+H\* L% em L+H\* H%;

2) apenas mudança na duração, através da adoção dos valores médios encontrados nas sílabas finais dos dados de *desgarramento* – postônica 42% maior que a pretônica e 5% maior que a tônica na oração sem ramificação no último PhP e postônica 40% maior que a pretônica e 4% menor que a tônica na oração com PhP ramificado (cf. gráfico 15);

3) mudança no tom e na duração, através da aplicação simultânea dos procedimentos 1e 2 anteriores.

As orações *desgarradas totais* “Pra conquistar a garota” e “Se o Diogo conseguisse o trabalho” também sofreram três tipos de mudança:

1) apenas mudança no tom de fronteira, através da transformação do contorno melódico L+H\* H% em L+H\* L%;

2) apenas mudança na duração, através da adoção dos valores médios encontrados nas sílabas finais dos dados sem *desgarramento* – postônica 12% maior que a pretônica e 24% menor que a tônica na oração sem ramificação no último PhP e postônica 9% maior que a pretônica e 30% menor que a tônica na oração com PhP ramificado (cf. gráfico 4);

3) mudança no tom e na duração, através da aplicação simultânea dos procedimentos 1 e 2 anteriores.

A partir das manipulações explicitadas em (i) e (ii), o propósito era perceber a relevância das duas pistas prosódicas – contorno melódico e duração – verificadas como salientes na produção de orações *desgarradas totais* no PB. Com isso, acredita-se que, caso as orações *não desgarradas* sejam percebidas como *desgarradas totais* (e vice-versa) nos dados em que houve apenas manipulação do tom, essa é uma pista prosódica importante na percepção. De igual modo, se os dados *não desgarrados* forem percebidos como *desgarrados* (e vice-versa) nas orações em que somente a pista duracional foi modificada, esse é um parâmetro prosódico perceptivelmente relevante. Nos dados em que houve a manipulação de ambas as pistas prosódicas, o esperado é que a percepção da oração *não desgarrada* como *desgarrada* (e da *desgarrada* como *não desgarrada*) seja o comportamento *default*.

O teste de percepção, montado em script do programa PRAAT (BOERSMA E WEENICK, 2015), contou, portanto, com 52 orações (20 *não desgarradas*, 20 *desgarradas totais* e 12 manipuladas) e foi solicitado aos juízes que, após as leituras dos contextos dados (os mesmos para a produção) e a audição das orações, fosse marcado o tipo oracional ouvido – *desgarrado* ou *não desgarrado*. Compuseram o corpo de juízes cinco alunos de pós-graduação em Letras da UFRJ, entre 24 e 29 anos, iniciados em fonética e conhecedores do fenômeno em estudo.

## RESULTADOS PERCEPTIVOS PRELIMINARES

Os resultados do teste de percepção propõem que, em PB, o *desgarramento* possui, de fato, um padrão fonológico diferente que atua em conjunto com a pista fonética de duração. Isso porque, como pode ser visto na tabela 36, a seguir, das 30 orações que possuíam o contorno L+H\*H% no fim do IP, 70%, em média, foi reconhecida como oração *desgarrada total* pelos juízes. Das vinte orações realmente *desgarradas totais* (*Desg*), 79% foi apontada como tal na média das avaliações e, das dez orações *não desgarradas* (*NãoDesg*) produzidas com o mesmo contorno, 52% em média foi apontada como *desgarrada*. As orações *não desgarradas* que possuíam o contorno melódico L+H\*L% foram categoricamente marcadas pelos juízes como orações que necessitavam ser completadas por outra, o que indica o fato de tal contorno, extremamente produtivo nos dados *não desgarrados* do PB, não ser capaz de caracterizar o fenômeno do *desgarramento* no português brasileiro.

"AI, SE EU TE PEGO..."

| TIPO ORACIONAL | Desg - L+H*H% | NãoDesg - L+H*H% | NãoDesg - L+H*L% |
|----------------|---------------|------------------|------------------|
| Juiz 1         | 16            | 4                | 10               |
| Juiz 2         | 15            | 6                | 10               |
| Juiz 3         | 16            | 5                | 10               |
| Juiz 4         | 15            | 5                | 10               |
| Juiz 5         | 17            | 6                | 10               |
| MÉDIA          | 15,8<br>(79%) | 5,2<br>(52%)     | 10<br>(100%)     |

Tabela 38: Reconhecimento de orações *não desgarradas* e *desgarradas totais* no PB

No que tange às orações manipuladas, os resultados também sugerem a atuação conjunta do contorno melódico e da duração para o *desgarramento total* em PB. Como se pode verificar na tabela 37 seguinte, todas as orações originalmente *desgarradas totais* foram reconhecidas como dados sem *desgarramento* (*NãoDesg*) após a manipulação de um ou de ambos os parâmetros prosódicos.

| TRANSFORMAÇÃO DE <i>DESGARRADA (Desg)</i> EM <i>NÃO DESGARRADA (NãoDesg)</i> <sup>36</sup> |                |                |                   |                           |                           |                               |
|--|----------------|----------------|-------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------------|
|  | Garota<br>TOM  | Garota<br>DUR  | Garota<br>DURETOM | Diogotra-<br>balho<br>TOM | Diogotra-<br>balho<br>DUR | Diogotra-<br>balho<br>DURETOM |
| <b>Juiz 1</b>  | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i>    | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>                |
| <b>Juiz 2</b>  | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i>    | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>                |
| <b>Juiz 3</b>  | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i>    | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>                |
| <b>Juiz 4</b>  | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i>    | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>                |
| <b>Juiz 5</b>  | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i> | <i>NãoDesg</i>    | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>            | <i>NãoDesg</i>                |

Tabela 39: Reconhecimento de orações *desgarradas totais* com pistas prosódicas manipuladas em PB.

Relativamente à transformação de orações *desgarradas totais* em *não desgarradas*, os resultados são menos concordantes entre os juízes, porém também indicam, majoritariamente, a necessidade de mudança em ambas as pistas prosódicas manipuladas, como mostra a tabela 38. Isso porque as orações originalmente *não desgarradas* foram mais claramente percebidas como dados de *desgarramento* quando duração e contorno melódico foram modificados conjuntamente (cf. colunas 4 e 7 da tabela a seguir). Por outro lado, quando apenas uma das pistas prosódicas foi alterada, a oração com PHP ramificado (*Diogo.trabalho*) não foi reconhecida como *desgarrada* por nenhum dos juízes, ao passo que a oração sem ramificação no últi-

36 Legenda da tabela: DUR = oração manipulada apenas quanto à duração; TOM = oração manipulada apenas quanto ao contorno melódico; DURETOM = oração manipulada quanto à duração e ao contorno melódico.

mo PhP (*Garota*) foi percebida como dado *desgarrado* por dois juízes quando a modificação se deu somente no contorno melódico (cf. coluna 2 na tabela a seguir) e por três juízes quando a mudança ocorreu apenas na duração (cf. coluna 3 na tabela a seguir):

| TRANSFORMAÇÃO DE NÃO DESGARRADA(NãoDesg) EM DESGARRADA (DESC) <sup>37</sup> |               |               |                   |                           |                           |                               |
|---|---------------|---------------|-------------------|---------------------------|---------------------------|-------------------------------|
|   | Garota<br>TOM | Garota<br>DUR | Garota<br>DURETOM | Diogo.<br>trabalho<br>TOM | Diogo.<br>trabalho<br>DUR | Diogo.<br>trabalho<br>DURETOM |
| Juiz 1  | NãoDesg       | Desg          | Desg              | NãoDesg                   | NãoDesg                   | NãoDesg                       |
| Juiz 2  | Desg          | Desg          | Desg              | NãoDesg                   | NãoDesg                   | Desg                          |
| Juiz 3  | NãoDesg       | NãoDesg       | NãoDesg           | NãoDesg                   | NãoDesg                   | Desg                          |
| Juiz 4  | NãoDesg       | NãoDesg       | Desg              | NãoDesg                   | NãoDesg                   | Desg                          |
| Juiz 5  | Desg          | Desg          | Desg              | NãoDesg                   | NãoDesg                   | Desg                          |

Tabela 40: Reconhecimento de orações *não desgarradas* com pistas prosódicas manipuladas em PB.

O teste realizado, bastante preliminar, corrobora os resultados verificados na produção de orações *desgarradas totais* no PB e parece constituir uma fonte importante para o estudo do *desgarramento* na língua falada.

37 Legenda da tabela: DUR = oração manipulada apenas quanto à duração; TOM = oração manipulada apenas quanto ao contorno melódico; DURETOM = oração manipulada quanto à duração e ao contorno melódico.



Retomando brevemente trabalhos de Tenani (2002), que afirma ser a presença de fronteira alta indicativa de uma relação hierárquica entre as sentenças, e de Serra (2009, 2016), que descreve serem a pausa, o alongamento e gama de variação de F0 pré-fronteira as pistas prosódicas importantes no fraseamento de IPs no PB, Silvestre (2018) relaciona considerações sobre orações desgarradas, o fraseamento prosódico de IPs e a configuração melódica do contorno “continuativo”, postulando que

o contorno L+H\*H% transmite, sozinho, o conteúdo de complementação, porém, se há outras pistas prosódicas salientes na fronteira do IP, como pausa ou alongamento final, o referido conteúdo é dado pela combinação de tais pistas ao tom L%.  
(SILVESTRE, 2018, p. 85)

Estudos perceptivos em andamento revelam que tal hipótese necessita de alguma reformulação, uma vez que o reconhecimento de orações *não desgarradas*, produzidas com o contorno melódico L+H\* H%, como estruturas que necessitam de complementação tem sido menor que 60%. É necessária, porém, uma sistematização ainda mais acurada dos dados e uma análise estatística mais criteriosa das pistas acústicas para que se reflita de maneira mais robusta sobre a influência dos parâmetros percebidos.



## Embora muito se tenha dito...

A análise prosódica do *desgarramento* empreendida neste livro mostrou que, tanto em PB quanto em PE, há pistas prosódicas que atuam na diferenciação de orações *desgarradas totais* e que o comportamento da duração nas sílabas finais é elemento comum e importante na verbalização de tais orações. No PB, entretanto, além da clara variação fonética estabelecida pelo alongamento, as orações *desgarradas* possuem um padrão melódico final diferente das *não desgarradas*. Isso nos permite afirmar, com base na análise da produção e da percepção que, no PB, as orações *desgarradas* são constituídas por um padrão fonológico diferente daquelas que são anexadas à oração núcleo. Com isso, respondemos a nosso principal questionamento, o cerne deste livro, que consistia em definir o que permite prosodicamente que uma oração *desgarrada* seja compreendida sem a oração núcleo.

Na busca de respostas sobre a relação entre prosódia e *desgarramento*, acabou-se, também, por proceder à descrição prosódica das orações adverbiais que são formalmente anexadas à oração núcleo, descrição essa que revela dados interessantes no que se refere ao fraseamento prosódico do português, uma vez que, apesar de a literatura da área cunhar o contorno melódico L+H\*H% como caracterizador do padrão “continuativo”, sendo a fronteira alta o principal indicador de tal continuidade (cf. CAGLIARI, 1991; CUNHA, 2000; TENANI, 2002), as orações *não desgarradas* do PB, que necessitavam de continuação na produção e foram assim categoricamen-

te percebidas no teste perceptivo realizado, apresentaram o contorno melódico L+H\*L%. Silvestre (2018) realiza outras reflexões acerca de contornos melódicos que podem traduzir continuidade.

Os resultados aqui apresentados também corroboram a teoria fonológica no sentido de reafirmar que, nos domínios mais altos da hierarquia, a interface entre fonologia e sintaxe é fortemente restringida, não havendo isomorfismo entre os dois componentes da gramática, já que as *desgarradas*, sem lugar na tradição dos estudos sintáticos, são claramente um constituinte fonológico completo, com características prosódicas próprias.

Fora as questões de ordem fonológica, o ponto de vista adotado neste livro, a análise prosódica de orações *desgarradas totais* revela que, diferentemente do que afirma Decat (1999, 2011), não é o contorno “final de cláusula” característico do *desgarramento* quando se trata de orações *desgarradas totais*, sem a possibilidade de recuperação textual da oração núcleo. É interessante, portanto, que o fenômeno seja ainda discutido por outros prismas, que a relação entre prosódia e *desgarramento* seja, de fato, explicitada não só em relação às cláusulas que aqui chamamos de *desgarradas totais*, mas também em relação à pontuação não canônica que leva à grande produtividade do fenômeno na língua escrita, na linha de trabalhos como os de Soncin (2014), Soncin e Tenani (2015), Carvalho (2019), Paiva (2020), entre outros. Além disso, a discussão semântico-pragmática sobre a produtividade do *desgarramento* e o tipo de relação circunstancial expressa pelas orações pode trazer reflexões também interessantes. Sob o olhar funcionalista, Rodrigues (2019, 2021) também traz novidades relativas ao *desgarramento* e à insubordinação.

Sob um outro ponto de vista prosódico, ainda, pode ser discutida com mais profundidade a relação entre prosódia e discurso na produção de cláusulas *desgarradas*, semelhantemente a pesquisas como as de Wichmann (2000, 2002), por exemplo. Ademais, uma

análise prosódica pautada na percepção das orações, considerando a *The rational Speaker Hypothesis* (Clifton, Carlson e Frazier 2002), na linha de trabalhos como os de Fonseca (2010, 2015) para o PB, será capaz de proporcionar importantes reflexões acerca da interpretação do *desgarramento*.

Como se percebe, embora muito se tenha dito em relação à caracterização prosódica de orações *desgarradas totais*, o fenômeno traz muitas outras inquietações que sugerem a feliz dificuldade de *desgarramento* do tema. Se for possível expressar uma forma de resumir o desejo em desbravar os caminhos da ciência linguística sobre as tantas nuances do tema aqui tratado, talvez tal desejo se revelasse numa ode ao conhecimento completo: *Ai, se eu te pego...*



## Referências

- BARROS, N. *Fraseamento prosódico em português: uma análise entoacional de enunciados com parentéticas e tópicos em duas variedades do Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, 2014.
- BECKMAN, M. & PIERREHUMBERT, J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n.3, 1986.
- BECKMAN, M., HIRSCHBERG, J. & SHATTUCK-HUFNAGEL, S. The original ToBI system and the evolution of the ToBI framework. In S.-A. Jun (ed.) *Prosodic Typology - The Phonology of Intonation and Phrasing*, 2005.
- BECKMAN, M. & PIERREHUMBERT, J. Intonational structure in Japanese and English. *Phonology Yearbook*, n.3, 1986.
- Boesma P, Weenick D. *Praat: doing phonetics by computer* [programa de computador]. Versão 5.4.08. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 2015. Disponível em: [www.praat.org](http://www.praat.org)
- BOFF, L. *A águia e a galinha*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CAGLIARI, L. C. Aspectos acústicos da entoação do português brasileiro. *Série Estudos*, n.8, p. 45-59, 1982.
- CAGLIARI, L. C. *Elementos de Fonética no Português Brasileiro*. Dissertação para acesso ao título de Livre Docente, Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez, 1992.
- CAGLIARI, L. C. e ABAURRE, M.B. Elementos para uma investigação instrumental das relações entre padrões rítmicos e processos fonológicos no Português Brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 10, p. 39-57, 1986.
- CARDOSO, S. A. M. S. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v.2. Cartas FP01 e FP02. Londrina: EDUEL, 2014.

CARVALHO, T. G. Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal. 2019. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2019.

CASTELO, J. *Entoação dos enunciados declarativos e interrogativas no português do Brasil: uma análise fonológica ao longo da costa atlântica*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2016.

CHAFE, WALLACE L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: CHAFE, W.L. (Ed.) *The Pear Stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980.

CLIFTON, C., JR., CARLSON, K., & FRAZIER, L. Informative prosodic boundaries. *Language & Speech*, v.45, p. 87-114, 2002.

CRYSTAL, D. *The English Tone of Voice*. London: St. Martin, 1975.

CRUZ, M. *Prosodic variation in European Portuguese: phrasing, intonation and rhythm in central-southern varieties*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal 2013.

CRUZ, M., FROTA, S. Prosódia dos tipos frásicos em variedades do Português Europeu: produção e percepção. In: COSTA, M.A., FALÊ, I. e BARBOSA, P. (eds). *Textos selecionados do XXVI Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2011.

CUNHA, C. S. *Entoação regional no português do Brasil*. Tese de doutoramento em língua portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.

CUNHA, C. S. Atlas linguístico do Brasil: uma análise das questões de prosódia. In: MOTA, J. A; CARDOSO, S. M.. (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. 1 ed. Salvador: Editora Quarteto. v.1, p.187-205, 2005.

DECAT, M.B.N. Por uma abordagem da (in) dependência de cláusulas à luz da noção de “unidade informacional”. *Scripta (Linguística e Filologia)*, v.2, n.4, Belo Horizonte: PUC Minas, 1º sem. 1999b, p.23-38, 1999.



DECAT, M.B.N. A função focalizadora de estruturas “desgarradas” no português falado e escrito: um estudo funcionalista de orações em sua ocorrência como enunciado independente. In: *Anais do II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa* (II SIMELP), Évora, 2009. Anais. Évora, 2009, p.114-134.

DECAT, M.B.N. *Estruturas Desgarradas em Língua Portuguesa*. Campinas: Pontes Editora, 2011, 2011.

DELGADO MARTINS, M.R. e F. Lacerda. Para uma gramática da entoação. Comunicação apresentada no *Congresso de Filologia e Linguística*, Rio de Janeiro, 1977.

FALÉ, I. *Fragmento da prosódia do Português Europeu: as estruturas coordenadas*. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 1995.

FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP, 2007.

FONSECA, A. A. *Pistas Prosódicas e o Processamento de sentenças ambíguas do tipo “SN1-V-SN2-Atributo” do Português Brasileiro*. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

FONSECA, A. A. O efeito do peso dos constituintes prosódicos na desambiguação de orações relativas reduzidas. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010.

FONSECA, A. A. Prosódia e sintaxe: um estudo perceptivo sobre estruturas de tópico e sujeito no português brasileiro. In: *Revista Diadorim* 17, v. 2, p.149-172, 2015.

FORD. C.Variation in the intonation and punctuation of different adverbial clause types in spoken and written English. Santa Bárbara: Santa Bárbara Papers, 1988.

FOX, A. Subordinating and coordinating intonation structures in the articulation of discourse. In: Gibbon, Daydd e Helmut Richter (eds.) *Intonation, Accent and Rythm*. Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1984.

FROTA, S. *Para a prosódia da frase: quantificador, advérbio e marcação prosódica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 1991.

FROTA, S. On the Prosody of Focus in European Portuguese. Proceedings of the *Workshop on Phonology*. Lisboa: APL, 45-66, 1993.

FROTA, S. On the prosody and intonation of focus in European Portuguese. In: *Issues in the Phonology and Morphology of the Major Iberian Languages* (F. Martínez-Gil & A. Morales-Front, editors), pp. 359-392. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1997.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese. Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, S. Efeitos de peso no Português Europeu. In: Maria Helena Mateus e Clara Nunes Correia (orgs.) *Saberes no Tempo*. Homenagem à Professora Henriqueta Costa Campos. Lisboa: Edições Colibri, 315-333, 2001.

FROTA, S. Nuclear falls and rises in European Portuguese: a phonological analysis of declarative and question intonation. *Probus*14, pp. 113-146, 2002.

FROTA, S. The phonological status of initial peaks in European Portuguese. In: *Catalan Journal of Linguistics* 2, pp. 133-152, 2003.

FROTA, S. The intonational phonology of European Portuguese. In: Sun-Ah Jun (ed.) *Prosodic Typology II*, Chapter 2. Oxford: Oxford University Press, 2009.

FROTA, S. The intonational phonology of European Portuguese. In Sun-Ah Jun (ed.) *Prosodic Typology II*. Oxford: Oxford University Press, pp. 6-42, 2014.

FROTA, S. & VIGÁRIO, M. Aspectos de prosódia comparada: ritmo e entoação no PE e no PB. In Rui V. Castro e Pilar Barbosa (eds.), *Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Vol. 1. Coimbra: APL, pp. 533-555, 2000.

FROTA, S., M. CRUZ, F. FERNANDES-SVARTMAN, G. COLLISCHONN, A. FONSECA, C. SERRA, P. OLIVEIRA & M. VIGÁRIO. Intonational variation in Portuguese: European and Brazilian varieties. In S. Frota & P. Prieto (eds). In: *Intonation in Romance*. Oxford: Oxford University Press. pp. 235-283. ISBN: 978-0-19-968533-2, 2015.

FROTA, S. & MORAES, J. Intonation of European and Brazilian Portuguese. In W. Leo Wetzels, João Costa & Sergio Menuzzi (eds.). In: *The Handbook of Portuguese Linguistics*, First Edition. John Wiley & Sons, Inc., pp. 141-166, 2016.

FURTADO DA CUNHA, A. Funcionalismo. In: *Manual de Linguística*, Martellota, Mário Eduardo (org). 1.ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009

GAYER, J. E. L. Uma breve história dos constituintes prosódicos. In: *Revista Diadorim* 17, v. 2, p.149-172, 2015

GARCIA, T. S. *As relações concessivas no português falado sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional*. Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. UNESP, São José do Rio Preto, 2010.

GONCALVES, C. A. V. *Focalização no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1997.

GONÇALVES, A.C.B.& SILVESTRE, A.P.S. A materialização prosódica de estruturas desgarradas comparada a de tópicos e clivadas. In: *Revista (Con)Textos Linguísticos - Estudos Funcionalistas: discurso e gramática*, Vitória, v. 14, n. 28, p. 392-411, 2020.

GREMIS, J.E. *The Thread of Discourse*. The Hague: Mouton, 1975.

GÓIS, C. *Método de Análise (léxica e lógica) ou sintaxe das relações*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 192p, 1995.

GRΦNNUM, N.; VIANA, M. C. Aspects of European Portuguese Intonation. *ICPhS 99*, São Francisco, v. 3, p. 1997-2000, 1999.

HALLIDAY, Michael A. K. Notes on Transitivity and Theme in English: Part 2. *Journal of Linguistics* 3(2), p. 199-244, 1967.

HAYES, B. e LAHIRI, A. (1991) Bengali Intonational Phonology. In: *Natural Language and Linguistic Theory* 9: 47-96.

HENGEVELD, K. & MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar*. Oxford: Oxford University, 2008.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: *Manual de Linguística*, Martellota, Mário Eduardo (org). 1.ed., 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2009

KROLL, B. Combining ideas in written and spoken English: a look at subordination and coordination. In: Ochs Keenan and T.L. Bennet (eds.) *Discourse Across Time and Space*. Southern California Occasional Papers in Linguistics 5. Los Angeles, Califórnia, 1977.

LADD, R. *Intonational phonology*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LIRA, Z. *A entoação modal em cinco falares do nordeste brasileiro*. Tese de doutoramento em *linguística*. João Pessoa, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFP, 2009.

MIRA MATEUS, Maria H. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2001.

MORAES, J.A. Em torno na entoação: alguns problemas teóricos. In: *Cultura Linguística*, n. 1, pg. 63-78, 1982.

MORAES, J.A. *Recherches sur l'Intonation Modale du Portugais Brésilien Parlé à Rio de Janeiro*. Thèse de Doctorat de Troisième Cycle. Université de la Sorbonne Nouvelle, Paris III, 1984.

MORAES, J.A. A entoação modal brasileira: fonética e fonologia. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 25, p.101-111, 1993.

MORAES, J.A. Acentuação Lexical e Acentuação Frasal em Português. Um Estudo Acústico- Perceptivo. In: *Estudos Linguísticos e Literários* 17, Universidade Federal da Bahia, p.39-57, 1995.

MORAES, J.A. Intonation in Brazilian Portuguese. In: HIRST, D.; DI CRISTO A. (Eds.) In: *Intonation systems: a survey of twenty languages*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 179-194, 1998.

- MORAES, J.A. Melodic contours of yes/no question in Brazilian Portuguese. In: *Proceedings of ISCA tutorial and research workshop on experimental linguistics*. Atenas, Grécia. p. 28-30, 2006.
- MORAES, J.A. The Pitch Accents in Brazilian Portuguese: analysis by synthesis. In: *Fourth Conference on Speech Prosody*, Campinas. Proceedings of the Speech Prosody. Campinas : Unicamp, p. 389-397, 2008.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic hierarchy na speech perception. In: *La Perciozone del Linguaggio, Anais do Seminário*, 1980, Florencia, Accademia della Crusca, 339-362, 1983a.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. Prosodic structure above the word. In: A. Cutler e D.R. Ladd (eds.). *Prosody: Models and Measurements*, Berlim, 123-140, 1983b.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology: with a new foreword*. Mouton de Guyter: Berlim, 2007
- NEVES, M. H. de M. As construções concessivas. In: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do português falado. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, v.VII (Novos Estudos)*, 1999a.
- NEVES, M. H. de M. As construções causais. In: NEVES, M.H.M. (org.) *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, v.VII (Novos Estudos), 1999b.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- NEVES, M. H. de M. *A gramática: história, teoria e análise*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- NEVES, M. H. de M. A extensão da análise dos elementos adverbiais para além da oração. In: *Revista da ANPOLL*, nº. 14, p.125-137, São Paulo, 2003.
- NEWMAYER, F. J. Formalism and functionalism in linguistics. In: *John Wiley & Sons, Ltd.*, p.301-307, 2010.

NUNES, V. *Análises entoacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano*. Dissertação de mestrado em Linguística. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2011.

PAIVA, N. C. Usos de vírgula em esquema duplo em textos do último ano do EFII: evidências de características da fala. *Revista Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 3, p. 1569-1583, 2020

PERINI, M.A. *Sintaxe portuguesa (Metodologia e Funções)*. São Paulo: Ática, 247p, 1989.

PIERREHUMBERT, J. *The phonology and phonetics of English intonation*. PhD Thesis. Massachussets: M.I.T, 1980.

PIERRUMBET, J.; HISCHBERG, J. The meaning of intonational constours in the interpretation of discourse. In: *Intentions in communication*. Cambridge: MIT Press, 1990.

REIS, C.; ANTUNES, L.B.; PINHA, V. Prosódia de declarativas e interrogativas totais no falar marianense e belorizontino no âmbito do Projeto AMPER. In: *Anais do III Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*. Belo Horizonte. Jun 6-8, 2011.

RODRIGUES, V. V. (org.). *Cláusulas sem núcleo em português: desgarramento ou insubordinação?*. 1. ed. São Paulo: Edgard Blucher Ltda., 2021. v. 1. 80p

RODRIGUES, V. V. (org.). *Desgarramento de cláusulas em Português: usos e descrição*. 1. ed. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2019. v. 1. 170p

RODRIGUES, V. V. (org.). *Articulação de orações: pesquisa e ensino*. Rio de Janeiro, UFRJ, 2010.

RODRIGUES, V. V, SILVESTRE, A. P. S. O 'Desgarramento' de cláusulas comparativas e a interface sintaxe-prosódia. In: XXV Jornada Nacional do GELNE, 2014, Natal - RN. *Anais da XXV Jornada Nacional do GELNE*. Campus Lagoa Nova - Natal - RN: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - EDUFRN, 2014.

SCARPA, E. *Alguns aspectos da intonação no Português*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, 1976.

SELKIRK, E. On prosodic structure and its relation to syntactic structure. In: *Conferência sobre Representação Mental em Fonologia*, IULC, 1980.

SELKIRK, E. *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, MIT Press, 1984.

SELKIRK, E. On derived domains in sentence phonology. In: *Phonology Yearbook* 3. p. 371-405, 1986.

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. (2016). A interface prosódia-sintaxe e o fraseamento prosódico no Português do Brasil. In: *Journal of Speech Sciences*. 2016;5(2):47-86.

SERRA, C. & FROTA, S. Fraseamento Prosódico no Português do Brasil: pistas para a percepção. In: *XXV Encontro nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa : APL, 2009.

SEVERINO, C. *Fronteiras prosódicas e desambiguação em Português*. Dissertação de mestrado. Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2011

SILVA, J.C.B. *Caracterização prosódica dos falares brasileiros: as orações interrogativas totais*. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2011.

SILVERMAN et al. ToBI: A standard scheme for labeling prosody. In: *Proceedings of the Second International Conference on Spoken Language Processing*. Banff, Canada, 1992, p. 867- 870.

SILVESTRE, A.P.S. *A entoação regional dos enunciados assertivos nos falares das capitais brasileiras*. Dissertação de mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ, 2012.

SILVESTRE, A. P. S., & CUNHA, C. de S. Pelos cantos do Brasil: A variação entoacional da asserção neutra em Natal, Rio de Janeiro e Porto Alegre. *Letrônica*, 2013 6(1), 179-195.

- SILVESTRE, A.P.S. "Se eu pudesse e se o meu dinheiro desse...": Desgarramento e prosódia na português Brasileiro e no Português Europeu". Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017
- SILVESTRE, A.P.S. Contributos do estudo sobre o desgarramento na língua falada para a descrição do fraseamento prosódico. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 2018, v. 19, n°esp (71-94)
- SONCIN, G. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!* Tese de Doutorado em Estudos Linguísticos. UNESP, São José do Rio Preto, 2014.
- SONCIN, G. & TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filologia e Linguística Portuguesa*, Brasil, v. 17, n. 2, p. 473-493, 2015.
- SOUZA, E. *A interpretação das cláusulas relativas no português do Brasil: um estudo funcional*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2009
- SOUZA, E. Cláusulas relativas: um caso de interface entre sintaxe e prosódia. *ReVEL*, v. 8, n. 15, 2010
- TENANI, L.E. *Domínios prosódicos do português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. Tese de Doutorado em Linguística. Campinas: LEL/UNICAMP, 2002.
- TENANI, L.E. Domínios prosódicos no Português Brasileiro: evidências rítmica, entoacional e segmental. *Estudos Linguísticos* (São Paulo), v.35, p.118 – 131, 2006.
- TENANI, L. E. & FERNANDES-SVARTMAN, F. R. Prosodic phrasing and intonation in neutral and subject-narrow-focus sentences of Brazilian Portuguese. *Proceedings of Fourth Conference on Speech Prosody*. Campinas: RG/CNPq, p. 445-448, 2008.
- TONELI, P. M. *A palavra prosódica no português brasileiro: o estatuto prosódico das palavras funcionais*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.



- TRUCKENBRODT, H. *Phonological phrases: their relation to syntax, focus and prominence*. PhD Thesis, M.IT, 2005.
- VIANA, M.C. *Para a síntese da entoação do Português*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar. Lisboa: CLUL-INIC, 1978.
- VIANA, M.C. e Frota, S. *Towards a P\_ToBI*. Colaboradores: I. Falé, F. Fernandes, I. Marcarenhas, A. I. Mata, H. Moniz & M. Vigário, 2007. [Disponível em <http://www3.fl.ul.pt/dlgr/SonseMelodias/P-ToBI/P-ToBI.htm>]
- VIGÁRIO, M. *Aspectos da Prosódia do Português Europeu: estruturas com advérbio de exclusão e negação frásica*. Braga: Universidade do Minho/CEHUM, 1998.
- VIGÁRIO, M. On the prosodic status of stressless function words in European Portuguese. In T.A. Hall e U. Kleinhenz (eds) *Studies on the Phonological Word*. Amsterdam: John Benjamins, 255-299, 1999
- VIGÁRIO, M. Prosody and sentence disambiguation in European Portuguese. *Catalan Journal of Linguistics*, Vol. 2. Special issue on Romance Intonation (edited by Pilar Prieto), p. 249-278, 2003.
- VIGÁRIO, M. Prosodic structure between the prosodic word and the phonological phrase: Recursive nodes or an independent domain? In: *The Linguistic Review* 27, p. 485-530, 2010.
- WICHMANN, A. Intonation in Text and Discourse: Beginnings, Middles and Ends. In: *Proceedings of SpeechEmotion-2000*, 143-148. Londres: Longman, 2000.
- WICHMANN, A. Attitudinal intonation and the inferential process. In: Bel, B., Marlien, I. (Eds). *Proceedings of the Speech Prosody 2002 Conference*, 11-16, 2002.



## Sobre a autora

**ALINE PONCIANO DOS SANTOS SILVESTRE** é professora adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre e doutora pela mesma instituição, com período de doutorado sanduíche na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Autora e coautora de publicações sobre a relação sintaxe-prosódia e sobre variação prosódica regional, dentre elas, as cartas prosódicas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

## **EDITORES**

Gabriel de Ávila Othero (UFRGS)

Valdir do Nascimento Flores (UFRGS)

## **CONSELHO EDITORIAL**

Adeilson P. Sedrins (UFRPE/UAG)

Adelia Maria Evangelista Azevedo (UEMS)

Ana Paula Scher (USP)

Aniela Improta França (UFRJ)

Atilio Butturri Junior (UFSC)

Carlos Alberto Faraco (UFPR)

Carlos Piovezani (UFSCar)

Carmem Luci Costa e Silva (UFRGS)

Cassiano R. Haag (MPSC)

Cátia de Azevedo Fronza (Unisinos)

Cláudia Regina Brescancini (PUCRS)

Claudia Toldo Oudeste (UPF)

Dermeval da Hora (UFPB)

Eduardo Kenedy (UFF)

Edwiges Maria Morato (Unicamp)

Eliane Silveira (UFU)

Elisa Battisti (UFRGS)

Esmeralda Negrão (USP)

Heloisa Monteiro Rosário (UFRGS)

Heronides Moura (UFSC)

Ingrid Finger (UFRGS)

Jairo Nunes (USP)

Janaína Weissheimer (UFRN)

João Paulo Cyrino (UFBA)

Juciane Cavalheiro (UEA)

Leonel Figueiredo de Alencar  
(UFC)

Luiz Francisco Dias (UFMG)

Mailce Mota (UFSC)

Marcelo Ferreira (USP)

Marcos Lopes (USP)

Marcus Lunguinho (UnB)

Maria Eugenia Duarte (UFRJ)

Mariangela Rios de Oliveira (UFF)

Pablo Ribeiro (UFSM)

Plínio Barbosa (Unicamp)

Rafael Minussi (Unifesp)

Renato Basso (UFSCAR)

Ronice Muller de Quadros (UFSC)

Ruth Lopes (Unicamp)

Simone Guesser (UFRR)

Simone Sarmento (UFRGS)

Sirio Possenti (Unicamp)

Sonia Cyrino (Unicamp)

Tânia Maris de Azevedo (UCS)

Ubiratã K. Alves (UFRGS)

Vitor Nóbrega (UFSC)

Viviane de Melo Resende (UnB)

## **REVISÃO**

Priscila Francisca dos Santos

## **CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Estúdio Guayabo

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Silvestre, Aline Ponciano dos Santos

"Ai, se eu te pego--" [livro eletrônico] : aspectos prosódicos de estruturas desgarradas em língua portuguesa / Aline Ponciano dos Santos Silvestre. -- Campinas, SP : Editora da Abralín, 2021. -- (Altos estudos em linguística)

PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-16-2

1. Linguística 2. Linguística - Análise 3. Linguística - Estudo e ensino  
I. Título. II. Série.

21-81239

CDD-410


---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990162



As descrições aqui apresentadas trazem contributos tanto para os estudos linguísticos - sobre a interface entre Fonologia e Sintaxe e sobre variação em língua portuguesa - quanto para estudos na área de Educação que lidam com a classificação de estruturas sintáticas.

**ALINE PONCIANO DOS SANTOS SILVESTRE**